



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOSEMARY GALVÃO COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA FÍSICA E VIRTUAL NA  
ERA DA MOBILIDADE NAS TECNOLOGIAS DE  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:  
PESQUISA EMPÍRICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA  
CIDADE DE LONDRINA/PR**

---

Londrina  
2023

JOSEMARY GALVÃO COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA FÍSICA E VIRTUAL NA  
ERA DA MOBILIDADE NAS TECNOLOGIAS DE  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:  
PESQUISA EMPÍRICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA  
CIDADE DE LONDRINA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Rorato Londero

Londrina  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

G182a Galvão-Costa, Josemary .

A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas Tecnologias de Informação e Comunicação : pesquisa empírica em uma escola pública na cidade de Londrina/PR / Josemary Galvão-Costa. - Londrina, 2023.  
124 f. : il.

Orientador: Rodolfo Rorato Londero.  
Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.  
Inclui bibliografia.

1. Presença - Tese. 2. Corpo - Tese. 3. TICs - Tese. 4. Escola Pública - Tese.  
I. Londero, Rodolfo Rorato . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.  
III. Título.

CDU 316.77

JOSEMARY GALVÃO COSTA

**A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA FÍSICA E VIRTUAL NA  
ERA DA MOBILIDADE NAS TECNOLOGIAS DE  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:  
PESQUISA EMPÍRICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA  
CIDADE DE LONDRINA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Rorato Londero  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Barbara Cristina Marques  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 6 de fevereiro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu amor, meu marido e parceiro nessa vida, Eduardo Baccharin-Costa, que sempre esteve ao meu lado com palavras de encorajamento, me impulsionando, me inspirando a ser disciplinada com os horários de estudo e escrita e sendo suporte emocional e financeiro em momentos que precisei reduzir o ritmo do trabalho para poder escrever. E que mesmo com seu tempo escasso e o meu prazo no limite, fez a revisão textual da dissertação.
- Ao meu orientador Rodolfo Rorato Londero que foi um presente durante toda essa trajetória. Não tenho palavras para expressar o quanto sou grata por cada conversa, por me ouvir delirar sem interromper. Pelas palavras de confronto que produziram abalos em minhas “certezas apaixonadas”, que me levaram a lugares novos e inusitados que jamais chegaria de outra forma. Por ser essa pessoa preciosa que está junto e com quem se pode contar.
- Grata pela valiosa colaboração do Prof. Alberto Klein e Profa. Rosane Martins na banca de qualificação dessa Dissertação. Julgo que seus questionamentos foram de grande importância no desenvolvimento do percurso de minha pesquisa. Também agradeço a eles por estarem presentes na defesa e acrescento minhas gratidão aos demais professores convidados à banca final: professores Barbara Cristina Marques e Luiz Carlos Sollberger Jeolás. Obrigado por terem aceitado prontamente o convite e dedicado seu tempo à leitura e análise dessa dissertação.
- A minha amiga-irmã Cláudia Melatti pelo coração aberto aos meus devaneios, pelas longas caminhadas.
- A diretora e a professora da instituição em que a pesquisa empírica foi realizada, por abrirem as portas para que essa pudesse ser concretizada. E a todos os adolescentes que acolheram a pesquisa respondendo os questionários e se abrindo para discussão posterior.
- A minha filha Raíssa, minha enteada Melissa e a cada um de meus amigos por me brindarem com outras atividades que refrigeravam e davam um alegre descanso ao árduo trabalho que é a produção de uma dissertação.
- Aos professores e colegas de mestrado que me instigaram a novas leituras e me desafiaram a mergulhar em novas direções.
- Aos apóstolos Daniela e Adriano José Santos, aos pastores Helen e Alessandro Brunetti e à profetisa Hadassa Lucca por toda palavra, suporte e intercessão. Palavras que me sustentaram e me dirigiram durante toda investigação e escrita desse trabalho.
- Ao meu Criador que me deu vida, ânimo e alegria de investigar sobre o tema proposto. Ao Espírito Santo de Deus que me guiou a cada autor, a cada leitura e em cada passo desse projeto. E a Jesus Cristo de Nazaré por me fortalecer em meio aos desafios, me fazendo lembrar da minha humanidade falha e me capacitando a continuar com sua graça infinita.
- Agradeço a cada um desses por sua presença constante e viva em todo esse percurso até aqui. Ebenézer! Até aqui me ajudou o Senhor!

*Como não se alumbrar com a presença?  
Ela determina a velocidade do tempo  
e a distância da visão  
na virtualidade do universo em que habita.  
Camadas flutuantes  
Fragmento do Ser  
Rastros de mim que se integram  
em um corpo-território  
que (r)existe e insiste  
na concretude e solidez  
no aqui e no agora.  
Josy Galvão*

## RESUMO

GALVÃO-COSTA, Josemary. **A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas Tecnologias de Informação e Comunicação**: pesquisa empírica em uma escola pública na cidade de Londrina/PR. 2023. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

O que se tem visto com o desenvolvimento das tecnologias que permitem mobilidade na telefonia, no acesso à internet, e conseqüentemente na comunicação é a emergência de um ser de múltiplas presenças, cuja própria noção corporal e territorial é ampliada. Esse tem suas percepções mais primitivas conectadas a estas tecnologias, e a cada dia se torna mais dependente delas. A presença, foco principal desse trabalho, é motivo de embate entre autores das mais diferentes áreas. Tanto no conceito quanto na discussão sobre a existência ou não de uma presença virtual por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação. Para tanto, o presente trabalho tem como objetivo geral elencar pontos de coesão nessas visões divergentes a respeito de presença, sua conexão com corpo, território e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e confrontar com os dados da pesquisa empírica. A hipótese inicial dessa pesquisa é que para existir presença, precisa haver corpo físico vivo conectado a ela. Portanto numa videoconferência, ela existe. Com intuito de buscar elementos que poderão servir para construir mais uma parte do amplo conceito de presença foi utilizada como metodologia pesquisa bibliográfica sobre as diversas áreas envolvendo presença, suas variantes ligadas ao virtual, sua ligação com o corpo e com as TICs. Em seguida foram agrupados os conceitos que mais se aproximam e os que mais divergem, passando pela necessidade de uma validação histórica. Principalmente em relação ao desenvolvimento das TICs, as investigações passaram por uma análise documental. Posteriormente, com o objetivo de comparar a pesquisa teórica com dados empíricos, aplicou-se questionários e entrevistas com questões semiabertas em adolescentes do segundo ano do ensino médio de uma escola pública em Londrina. Foram selecionados alunos e uma de suas professoras que tinham pouco contato com a presença virtual por meio das TICs e em função da Pandemia de Covid-19, no ano 2020, foram sujeitos a ela para poderem participar das aulas que foram realizadas de forma virtual, por meio de videoconferência utilizando o programa Google Meet. Para esse estudo de caso decidiu-se o emprego do método da pesquisa qualitativa do tipo grupo focal e para análise dos dados, foi utilizada a metodologia análise do conteúdo. Os resultados da pesquisa empírica confirmaram as divergências encontradas na pesquisa bibliográfica tanto na conceituação de presença como na sua relação com o corpo e território. Foi utilizado como referencial teórico as definições de presença e suas ramificações abordando o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht, Paul Virilio, Jason Jerald, Marvin Lee Minsky, Marshall McLuhan, Pierre Lévy, Cormac Power, entre outros. Ao final, são tecidas considerações acerca do pensamento de tais autores e dos resultados obtidos na pesquisa empírica. E sobre a impossibilidade de separação da presença do ser, por isso ela o acompanha tanto no físico como no virtual por estar ligada à sua essência.

**Palavras-chave:** presença; corpo; TICs; pandemia de Covid-19; escola pública.

## ABSTRACT

GALVÃO-COSTA, Josemary. **The relationship between physical and virtual presence in the era of mobility in Information and Communication Technologies: empirical research in a public school in the city of Londrina/PR.** 2023. 124 p. Dissertation (Master in Communication) – Center for Education, Communication and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2023.

What has come to the fore with the development of technologies that allow mobility in telephone operation, internet access, and consequently in communication, is the emergence of a human beings with multiple presences, whose own bodily and territorial notion is expanded. They have their most primitive perceptions connected to these technologies, and every day they become more dependent on them. Presence, which is the main focus of this study, is a reason for conflict between authors from the most different areas. Both in the concept and in the discussion the discussion on whether or not a virtual presence actually exists through Information and Communication Technologies. Therefore, the present study aims at listing points of cohesion in these divergent views regarding presence, its connection with the body, territory and Information and Communication Technologies (ICT) and confronting these points with data from empirical research. The initial hypothesis in this research is that for presence to exist, there needs to be a living physical body connected to it. So in a videoconference, it exists. In order to search for elements that may serve to build another part of the broad concept of presence, a bibliographical research methodology has been applied to the various areas involving presence, its variants linked to virtual environments, its connection with the body and with ICT. Then, the concepts that are closest and those that are most divergent were grouped, generating the need for historical validation. Especially in relation to the development of ICT, the investigations underwent a documental analysis. Subsequently, with the aim of comparing the theoretical research with empirical data, questionnaires and interviews with semi-open questions were applied to adolescents in the second year of high school at a public school in Londrina. Students and one of their teachers who had little contact with the virtual presence through ICT and due to the Covid-19 Pandemic, in the year 2020, were subject to it in order to be able to participate in the classes that were held virtually, via videoconference using the Google Meet program were selected. For this case study, I have decided to use the focus-group-type qualitative research method and for data analysis, the content analysis methodology was used. The results of the empirical research confirmed the divergences found in the bibliographical research both in the conceptualization of presence and in its relationship with the body and territory. The definitions of presence and their ramifications were used as a theoretical reference, addressing the thinking of Hans Ulrich Gumbrecht, Paul Virilio, Jason Jerald, Marvin Lee Minsky, Marshall McLuhan, Pierre Lévy, Cormac Power, among others. At the end, considerations are made about the thought of such authors and the results obtained in the empirical research. Considerations were also made about the impossibility of separating the presence of the being, which is why it accompanies them both in the physical and in the virtual environments because it is linked to their essence.

**Key words:** presence; body; ICT. Covid-19 pandemic; public school.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	– Equipamentos utilizados para acessar as aulas online .....	61
<b>Gráfico 2</b>	– Experiências com as TICs nas aulas online .....	63
<b>Gráfico 3</b>	– Forma que prefere estar presente .....	66
<b>Gráfico 4</b>	– Existência ou não de algo que faça se sentir presente de forma virtual.....	67
<b>Gráfico 5</b>	– Existe algum aplicativo de bate-papo, jogo ou outro que te faça sentir a presença virtual igual ou mais presente que de forma física?.....	68
<b>Gráfico 6</b>	– Pontos positivos nos relacionamentos nas aulas virtuais.....	78
<b>Gráfico 7</b>	– Pontos negativos nos relacionamentos nas aulas virtuais .....	79
<b>Gráfico 8</b>	– Razão pelo aumento de tempo no smartphone depois que começou a pandemia .....	86

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	–	Histórico das TICs a partir do Computador .....	25
<b>Quadro 2</b>	–	Questões iniciais da pesquisa X perguntas entrevista e questionário.....	65
<b>Quadro 3</b>	–	Presença X existência X experiência .....	66
<b>Quadro 4</b>	–	Presença conectada a atenção.....	69
<b>Quadro 5</b>	–	Presença conectada ao lugar x modo fictício de presença .....	70
<b>Quadro 6</b>	–	Presença - Interação Social x modo fictício de presença, questão 12 .....	71
<b>Quadro 7</b>	–	Presença - Interação Social x modo fictício de presença, questão 14 .....	71
<b>Quadro 8</b>	–	Presença conectada ao professor x modo aurático de presença .....	72
<b>Quadro 9</b>	–	Presença conectada a si x modo literal de presença .....	72
<b>Quadro 10</b>	–	Presença física e virtual X timidez .....	74
<b>Quadro 11</b>	–	Timidez e/ou autoimagem negativa .....	75
<b>Quadro 12</b>	–	Corpo deitado, sedado como classificou Baitello Jr. (2014).....	76
<b>Quadro 13</b>	–	Pontos positivos da aula virtual: não precisar conviver com quem me atrapalha. ....	77
<b>Quadro 14</b>	–	Simultaneidade na resposta sobre relacionamento em sala de aula – ponto positivo aproximação e negativo afastamento.....	80
<b>Quadro 15</b>	–	Adolescentes que apontaram terem ficado dependentes do celular como motivo do aumento do uso.....	85

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	–	Quantificação da idade dos alunos por turma .....	60
<b>Tabela 2</b>	–	Qual equipamento possuía para acessar as aulas de forma online?.....	62
<b>Tabela 3</b>	–	Experiências com as TICs nas aulas online.....	63
<b>Tabela 4</b>	–	Presença virtual equivalente ou superior a presença física .....	69
<b>Tabela 5</b>	–	Tempo livre durante as aulas virtuais.....	82
<b>Tabela 6</b>	–	Atividades que faz durante as aulas virtuais .....	83
<b>Tabela 7</b>	–	Frequência que tem necessidade de checar o smartphone.....	84
<b>Tabela 8</b>	–	Tempo no celular após a pandemia/aula virtual.....	84

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM CORPO E PRESENÇA</b> .....	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>PRESENÇA</b> .....	<b>32</b>
4.1	PRESENÇA DO CORPO.....	45
4.1.1	A Presença Física do Corpo.....	47
4.1.2	A Presença Virtual e Híbrida do Corpo.....	50
4.2	TERRITÓRIOS DE PRESENÇA .....	55
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>59</b>
5.2	PLANO DE ANÁLISE .....	64
5.3	O QUE É ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?.....	66
5.4	EXISTE ALGUMA DIFERENÇA ENTRE ESTAR PRESENTE DE MANEIRA FÍSICA OU DE MANEIRA VIRTUAL EM UM EVENTO? QUAL O LUGAR E O SIGNIFICADO DO CORPO NA ERA DIGITAL? .....	72
5.5	QUAIS MODIFICAÇÕES SERÃO PRODUZIDAS NOS SENTIDOS HUMANOS NA SUA RELAÇÃO COM A TECNOLOGIA E NA INTEGRAÇÃO DESSA AO CORPO HUMANO? QUAL A RELAÇÃO DO TEMPO COM A MOBILIDADE NA COMUNICAÇÃO E NO ACESSO À INFORMAÇÃO? .....	82
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>88</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>93</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>99</b>
	APÊNDICE 1 – Questionário .....	100
	APÊNDICE 2 – Roteiro para entrevista com adolescentes .....	102
	APÊNDICE 3 – Roteiro para entrevista com professora.....	103

APÊNDICE 4 – TCLE para pais ou responsáveis .....	104
APÊNDICE 5 – TALE para estudantes que os pais autorizarem participar.....	105
APÊNDICE 6 – TCLE para professora .....	106
APÊNDICE 7 – Transcrição entrevista com os alunos da Turma 1 .....	107
APÊNDICE 8 – Transcrição entrevista com os alunos da Turma 2.....	109
APÊNDICE 9 – Transcrição entrevista com a professora.....	110
<b>ANEXOS</b> .....	114
ANEXO 1 – Termo de concordância do Núcleo Regional de Educação - Londrina .....	115
ANEXO 2 – Aprovação comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos - Plataforma Brasil .....	116
ANEXO 3 – Parecer comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos - Centro Participante – UEL .....	117
ANEXO 4 – Parecer comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos - Centro Coparticipante – UNICESUMAR.....	122

## 1 INTRODUÇÃO

A virtualidade tem se tornado, cada vez mais, uma camada imprescindível do cotidiano do ser humano contemporâneo. As relações humanas e a percepção de tempo/espaço têm passado por transformações na sociedade atual. A conexão do corpo com o lugar chamado "aqui" e o tempo chamado "agora" tem se desmembrado em várias camadas materiais/virtuais. Isso tem gerado uma fragmentação no (in)divíduo, de tal forma, que as relações "sem corpo material" entraram num movimento crescente e os ecrãs, como são chamadas as telas de computadores, celulares, *tablets* e de demais aparatos eletrônicos utilizados para comunicação interpessoal, passaram a ser o elo entre os seres humanos, tornando a interação face a face cada dia mais "obsoleta" e a "multipresença" uma exigência inesgotável.

Nesse tempo questões como: qual o lugar e o significado do corpo na era digital?; qual a relação do tempo com a mobilidade na comunicação e no acesso à informação?; quais modificações serão produzidas nos sentidos humanos na sua relação com a tecnologia e na integração dessa ao corpo humano?; existe alguma diferença entre estar presente de maneira física ou de maneira virtual em um evento?; o que é estar presente em um lugar?; qual a relação da presença com corpo e território?; precisam ser respondidas para que não sejamos devorados pela "urgência" da presença, pela escassez do tempo, pelo encurtamento dos espaços e pela ocupação exacerbada do tempo presente.

Uma premissa básica dessa pesquisa é considerar a mobilidade obtida no acesso à informação e na comunicação, conquistada pelo desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, uma das responsáveis pelo aumento da ocupação dos espaços virtuais como território paralelo de presença, decisivas no que tange a coexistência do indivíduo no tempo presente e em outros tempos e espaços. Isso se tornou uma das causas da exigência da resposta imediata do (in)divíduo, e da sua "onipresença", se tornando agente ativo na fragmentação do mesmo e roubando-lhe o direito da ausência, do espaço e do silêncio.

A presença, foco principal dessa pesquisa, é motivo de embate entre autores das mais diferentes áreas. Tanto no conceito quanto na discussão sobre a existência ou não de uma presença virtual por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação. Enquanto uns argumentam que a presença virtual mediada pelas TICs

amplia os sentidos e a capacidade do corpo, outros acusam essas tecnologias de serem responsáveis pelo ser humano estar passivo, sentado e sedado em frente a elas. Outros ainda afirmam não existir presença virtual, alegam que presença precisa toque, contato, proximidade dos corpos. Portanto, para eles só existe a presença física.

O objetivo geral desse trabalho é elencar pontos de coesão nessas visões divergentes a respeito de presença, sua conexão com corpo, território e as TICs e confrontar com os dados da pesquisa empírica. Buscando elementos que poderão servir para construir mais uma parte do amplo conceito de presença.

Os objetivos específicos foram levantar referências bibliográficas de diversas áreas envolvendo presença, suas variantes ligadas ao virtual, sua ligação com o corpo e com as TICs. Em seguida agrupar os conceitos que mais se aproximam e os que mais divergem, passando pela necessidade de uma validação histórica, principalmente em relação ao desenvolvimento das TICs, que conduziu as investigações por uma análise documental. Posteriormente, com o objetivo de comparar a pesquisa teórica com dados empíricos, foram aplicados questionários e entrevistas com questões semiabertas em adolescentes do segundo ano do ensino médio de uma escola pública em Londrina. Foram selecionados alunos e uma de suas professoras que tinham pouco contato com a presença virtual por meio das TICs e que em função da Pandemia de Covid-19, no ano 2020, foram sujeitos a ela para poderem participar das aulas realizadas por meio de videoconferência utilizando o programa *Google Meet*. No próximo capítulo será abordado mais detalhadamente sobre a metodologia empregada e sobre alguns critérios de seleção utilizado para escolha dos alunos e professor, que também serão abordados no capítulo 5 em que é feita a análise dos dados empíricos.

A hipótese inicial dessa pesquisa é que para existir presença, precisa haver corpo físico vivo conectado a ela. Portanto, numa videoconferência em que existem pessoas vivas conectadas por meio das TICs, existe presença. Nesse caso a presença virtual. Bem verdade que de forma diferente da presença face a face, em que os corpos físicos se encontram no mesmo espaço físico, mas não há como negar sua existência. Não foi considerada presença virtual aqui, quando não há corpo vivo do outro lado da conexão, como é o caso da fotografia, de um vídeo gravado, da fala gravada e outros semelhantes. Para essa situação, tratamo-la como uma simulação de presença.

A necessidade de pesquisas sobre a relação entre presença física e virtual, do seu lugar, significado e conexões que já se mostrava grande nessa era da mobilidade nas TICs, se tornou ainda mais relevante a partir do surgimento da pandemia de COVID-19. Mesmo as pessoas que não se relacionavam com essas tecnologias, foram arrastadas para elas. Seja pela necessidade de sobrevivência financeira ou pelas demais exigências impostas pelo isolamento compulsório, para evitar o contágio com o vírus, durante um longo período.

As Tecnologias de Informação e Comunicação, que começaram a ser desenvolvidas no final da década de 1960, com a Arpanet<sup>1</sup>, possibilitavam a intercomunicação entre cientistas e militares norte-americanos em meio a polarização entre os Estados Unidos (EUA) e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na Guerra Fria. Começou a engatinhar na década de 1980 se expandindo para a esfera acadêmica nos Estados Unidos e depois para Suécia, Holanda, Dinamarca, Brasil e outros países. Porém, seus primeiros passos para mobilidade foram na década de 1990 com a popularização da Internet e a criação dos primeiros telefones inteligentes, ainda em fase experimental.

Na década de 2000 começou a caminhar de forma segura e compassada, não somente pelo desenvolvimento e propagação dos telefones inteligentes (*smartphones*), mas também pela evolução da tecnologia móvel de comunicação indo da segunda para terceira geração (3G). Hoje as TICs correm e saltam numa velocidade estonteante com focos de criação em várias partes do globo terrestre. Essa trajetória é percorrida no primeiro capítulo, utilizando para fundamentação teórica os autores Francisco Rüdiger (2013), Gordon L. Stüber (2002), Vítor Luiz Gomes Mota et al. (2019), Leonardo Silva (2001), Leonardo Queiroz (2018) entre outros. Nesse percurso passamos pelas categorias que Rüdiger (2013) utiliza para discorrer sobre as posturas que os autores assumem no embate sobre as tecnologias e também pela história da mobilidade nas TICs até os dias atuais.

No segundo capítulo, levantamos algumas definições de presença que Hans Ulrich Gumbrecht apresenta em suas obras de 1999, 2010 e 2015 ligando-as a materialidade do ser. Nele trazemos os conceitos de presença virtual associada às TICs, desde os primeiros vislumbres de Marvin Minsky (1980), que 40 anos atrás cunhou o termo “telepresença”, até visão do pesquisador da interação humano-

---

<sup>1</sup> *Advanced Research Projects Agency Network* – Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados – primeira rede de comunicação por meio de computadores, criada em 1969.

computador Jason Jerald (2015), criador de sistemas e aplicativos realidade virtual/aumentada. Discorreremos também nesse capítulo sobre os três modos de presença cênica apresentados pelo ator Cormac Power (2006), e fazemos um paralelo com a categorização de presença virtual de Jerald (2015) que as chama de quatro tipos de ilusão de presença.

Trabalhamos também questões ligadas a multipresença ou ao hibridismo da presença, pelo prisma de Jerald (2015), André Lemos (2018), Pierre Lévy (2000 e 2015), Marshall McLuhan (2014) e outros. Apresentamos seus imbricamentos com o corpo e o território, e propomos uma discussão sobre alguns elementos acelerados pela pandemia de Covid-19 no processo de virtualização da presença.

Em relação ao corpo físico como forma de comunicação, Ciro Marcondes Filho (2005) enfatiza o papel dos sentidos, do tato, da pele, enquanto Gregory Bateson (2000) trabalha o contraste que muitas vezes há da linguagem falada ou escrita com a linguagem do corpo. Tanto Norval Baitello (2014) como Willyans Coelho e Patrícia Tedesco (2017) fazem reflexões, que trazemos nesse capítulo, sobre como está esse corpo físico, diante da tecnologia, quais os efeitos negativos no corpo e em sua comunicação com o mundo e num contraponto trazemos uma visão oposta dos autores como Pierre Lévy (2000), Romero Tori e Claudio Kirner (2006) que apresentam um corpo potencializado na conexão com as tecnologias. Acrescentamos a perspectiva de participantes da pesquisa do antropólogo David Le Breton (2003) que acham o corpo físico desnecessário, um empecilho para o mergulho total no virtual. Também mencionamos a visão de alguns psicólogos e psiquiatras sobre patologias que estão sendo geradas nesse corpo híbrido, como a FoMO, que é o medo de ficar de fora ou de perder algo ou a nomofobia que é o pavor de ficar sem aparelho celular.

Por fim, encerramos o capítulo discutindo sobre os territórios de presença, trazendo o conceito do geógrafo Rogerio Haesbaert (2021) de corpo como território de presença, para a seguir passarmos pela virtualidade e entramos nas camadas de territórios de presença que Mark Graham (2010) denominou de “palimpsestos” do lugar.

No capítulo 5 apresentamos a análise dos dados colhidos nos questionários e entrevistas, cruzando esses dados empíricos com as perguntas principais da pesquisa e o conceito dos autores investigados a respeito de presença.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa, do ponto de vista dos objetivos, é exploratória. O pesquisador Antônio Carlos Gil (2008, p.27) caracteriza a pesquisa exploratória como um estudo desenvolvido “com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” e possui um tema ainda pouco explorado.

E tem como função principal:

desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. [...]

O produto final desse processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p.27)

Desde a elaboração do projeto de pesquisa e em todo o seu percurso de desenvolvimento, utilizou-se a pesquisa bibliográfica fazendo o levantamento do referencial teórico, a fim de organizar a literatura sobre Tecnologias de Informação e Comunicação, corpo, presença e suas diversas camadas. Também se usou da análise documental para validar as questões históricas ligadas as investigações. Inicialmente as leituras foram nas esferas da comunicação, ciência da computação, antropologia, psicologia, psiquiatria, arte, geografia, sociologia, teatro e educação física, as quais aparecem na contextualização do tema. Posteriormente, com o propósito de confrontar pensamentos de diferentes áreas, foram agrupados os conceitos que mais se aproximavam, e os que mais divergiam. Nesse processo optou-se por manter autores, principalmente, ligados ao viés tecnológico, da comunicação e do teatro, por possuírem mais elementos tanto de conexão como de disparidade. Para isso foram investigados livros, artigos, jornais, documentos históricos e materiais acadêmicos sobre os temas.

A filósofa, socióloga e psicanalista Suely Rolnik (2011, p. 23) afirma que as “paisagens psicossociais também são cartografáveis[...]” e sugere a metodologia cartográfica para isso. Essa serviu de princípio de apoio para os outros métodos e técnicas empregados nesse trabalho, por não ser estática e acompanhar o movimento do fenômeno. A metodologia cartográfica permite que o próprio pesquisador esteja imerso e registre o percurso, os pontos de parada, os platôs

encontrados no caminho. Entre suas etapas, uma gira em torno da descrição de como o pesquisador é afetado em relação ao tema investigado.

Quem vive nessa era, dificilmente não é afetado pelo tema dessa pesquisa. Para pesquisadora que também é atriz, houve inquietações pelas investigações de Constantin Stanislavski, Jerzy Grotowski, Augusto Boal, Bertolt Brecht a respeito da presença do ator conectando-a ao território, a atenção, ao corpo e a memória dos sentidos. Participando desde os 13 anos do grupo Proteu de teatro, da Universidade Estadual de Londrina, pôde experimentar os processos investigativos desses e outros autores que tratavam presença. O que se intensificou a partir dos 18 anos quando, paralelamente aos estudos de teatro, ampliou suas investigações sobre o universo virtual ligado as tecnologias como tecnóloga em processamento de dados, analista de sistemas e professora de informática. Tais funções geraram questionamentos a respeito das variadas concepções de presença. Quando em contato com a metodologia supramencionada, foi identificado como o caminho em que a pesquisa já estava sendo trilhado. Para tanto, o fio condutor cartográfico escolhido nessa trajetória foi a relação entre a presença física e virtual na era da mobilidade nas TICs.

Os pesquisadores Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009,p. 9-10) descrevem o conceito de cartografia, apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em “Mil Platôs”, como “linhas que se condensam em estratos mais os menos duros, mais ou menos segmentados e em constante rearranjo”. Comparam as movimentações das placas tectônicas ao processo de pesquisa.

Conforme os “platôs” se moviam e uma pandemia se instalava no planeta, a pesquisa também se viu abalada. Constatou-se então a possibilidade de investigar mais profundamente o fenômeno com adolescentes que até então não tinham muito contato com as TICs, em função do baixo poder aquisitivo familiar. Mas em razão da pandemia, foram obrigados a adquirirem e se adaptarem a elas para poderem continuar estudando de forma virtual, naquele momento.

A decisão foi selecionar adolescentes de uma escola pública na cidade de Londrina, Paraná. Essa triagem foi feita por meio de diálogos com alguns professores da rede pública, na busca de turmas nas quais a maioria dos estudantes tinham pouco ou nenhum acesso as TICs antes de 2020. Entre as turmas que tinham essa característica elegeu-se duas turmas do segundo ano do ensino médio regular matutino e uma de suas professoras que também precisou passar pelo processo de

aprendizagem de utilização das TICs e ingresso da presença no universo virtual. A maior parte dos estudantes (98%) são nascidos entre 2005 e 2007, anos de popularização das TICs, mas esses não tiveram acesso a elas por não possuírem recursos financeiros para tal. As turmas se diferenciavam nas notas e na participação em sala. Uma delas era mais participativa virtualmente e a outra de forma física.

Para preservar a identidade das turmas e dos alunos, nomeamos as turmas com a letra T seguida pelos números 1 e 2. Sendo a turma 1 (T1) a que tinha notas mais altas e era mais participativa de maneira física e a turma 2 (T2) a que era mais participativa de maneira virtual. A professora denominamos P e os alunos participantes foram identificados pelo número da turma (1 ou 2), seguido pela letra em ordem alfabética correspondente a ordem em que os questionários foram entregues. Vinte e quatro alunos de cada turma responderam ao questionário, portanto foram identificados utilizando as letras de A até a X. Assim, o primeiro aluno a entregar o questionário da turma 1 é nomeado 1A e o último 1X e da turma 2, foram nomeados 2A, 2B, 2C até o último 2X.

Para esse estudo de caso decidiu-se o emprego do método da pesquisa qualitativa do tipo grupo focal, utilizando, para elaboração do questionário prévio, algumas técnicas da entrevista em profundidade, que segundo Duarte (2005, p. 63), possibilita a identificação das “diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”. O que, para o autor, fornece “elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema”. Para coleta dos dados foi feita a aplicação de um questionário (Apêndice 1) por escrito, anônimo. Em seguida, fez-se uma conversa rápida sobre o tema com cada sala, no formato de uma entrevista semiaberta, cujo roteiro-base (Apêndices 2 e 3) teve o objetivo de levantar questões que o questionário não cobrisse e para ouvir o que os estudantes tenham a acrescentar. Posteriormente foi feita uma entrevista semiaberta com a professora com o mesmo objetivo. Foi considerado importante esse tipo de abordagem, após o preenchimento do questionário, por permitir “flexibilidade e por explorar ao máximo o tema” (DUARTE, 2005, p. 63),

A pesquisa foi aprovada pelo Núcleo Regional de Educação – Londrina (Anexo 1), e Pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos – Plataforma Brasil (Anexos 2, 3, e 4).

Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para pais ou responsáveis (Apêndice 4), para os estudantes que os pais autorizarem

participar (Apêndice 5), e para professora dessa turma (Apêndice 6), uma semana antes, deixando claro a voluntariedade em participar e o fato de poder deixar de participar da pesquisa em qualquer momento, caso surgisse mal-estar entre os participantes, ou por outra razão.

Foram também alertados sobre o risco mínimo para saúde emocional caracterizado por constrangimento a respeito das questões sobre a tecnologia utilizada, caso esse não possuísse e/ou tivesse tido necessidade de compartilhar um telefone celular para acompanhar ou ministrar as aulas. No que foram totalmente amparados pela pesquisadora que acompanhou todo processo e esteve disponível para auxiliá-los no que era necessário. Inclusive, garantindo que não precisariam responder qualquer pergunta que pudesse lhes causar desconforto e que não se sentissem bem em responder. Paralelamente, foi informado sobre os possíveis benefícios, ligados a discussão sobre o conceito de presença, que poderia levar o(a) estudante a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com todo seu ser durante as aulas. Sejam essas presenciais ou online. Trazer reflexões a respeito do significado de presença para cada um deles.

Para análise dos dados, foi utilizada a metodologia análise do conteúdo. Essa foi feita nas três etapas sugeridas por Fonseca Jr. (2005, p. 290), sendo a primeira a “Pré-análise” que consistiu na leitura de todas as respostas do questionário escrito, transcrição da discussão proposta em sala e o planejamento das formas de categorizar esses dados (mais detalhado no próximo capítulo 5), montando um plano de análise; a segunda, “Exploração do material” referente a categorização das respostas das duas formas de abordagem, criando índices de indexação que foram utilizados para a terceira etapa de “Tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, estruturando as categorias criadas elaborando quadros e gráficos dos resultados obtidos.

Após a conclusão da pesquisa foi ofertada para escola uma palestra apresentando os resultados obtidos como forma de retorno aos entrevistados e a toda comunidade escolar.

### 3 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM CORPO E PRESENÇA

As noções de técnica, tecnologia e ciência se interligam, como enfatiza Vitkowski (2021, p. 157). Em sua pesquisa em torno desse tripé, o autor desenvolve um estudo profundo sobre os pensamentos de vários estudiosos, desde a origem dessas palavras até a “conjugação entre ciência e técnica, culminando com o cenário da Modernidade Fáustica” (VITKOWSKI, 2021, p. 156). No entanto, não iremos nos aprofundar nessas considerações, por não ser o foco desse trabalho. Mesmo assim, utilizaremos a origem etimológica da palavra tecnologia empregada por esse autor para sua definição. Qual seja: “do grego *techné* = arte e *logos* = discurso, razão” (VITKOWSKI, 2021, p. 175). Assim, como ressaltamos, a síntese da sua investigação aponta para a “experimentação humana” como constituição da tecnologia, sendo que essa “envolve ideias, projetos de transformação da natureza, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder” (VITKOWSKI, 2021, p. 176). E enfatiza o fato de vários campos do conhecimento se entrelaçarem nela.

O grupo de Implantação do Programa Sociedade da Informação no Brasil (integrado por representantes do Ministério da Ciência e Tecnologia, da iniciativa privada e do setor acadêmico), define as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como “tecnologias utilizadas para tratamento, organização e disseminação de informações” (TAKAHASHI, 2000, 176). Tais, são as tecnologias utilizadas para acesso à internet e para armazenamento, processamento e trânsito dos dados. Elas abrangem os equipamentos utilizados para tanto, como computadores, *tablets*, satélite, cabo, fibras ópticas, todos os tipos de aparelhos inteligentes de acesso e interação com a rede mundial de computadores (*smartphones*, *smart tvs*, *smart speaker*, *smart glass*, etc.) e os *softwares* utilizados neles e em tantos outros envolvidos nesse processo.

Portanto, unindo a essência das duas definições, podemos conceituar as TICs como uma trança de vários campos do conhecimento, envolvendo ideias, projetos de transformação da natureza, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder. O ser humano, seu corpo, mente, sua presença estão envolvidos não apenas na criação e desenvolvimento de todos os equipamentos e programas, como também seus projetos, desejos e cobiças foram a origem as TICs.

Na atualidade, os usuários da internet e da telefonia não têm mais necessidade de se locomover até o território físico em que o aparelho, elo dessa conexão, está. Isso porque essas tecnologias não estão mais presas por fios a um território, mas sim livres para serem carregadas, por onde quer que forem, como se fizessem parte de seu corpo, de seu ser – o que para alguns autores, como Marshall McLuhan e Pierre Lévy, de fato, ocorre.

McLuhan (2014), em seu livro *Understanding Media: The Extensions of man*, cuja primeira edição é de 1964, já via as tecnologias como uma extensão do próprio corpo. Também as considerava como “simulação tecnológica da consciência” sendo uma extensão do “processo criativo do conhecimento” (MCLUHAN, 2014, p. 17). Consonantemente a esse pensamento, Lévy (2014) defende não existir essa separação entre tecnologia e ser humano, pois a tecnologia é fruto de seus sonhos, projetada, criada e executada por eles.

Por outro lado, existe uma corrente de pensamento que trata a tecnologia como um elemento mediador, portanto, não sendo parte do ser. Nela estão inseridos autores como o jornalista Harry Pross, as pesquisadoras da utilização das TICs na educação Sandra Regina Santana Costa, Barbara Cristina Duqueviz e Regina Lúcia Sucupira Pedroza, entre outros. Em seus conceitos sobre mediação, eles pressupõem a existência de instrumentos intermediários na comunicação. Pross classifica o tipo de mídia de acordo com a utilização ou não de intermediários entre um ser humano e outro. Ele denominou mídia terciária a relação em que a tecnologia é o mediador utilizado para comunicação. Ainda hoje muitos autores, incluindo Norval Baitello Jr. (2014) e Menezes (2016), utilizam a categorização das mídias criada por Pross em seus estudos. Costa, Duqueviz e Pedroza (2015, p.608) têm a mesma compreensão e destacam a função das TICs como “instrumentos mediadores dos processos de aprendizagem dos nativos digitais”.

Apesar da forma de abordagem desses autores serem distintas em suas definições, uns tratando a tecnologia como instrumento mediador e outros como uma extensão do corpo, quando fundamentam seus conceitos, esses convergem para a tecnologia como fruto do ser humano que a construiu, criação desse para alcançar seus sonhos mais profundos ou para solucionar questões mais superficiais.

Rüdiger (2013, p. 26) apresenta três visões de cibercultura que empregaremos na classificação do embate sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (Figura 1). Ele as denomina como linhas de abordagens: populista

tecnocrática, conservadora midiática e a cibercriticista. A primeira representa os estudiosos que possuem uma tendência a adesão às inovações tecnológicas e que são defensores das suas qualidades. O autor, por seu lado, ressalta no termo “populismo tecnófilo” apontando para o entusiasmo e rápida adesão dos membros dessa categoria as TICs. Justifica esse posicionamento por essa corrente ser formada principalmente por pesquisadores e profissionais ligados às áreas de negócios em comunicação e informática.

**Figura 1** – Abordagens de Rüdiger sobre visões sobre cibercultura/tecnologia



**Fonte:** Elaborado pela autora, com dados extraídos de Rüdiger (2013)

A visão “populista tecnocrática” teve início nos anos 1960, conforme enfatiza Rüdiger (2013), com pesquisadores que se viam num contexto histórico inovador e criam que esse traria mudanças positivas na vida das pessoas. Julgavam as mudanças tecnológicas como produtoras de transformação, nessas formas livres e equânimes de se relacionarem e de raciocinarem, e anunciavam “o surgimento de uma aldeia global, interligada através da comunicação eletrônica via computadores” (RÜDIGER, 2013, p. 27). O autor cita como exemplo o jornalista e palestrante Dan Gillmor e Henry Jenkins, entre outros, que para ele são representantes dessa visão.

O jornalista Dan Gillmor, recebeu em 2002<sup>2</sup> o prêmio de pioneirismo na área, o EFF Pioneer Award, da Electronic Frontier Foundation, organização sem

<sup>2</sup> Tradução nossa. Disponível em: <https://www.eff.org/pioneer/past-winners>

fins lucrativos cujo objetivo é proteger os direitos de liberdade de expressão, “por seu compromisso com relatórios precisos e de ponta sobre questões de cibertecnologia”<sup>3</sup>. Gillmor define seu livro “We the Media” (2004) como o “primeiro livro a explicar o alcance e o significado do que estava se tornando conhecido na época como mídia cidadã” (GILLMOR, 202-). Rüdiger (2013, p. 31) discorre sobre as características desse livro, que para ele, apontam para a linha “populista tecnocrática”. Justifica essa classificação pelo fato de Gillmor ter defendido que as tecnologias de comunicação dão liberdade para qualquer pessoa publicar nas redes, como donas de seu órgão de comunicação. Afinal, elas rompem com o monopólio exercido até então pelas “empresas jornalísticas e de comunicação”. Dentro desse conceito de liberdade de comunicação menciona que os leitores de suas matérias não são mais passivos, e podem interagir com elas, apontando seus erros, trazendo detalhes de um acontecimento que ele não tinha percebido. O que vem a se caracterizar como democratização da informação. Nesse sentido, crê que os sites pessoais podem ser instrumentos de transformação da sociedade.

O pesquisador norte-americano Henry Jenkins ministra cursos<sup>4</sup> de Teorias da Mídia, Cultura Popular na Era da Convergência da Mídia, Animação e Contação de Histórias Gráficas, Mídia em Transição, Ficção científica, Televisão Americana; Uma História Cultural, entre outras no Massachusetts Institute of Technology. Rüdiger (2013) atribui a Jenkins o título de porta voz dessa categoria por esse crer na cibercultura como geradora de cidadãos conscientes e de influência positiva nas instituições econômicas e políticas, e pela inclusão das ideias e imagens das pessoas comuns no curso político.

A segunda linha de abordagem, nomeada por ele como, “conservadores midiáticos”, são praticamente o oposto da primeira. São os que apontam os males causados pela tecnologia. Rüdiger (2013) os chama de “promotores de acusação política e moral do fenômeno” e nessa corrente diz estarem os “acadêmicos literários ou militantes e os intelectuais de formação relativamente mais tradicional”. Como representantes dela cita o jornalista e pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov, e o escritor norte-americano Andrew Keen.

Ao depararmos com os títulos de seus livros é possível perceber as características que Rüdiger quer destacar nessa linha, e que o levou a incluir esses

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/543482.564518>

<sup>4</sup> Tradução nossa. Disponível em: <http://web.mit.edu/~21fms/People/henry3/cv.html>

autores nela. Para elucidar, referimos apenas uma obra de cada: “The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom”<sup>5</sup>, de Morozov; e “O Culto do Amador. Como blogs, myspace, youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores”, de Andrew Keen.

Tanto a visão “populista tecnocrática” como a “conservadora midiática” tem em comum a perspectiva de supervalorização da tecnologia, reputando a ela a capacidade transformadora da sociedade e do mundo. Para melhor ou para pior, de acordo com a linha de abordagem. Em ambas é dado às tecnologias por si só, o poder de influência e interferência no ser humano, na sua cultura, em suas intuições e em tudo que se relaciona a ele. Francisco Rüdiger afirma isso, de outra maneira, em seu livro, “Cibercultura e pós-humanismo”, escrito alguns anos antes de fazer essa categorização. Em suas palavras: os “tecnófilos e tecnófobos compartilham da mesma crença de fundo no poder da tecnologia” (2008, p. 153). Rüdiger (2013) sustenta que não é possível separar as tecnologias do contexto histórico e social no qual estão incorporadas e se constituem.

O autor apresenta ainda, uma terceira perspectiva: os cibercriticistas. Nesse grupo coloca autores como Kevin Robins e Lee Siegel. Para Rüdiger (2013, p.26) os cibercriticistas são definidos “pelo interesse em refletir sobre as conexões entre cibercultura e poder (político, social e econômico)”. São capazes de ver as contradições entre tendências “populista tecnocrática” e a “conservadora midiática” sem se voltar para nenhuma delas. Eles percebem o contexto social e histórico que as tecnologias estão inseridas sem perderem de vista os desafios e dificuldades que essas apresentam.

Rüdiger (2013, p.41,42) também enfatiza que os pesquisadores pertencentes a esse grupo discernem a relação dialética entre as tecnologias e “algo não técnico”, ou seja, os grupos sociais que as utilizam, as projetam num entrelaçar de seus sonhos, crenças, ambições e perspectivas. Salienta que a compreensão desse grupo em relação a “comunicação por meio do computador” concerne tanto ao “campo da atividade tecnológica” como da “ação política e da criação cultural”.

Nesse trabalho, investigamos autores das diferentes abordagens e alguns que oscilam entre uma categoria e outra dependendo do tema tratado. O objetivo aqui não é classificá-los, mas ampliar a visão crítica a respeito do tema.

---

<sup>5</sup> O delírio da rede: o lado sombrio da liberdade na internet, tradução nossa.

Inserimos essa categorização de Rüdiger (2013) para realçar as diferentes vertentes participantes dessa discussão em que as TICs são o pano de fundo.

Abaixo descrevemos, de maneira sucinta, o percurso de algumas dessas tecnologias que foram marco da mobilidade (Quadro 1) na telefonia e no acesso as informações da internet, e conseqüentemente na comunicação.

**Quadro 1 – Histórico das TICs a partir do Computador**

1931	O 1º computador analógico é construído pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology)
1937	IBM fabricou o 1º computador eletromecânico, o MARK I
1943	COLOSSUS I - 1º computador eletrônico digital a válvula (Inglaterra)
1946	Eniac, primeiro computador eletrônico, começa a operar, nos Estados Unidos.
1947	A Bell Company começa a substituição das válvulas elétrica pelos transistores.
1950	John Von Neuman, Arthur Burks e Hermn Goldstine desenvolvem a lógica dos circuitos, conceitos de programas e operações por números binários utilizados até hoje
1951	O UNIVAC I, 1º computador a utilizar os conceitos de Von Neuman, é produzido em escala comercial
1953/1957	Desenvolvimento das redes de transmissão de dados entre computadores.
1964	Começa a era dos microcomputadores, para uso profissional.
1969	Início da Arpanet, primeira rede de comunicação por meio de computadores.
1970	A Intel introduz os primeiros circuitos integrados (chips).
1974	Começa a era dos PCs (computadores pessoais), com o Altair 8080.
1975	Bill Gates e Paul Allen começam a criar programas para computadores pessoais.
1976	Steve Jobs e Steve Wosniak, visando ao mercado não corporativo, criam a Apple.
1981	O IBM PC começa a era da computação pessoal profissional.
1982	Início da internet, protocolo de ligação entre as redes de computadores.
1984	Lançamento da ideia do computador como bem de consumo para uso doméstico, com o Apple Macintosh.
1991/1992	Tim Berners-Lee coordena a criação da world wide web, ambiente para compartilhamento de documentos multimídia via internet
1994	Criação do primeiro telefone inteligente introduzido pela BellSouth e projetado e construído pela IBM
2001/2002	Tecnologia 3G (3ª Geração) permite que os telefones móveis tenham acesso à internet.
2007	Lançamento dos primeiros telefones móveis inteligentes ( <i>smartphones</i> )
2009-2014	Implantação da tecnologia 4G, de forma comercial, no mundo iniciando pela Suécia em 2009.
2019-2022	Tecnologia 5G começa ser implantada em vários países começando pela Coreia do Sul e Filipinas

**Fonte:** Elaborado pela autora, com dados extraídos de Rüdiger(2013), Microsoft(2009), Stüber(2002), Mota et al. (2019), Silva (2001).

De acordo com os autores mencionados no quadro anterior (Quadro 1), a telefonia móvel se propagou de forma comercial no Brasil e no mundo na década de 1990, com os históricos “tijolares”, como foram apelidados carinhosamente esses dispositivos de comunicação móvel. A denominação era um neologismo dos termos “tijolo” e “celular”, pois seu peso e tamanho podiam ser comparados a um tijolo. Nesse período, eles faziam apenas ligações telefônicas, ainda não funcionavam como extensão do corpo, pois, pesavam entre 500g e 800g, eram caríssimos, e com uma bateria que durava de 20 a 30 minutos. Somente alguns anos depois, na segunda geração (2G) de telefonia móvel, que os teclados passaram a ser alfanuméricos. Também foi possível para os usuários desses transceptores móveis, graças a tecnologia GSM (*Global System for Mobile Communications*), entre outras, transmitir 128 caracteres, passando logo em seguida para 160 caracteres, por mensagens via SMS (*Short Message Service*). Isso proporcionou uma forma de comunicação por breves mensagens de texto, tornando mais acessível a utilização pois o custo de envio de mensagens era bem menor do que os altos custos da ligação de voz entre celulares, na época.

No mesmo período, o desenvolvimento na criação de dispositivos móveis para armazenamento, utilização e processamento de dados para acesso pessoal era grande. Um exemplo disso foram os PDAs (*Personal Digital Assistants*) assistentes pessoais digitais, também conhecidos como *Palmtops* ou *Handhelds*. Eles eram pequenos aparelhos que cabiam na palma da mão, como o nome sugere. Traziam consigo uma caneta própria, e com ela era possível introduzir os dados. Funcionava como agenda telefônica, de endereços, *planner* (para planejamento diário), bloco de notas e de tarefas e permitia a instalação de alguns *softwares* para cálculo, edição de texto e jogos simples que podiam ser jogados utilizando o teclado ou a caneta. Seus dados podiam ser atualizados ou armazenados em um outro computador mais potente seja esse de mesa ou portátil.

A primeira empresa a juntar as funcionalidades de telefonia com as de processamento de dados foi a IBM, na década de 1990. Foi ela quem criou o primeiro telefone inteligente, o Simon. O aparelho trazia muitas inovações, algumas das quais foram inspiração para os atuais *smartphones*. Tinha, por exemplo, opção de toque na tela, apresentada como novidade quinze anos depois da sua criação (treze depois da sua chegada às mãos dos usuários). Porém, em função de vários problemas apresentados, como a duração de sua bateria, que era de uma hora, e de

seu alto custo, não se popularizou e acabou morrendo na mesma década que nasceu. Somente no início do segundo milênio empresas, como Ericsson, Nokia, Motorola, Palm, LG, entre outras, deram continuidade a criação dessa tecnologia que unia processamento e armazenamento de dados com telefonia. Também é o caso da RIM (*Research in Motion*), que denominou BlackBerry seus *smartphones*. Apesar da limitação de suas funções, já possuíam capacidade de acesso à internet, opções de navegação na rede, utilização de e-mails, agenda telefônica, calculadora, música e jogos que exigiam pouco da resolução gráfica.

No auge do sucesso dessas empresas, a LG e a Apple deram um salto no avanço em relação ao desenvolvimento das tecnologias de mobilidade na comunicação, no armazenamento e processamento de dados em um mesmo dispositivo. A LG, que já trabalhava com a telefonia móvel, em parceria com a Prada no desenvolvimento do design, ganhou o prêmio “*Best of the Best*” com o seu *smartphone* LG-KE850, também conhecido como Prada Phone LG. Apesar disso, ele não teve a mesma propagação e nem ficou tão conhecido como marco de mudança, se comparado ao iPhone, como foi denominado o *smartphone* desenvolvido pela Apple, embora tivessem praticamente as mesmas características. A causa mais provável para o insucesso pode ter sido o fato de custar quase o dobro do iPhone, e ser voltado para um público tão seletivo quanto o que compra os produtos desenvolvidos pela grife italiana Prada, nome sempre relacionado ao luxo e a produtos para a classe mais alta da pirâmide social desde o início do século passado.

Por outro lado, e mesmo custando mais caro do que os outros concorrentes da época, mas quase metade do valor do Prada LG, a Apple desenvolveu em parceria com Yahoo, Google e a empresa de telecomunicações AT&T (*American Telephone and Telegraph Corporation*) seu primeiro *smartphone*, classificado por Steve Jobs (co-fundador, presidente e diretor executivo da Apple), em seu lançamento em 2007, como um dispositivo que abrigava três outros produtos em apenas um. O telefone móvel, o iPod (nome do reproduzidor de mídia portátil da Apple) com tela ampliada e controles sensíveis ao toque, e o navegador da internet que Steve Jobs chama de “*Breakthrough Internet communicator*”<sup>6</sup>, apontando para uma quebra de barreira na comunicação e ao acesso a rede mundial de computadores.

---

<sup>6</sup> Steve Jobs (2007, 2min10seg).

O aparelho utilizava o sistema operacional OS X, antes usado apenas nos computadores da Apple, que possibilitou melhor desempenho de multitarefas, assegurando qualidade na execução de áudios, vídeos e animações. Com a novidade de que as mídias (fotos, música, vídeos, *podcasts*, *audiobooks*, filmes, séries de TV, entre outras), podiam ser sincronizadas automaticamente com o computador quando conectado, como já acontecia com os iPods.

O recurso possibilitava a navegação na internet, e a visualização dos *sites* era parecida com a que se tinha nos computadores, permitindo abrir mais de uma guia de navegação ao mesmo tempo e alternar entre elas. Possuía sensores ainda não vistos nesses tipos de dispositivo, como os de proximidade e de luz, que inicialmente foram criados para ajustar a luminosidade da tela com a luz ambiente, tendo como um dos objetivos a economia de bateria.

Esse novo aparato também fazia ligações telefônicas, que poderiam ser feitas tocando nos números do teclado que apareciam na tela ou no nome do contato desejado, a partir de um deslizar na lista completa de contatos provenientes de um cadastro feito no próprio aparelho ou da sincronização com o computador. Tinha funções que permitia colocar uma chamada em espera para atender outra ou colocá-las em uma áudio-conferência, ou ainda enviar fotos por e-mail enquanto uma ligação era atendida.

Possuía uma câmera fotográfica embutida com uma resolução excelente para um *smartphone* da época e com um aplicativo para armazenar e acessar as fotos que permitia ampliar a visualização dos detalhes, apenas tocando com os dedos sobre o local a ser ampliado, deslizando-os numa abertura distanciando um do outro. Relatado dessa maneira parece banal, hoje em dia, uma vez que são elementos considerados cotidianos na utilização de qualquer *smartphone* atual, mas que na primeira década desse milênio eram completamente inusitadas.

Ter tudo literalmente ao alcance das mãos, sendo a ação de tocar na tela, deslizar o dedo sobre ela e outros gestos, uma das suas maiores inovações. O teclado de botões externos foi retirado, aumentando assim o tamanho da tela e suprimindo a necessidade do uso de canetas, sem as quais os PDAs de até então não funcionavam. O usuário foi levado a uma experiência tátil com seu aparelho de comunicação, armazenamento e processamento de dados, gerando a ilusão de uma comunicação não mediada. O médico e professor da *Universidad Nacional de Córdoba*, Carlos Gabriel Presman destaca o tato como “o mais estendido dos

sentidos” (PRESMAN, 2015, p.177). Não simplesmente pelo fato de por meio dele ser possível “determinar a pressão, o frio ou o calor, a aridez ou a umidade, a aspereza ou a suavidade, a dureza ou a maciez, o amor ou a dor, entre outros” (PRESMAN, 2015, p.177), mas afirma que:

[...] as maiores concentrações de receptores estejam nas pontas dos dedos, no clitóris, no pênis, nos mamilos, nas palmas das mãos e na língua. Sensibilidade e sentimentos vão de mãos dadas, e também estão junto a outras áreas anatômicas. (PRESMAN, 2015, p.177)

Consequentemente a partir de então, a relação com os *smartphones* passou a ser muito mais íntima. As pontas dos dedos, cheias de receptores, em contato direto tocando as imagens do desejo, podendo deslizar juntas ampliando os detalhes da sedutora mercadoria que o invoca na tela. Uma evolução marcante nas TICs tem um crescimento a partir daí.

No ano seguinte, 2008, a Google lança o sistema operacional Android sendo executado em um *smartphone* da empresa taiwanesa HTC (High-Tech Corporation). Contudo, logo em seguida, ela disponibilizou o sistema gratuitamente e com o código aberto “para qualquer empresa que quisesse produzir *smartphones* baseados no sistema Android” (QUEIROZ, 2018, p. 56-57).

A Samsung, a Sony e a maior parte das empresas produtoras de *smartphones* começaram a utilizar esse sistema, vinculado a Google por meio da sua loja de aplicativos. Isso fez com que esse sistema operacional se popularizasse, se tornando, na atualidade, o mais usado no planeta. Em 2020, foram vendidos cerca de 1,38 bilhões de *smartphones* no mundo e mais de setenta por cento deles funcionava com sistema Android (STATISTA, 2021). Em 2020 segundo o portal de estatísticas e infográficos Statista (2021), o número de *smartphones* acessando a internet era de 6,05 bilhões, quase um para cada habitante do planeta, independentemente da idade ou condição social.

Cada geração de tecnologia sem fio traz seus avanços e mudanças em termos de velocidade, alcance e conquistas em relação à geração anterior. A tecnologia 5G está no início de sua implantação no Brasil. Em novembro do ano passado, segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), houve a maior oferta de espectro e o maior leilão relativo a telecomunicações da América Latina, no pregão da tecnologia de quinta geração (5G) no Brasil. Conforme Anatel (2021), as empresas que arremataram os espectros se comprometeram a cobrir as capitais de

Estados e o Distrito Federal até 31 de julho de 2022, cobrir 10% das rodovias federais até 2023 e 100% até 2028, e um compromisso de conectar todas as escolas públicas até a vigência do contrato específico de cada área.

Vários pesquisadores do mundo já estão voltados para a próxima geração, a 6G e as novas experiências sensoriais que serão oferecidas virtualmente por ela. Exemplo disso são os pesquisadores Padhi e Charrua-Santos (2021), entre outros, que estudam a implantação do 6G como alternativa de ações que envolvem a transmissão/recepção dos sentidos e holográfica para monitorar a saúde e atender pacientes de forma remota. A Ericsson (2022), uma das líderes mundiais na área de tecnologia da informação e comunicação, que investe parte significativa de suas vendas em pesquisa e desenvolvimento, programa seu projeto de internet dos sentidos para o ano de 2025.

Em meio a guerra das superpotências de telefonia e de desenvolvimento de *softwares*, que continua num crescente inumerável, estão os consumidores que fazem desse aparelho parte das suas vidas cotidianas e quase um membro do seu próprio corpo. As experiências virtuais dos usuários desses e de outros aparatos de acesso à rede mundial de computadores se tornaram tão tocáveis como as vividas no mundo material, fazendo parte das suas memórias e de suas histórias.

Por outro lado, muitos por não possuírem recursos financeiros para terem acesso a essa tecnologia foram excluídos do processo. Um exemplo disto é o que aconteceu com um número significativo de alunos das escolas públicas. Por não possuírem nem computador ou *smartphone* e muito menos internet em suas casas para poderem acompanhar as aulas por videoconferência e tirarem suas dúvidas, foram seriamente prejudicados no seu ano letivo.

Desses alguns conseguiram adquirir equipamento ou utilizaram os equipamentos de familiares. Na nossa pesquisa empírica, quando foi perguntado a professora: “10) O que os alunos relataram para você sobre os computadores e celulares que possuíam ou tiveram que adquirir, forma que utilizaram?” (Apêndice 3), ela fez um relato como resposta que retrata essa realidade:

*Foi uma confusão isso. Uns tiveram que comprar. Teve aluno que no meio do processo parou de vir porque o celular pifou. E tinha que esperar a mãe poder comprar. Não tinha dinheiro. Pandemia. Escola pública não foi fácil assim não. Quebrava o computador e falavam: “Professora, quebrou o computador, perdi a avaliação, posso fazer depois?”. Muitos casos, muitos casos. Pouquíssimos já tinham*

*computador em casa. [...] (P, Apêndice 9).*

E a própria professora entrevistada também não tinha muita intimidade com as TICs antes de precisar ministrar suas aulas online por causa da pandemia. Em uma de suas respostas é possível observar essa característica:

**6) Comente como foi a experiência das aulas online para você?**

Foi muito sofrido. Eu fui obrigada a aprender usar o *Meet*, como também os colegas. Dois professores que tinham mais habilidade deram a mão para os professores que não sabiam. Foi uma situação de emergência, da noite pro dia a gente teve que aprender. Mesmo assim ficou aquela coisa meio engessada, diferente de sala de aula que dá para criar outras situações [...]. E para aprender aquilo ali foi muito doloroso pra mim. (P, Apêndice 9).

Os adolescentes e professora entrevistados fazem parte desse grupo que pela primeira vez experimentou uma fatia grande do seu dia ocupada pela experiência no universo virtual empregando as Tecnologias de Informação e Comunicação para acessá-lo. Fosse nas aulas pelo *Google Meet* ou nas atividades que precisavam fazer na plataforma de ensino e aprendizagem *Google Classroom*, e também na utilização da internet em suas pesquisas. Como eles, durante a pandemia do Covid-19, muitos por estarem em isolamento social pelo risco de contágio da doença, e não tiveram outra opção a não ser utilizar as TICs para estudar, trabalhar, se divertir e se relacionar socialmente. E assim pouco a pouco as Tecnologias de Informação e Comunicação foram ampliando sua ocupação do tempo e do espaço nas relações contemporâneas.

## 4 PRESENÇA

É possível dizer que a presença em uma reunião na qual todos estão fisicamente em uma sala, é a mesma presença envolvida em uma reunião virtual realizada por meio dos aplicativos de videoconferência, como *Google Meet*, *Zoom*, *Skype*, *Microsoft Teams* e outros tantos existentes atualmente? Ou ainda, é possível afirmar que um abraço virtual é igual a um abraço físico? Existe alguma distinção entre a presença de uma pessoa em um lugar fisicamente e sua presença virtual, mesmo que de forma holográfica, no mesmo lugar? Essas perguntas inquietam os pesquisadores que estudam a questão da presença na contemporaneidade, especialmente quando se trata da sua relação com a tecnologia.

Na literatura, a presença na comunicação virtual é classificada por alguns autores como Klenk (1998), Baitello Jr (2014), entre outros, como "perda do presente". Sobre ela levantam-se questionamentos da escolha do mundo virtual como lugar de presença ao invés do lugar onde se está presente com o corpo físico, no ambiente físico/material. Já outros autores como Jerald (2015), Lemos (2018), entre outros, falam da presença virtual ocupando dois ou mais espaços simultaneamente, entre eles o espaço físico, uma "multipresença". Mesmo compreendendo que a presença aqui abordada está conectada ao corpo físico/material do ser em questão, e sem querer caminhar para nenhum tipo de visão dualista, mas para fins de estudo, como forma de tratar a respeito dessas distinções, usaremos os termos "presença física" quando a maior parte da presença da pessoa estiver focada no território em que está seu corpo físico; e "presença virtual" quando a maior parte de sua presença estiver voltada para o território virtual, seja numa videoconferência, num jogo ou simplesmente navegando entre os bilhões de sites existentes hoje na internet. O virtual a que nos referimos nesse trabalho está sempre conectado às TICs como mediadora das relações.

A percepção de tempo/espaço e as relações humanas e têm passado por transformações na sociedade contemporânea. A conexão do corpo com o lugar chamado "aqui" e o tempo chamado "agora" tem se desmembrado em várias camadas física/virtuais. Isso pode ser um dos responsáveis pela fragmentação do (in)divíduo dessa era. Esse tem sua atenção dividida entre o território físico e o virtual numa presença que se multiplica em lugares e focos de atenção, uma multipresença. A definição do termo multipresença que utilizamos nesse trabalho se aproxima da

afirmação de Norval Baitello Jr. (2014). Para o autor, o ser humano dessa era vive tantos presentes que não consegue consumir o ato presente como tal. Nessa diluição temporal e existencial, as relações sem a presença do corpo físico/material têm crescido nas mesmas proporções das tecnologias.

Esse crescimento, já grande com os avanços tecnológicos, acelerou ainda mais, a partir de 11 de março de 2020, data que a COVID-19 foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia, conforme descrito em PAHO (2021). O Brasil e o mundo entraram numa dinâmica de isolamento social, gerando a necessidade de acesso e utilização dos meios digitais de comunicação de uma forma jamais vista até então. O que começou com funcionários sendo obrigados a improvisar e adaptar suas residências para receber a demanda exigida pelas empresas, a fim de continuarem trabalhando sem saírem de casa, se ampliou com a necessidade das compras de suprimentos básicos e outros artigos pela internet. Conforme o vírus se alastrou, meses depois, quando o número de mortes aumentou e ficou claro que a pandemia não acabaria tão cedo, essas relações sem a presença física exacerbaram.

Os “territórios virtuais” deixaram de ser lugar de permanência apenas da geração que Prensky (2001) denominou “nativos digitais” e das pessoas que trabalhavam ou se divertiam nos meios digitais. Porém, todas as gerações que, antes disso, ainda resistiam à coação para aceitarem as mediações das novas tecnologias como única forma de vida nesse planeta, foram então, definitivamente arrastadas para esse universo.

Na educação, o formato das aulas, desde a Educação infantil até os mais diversos cursos de Pós-graduação, passou a ser com a utilização dos *softwares* de videoconferência. Variados tipos de consultas, com profissionais da área da saúde física ou mental, precisaram ser mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Mesmo normas inflexíveis como as que exigiam a presença física foram afrouxadas, como, por exemplo, a necessidade da presença física de estudantes na sua formatura ou colação de grau, para que fosse apto a receber o diploma. Ou ainda a exigência da presença física do doutorando na defesa de sua tese, que, também em decorrência da pandemia acabou-se aceitando a presença virtual. Exemplos que expressam como a presença virtual passou a ser considerada similar à presença física, a ponto de substituí-la ou dispensá-la.

A presença é vista por alguns pesquisadores como inteireza da matéria. Outros transcendem a matéria e veem partes distintas que se unem para essa completude da presença. Ou seria uma presença estendida? Seja por qual definição se opte, a presença permite que o ser seja considerado presente em tantos eventos e compromissos em diversas partes do planeta, inclusive simultaneamente se ele assim o quiser. Seja em reuniões, cursos remotos, palestras, congressos ou apenas jogando ou fazendo uma excursão por estruturas virtuais de arquiteturas tridimensionais que permitem ir à presença de amigos na casa de um deles ou juntos visitar a muralha da China, o Teatro Municipal no Rio de Janeiro, as Pirâmides do Egito, o passeio de balão na Capadócia. Também pode-se ir aos mais belos jardins botânicos, museus, cidades, clubes e lojas do mundo, ou ainda fazer compras juntos numa galeria de arte em alguma plataforma de experiências virtuais imersivas no metaverso. Tantas alternativas e simultaneidade de presenças nos levam a redimensionar a própria questão temporal e a relação que implica os termos corpo-território-presença-tecnologia, por exemplo.

Dada a multiplicidade de opções que se apresentam ao ser humano dos tempos atuais, o estudo sobre presença, assim como o da tecnologia, território e corpo, também se desdobram em diferentes visões. Dessas, iremos elencar alguns representantes de destaque aqui para agruparmos elementos comuns e díspares para melhor compreensão e análise do todo.

Definir presença não é uma tarefa simples. Mesmo no dicionário, onde o termo não está inserido no calor do debate em torno da sua definição, a palavra vai além do fato de algo ou alguém estar em um território ou de seu comparecimento em algum evento. Houaiss (2009, p. 1546), por exemplo, define presença também como a condição de existir em algum lugar, “existência”. Esse último conceito é o que mais se aproxima da abordagem dada por Hans Ulrich Gumbrecht sobre o tema. O autor, que tem o conceito de “presença” como um dos focos dos seus estudos, enfatiza a sua relação com a concepção de sujeito, objeto e coisa. Ele aborda o conceito espacial e material de presença com o objetivo de recuperar a própria existência material do ser. Sua abordagem trata do “Ser heideggeriano”, descrito pela filósofa Sabrina Ruggeri (2015) como “um Ser com substância que se apresenta como uma coisa” e que em razão disso, “ocupa lugar no espaço” (RUGGERI, 2015, p. 126).

Quando Gumbrecht estabelece uma simetria entre presença e existência, algumas vezes associa essa relação com a de um “observador-

participante”, atributo que o autor conecta ao conceito do termo alemão *Erleben*, em seu livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Conceito esse que considera chave na filosofia fenomenológica e que diferencia de experiência (*Erfahrung*) e de percepção (*Wahrnehmung*). Detalhando-o, ele menciona que:

Enquanto a ‘percepção’ se refere à mera apreensão de mundo pelos sentidos, a ‘experiência’ abrange tanto o ato quanto o resultado da interpretação do mundo apreendido com base no conhecimento previamente adquirido. A *Erleben* está situada entre a ‘percepção’ e a ‘experiência’. Ela acrescenta à percepção o foco naquilo que está sendo percebido, mas não inclui a interpretação (GUMBRECHT, 1999, p. 242).

Em sua obra “Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea”, o autor compreende presença como à proximidade de algo material em relação ao corpo. Em suas palavras: “[...] por ‘presença’ pretendi dizer – e ainda pretendo – que as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos ‘toquem’ diretamente ou não, tem uma substância” (GUMBRECHT, 2015, p. 9). Portanto, para o autor, presença tem possibilidade de toque, tem constituição material, substância. Ao mencionar a “proximidade aos nossos corpos”, Gumbrecht estabelece uma relação espacial, conexão que, anos antes desse comentário, já aparecia em sua obra:

A palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa ‘presente’ deve ser tangível por mãos humanas – o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos (GUMBRECHT, 2010, p. 13).

Gumbrecht (2010) conecta presença ao território físico, quando a dispõe numa “relação espacial com o mundo”, e ao mesmo tempo se opõe à atribuição de sentido aos fenômenos que vá além ou fique aquém da sua presença física/material. Ele trata da substancialidade dela. Não analisa a existência dessa substancialidade numa relação tecnológica.

Porém, sem utilizar nenhum termo que relacione presença a virtualidade, em seu livro lançado em 1997 nos Estados Unidos, em que faz uma investigação histórica do ano 1926, o autor narra uma história representada por uma imagem no livro *Fernbildtechnik und Elektrisches Fernsehen*, de Peter Lertes, sobre um oficial uniformizado que pilota cinco aviões militares, sem tripulação, por uma

manivela, um “painel de controle de um receptor de rádio” e uma tela particionada em seis na sua frente, reproduzindo vídeos simultâneos do que está acontecendo no local onde está o seu esquadrão aéreo. Imagens essas que são capturadas por câmeras que aparecem no desenho do avião que vai a frente, descritas pelo autor como “cinco ‘olhos eletrônicos’ na forma de lentes que apontam para esquerda e para direita, para cima e para baixo, para frente e para trás” (GUMBRECHT, 1999, p. 91). Essa ilustração feita há quase cem anos, retrata a presença virtual desse militar, que na comodidade de sua poltrona, longe do risco da guerra, está em ação. Mas Gumbrecht (1999, p. 92), considera a presença desse “oficial na cena de batalha – presença como um agente, mas não necessariamente como um corpo”. Para o autor o conceito de presença sempre envolve proximidade física.

Gumbrecht (2010, p. 169) questiona se o estado pleno da serenidade, o *Gelassenheit*, não seria o “estado perfeito de presença” e define essa circunstância da presença como a “intensidade de querer ser e de estar ali, sem qualquer efeito de distância”. Num exercício bastante próximo de um devaneio sobre como atingir uma “presença-no-mundo” sugere que se pudessem ser isolados:

[...] fortes sentimentos individuais de alegria ou de tristeza – e concentrando-nos neles com nossos corpos e nossos pensamentos; deixando que este sentimento diminua a distância entre nós (o sujeito) e o mundo (o objeto) até o ponto em que a distância possa transformar-se subitamente num estado não mediado de estar-no-mundo (GUMBRECHT, 2010, p. 170).

Apesar da temporalidade não ser o foco principal de Gumbrecht em relação à presença, ele menciona o tempo presente sobre algumas perspectivas. Entre elas destacam-se duas que se opõem. A perspectiva do tempo presente estreitado, apresentado pelo historiador Reinhart Koselleck, que Gumbrecht (2015, p. 15) classifica como o “habitat epistemológico do sujeito cartesiano” pelo viés do tempo histórico e cronológico, e a perspectiva de um presente amplo que se expande em simultaneidades em direção ao futuro e ao passado em dinâmicas que geram um campo de tensão à medida que rumam para direções opostas. Mas esse presente que se tornou “uma dimensão de simultaneidades que se expandem” (GUMBRECHT, 2015, p. 16) também pode ser considerado, pela perspectiva cartesiana apresentada pelo autor, um presente de transição instantânea. Pois apesar de se expandir por sua simultaneidade, também acaba se tornando uma breve passagem comprimida entre

um passado que invade o presente com imagens e textos do passado trazidos pelas lembranças oferecidas pelas redes sociais do (in)divíduo e das pessoas que esse segue, e um futuro que descreve como ameaçador e fechado às possibilidades.

Gumbrecht (2015, p. 17) coloca também nos eixos de esticamento em um dos lados “a insistência na concretude, na presença da vida humana, em que o eco da crítica cultural se funde com os efeitos do novo cronótopo” e do outro a abstração do corpo, do espaço e “do contato sensorial com as coisas do mundo”, o que o autor chama de “espiritualização radical”. Embora se posicione claramente ao lado da matéria, dizendo ter o direito de habitar seu refúgio no “amplo presente” longe das abstrações das novas tecnologias, ele admite a existência disso que aqui chamamos de presença virtual, mesmo não concordando com essa concepção, e, por extensão revelando-se um cético em relação ao conceito de presença, sem a necessidade de um toque sensorial.

Já em relação a temporalidade Gumbrecht (1999, p. 237), salienta que a cada dia que passa “parece que ter tempo é impedir o mundo de entrar em colapso” e em *Nosso amplo presente* questiona sobre a sensação de inevitabilidade do novo e a rapidez do ser humano em aceitá-lo sem questionar, afirmando que:

[...] não é possível ‘fugir’ dos ritmos e das estruturas que constituem o nosso presente globalizado, nem das suas formas de comunicação; mas, ao mesmo tempo, é importante agarrarmo-nos firmes à possibilidade de o conseguir, na medida em que isso nos dá uma alternativa àquilo que aceitamos demasiado rapidamente como ‘normal’ (GUMBRECHT, 2015, p. 12).

Gumbrecht (2015, p. 12-17), quando enfatiza a importância de resistir aos “ritmos e estruturas que constituem o nosso presente globalizado” [...] “suas formas de comunicação”, não os aceita de forma acrítica como se sempre tivessem existido. Quando se opõe ao que ele chama “abstrações das novas tecnologias” expressando o desejo de fugir para um esconderijo seguro no “amplo presente”, aponta para a escolha da presença como forma de defesa contra essa aceleração. Reafirma ideias que enunciava no milênio anterior sobre a presença, ou esse “estado perfeito de presença”, a “intensidade de querer ser e de estar ali, sem qualquer efeito de distância” (GUMBRECHT, 1999, p. 169), como alternativa, para o autor, para ter tempo e conseqüentemente, “impedir o mundo de entrar em colapso” (GUMBRECHT, 1999, p. 237).

Mesmo o conceito de presença de Gumbrecht ser em relação ao material, ao toque físico, ele se aproxima muito de definições acerca da presença virtual por autores ligados à área da computação e do teatro.

Marvin Minsky, co-fundador do MIT (Laboratório de Inteligência Artificial do Instituto de Tecnologia de Massachusetts), foi um dos pioneiros no estudo da presença virtual. No início dos anos 1980 ele cunhou o termo “telepresença” para o que hoje é conhecida como presença virtual:

[...] ‘telepresença’, nome sugerido pelo meu amigo futurista Patrick Gunkel. A telepresença enfatiza a importância do feedback sensorial de alta qualidade e sugere instrumentos futuros que sentirão e funcionarão tanto como nossas próprias mãos que não notamos nenhuma diferença significativa (MINSKY, 1980, tradução nossa).

Esse cientista já vislumbrava, no final da década de 1970, a internet tátil e cognitiva, que ainda está sendo testada atualmente, em jogos e por cientistas área médica como Padhi e Charrua-Santos (2021), com experiências ligadas a 6ª geração do sistema de tecnologia móvel. Quando Minsky descrevia a presença virtual por meio de tecnologia, ele não analisava apenas o que era possível na época, mas discutia a construção de equipamentos e programas que possibilitassem o aumento da “telepresença”, apontando para as vantagens da sua existência, livrando os seres humanos de trabalhos em lugares radioativos e insalubres, liberando tempo para o crescimento das atividades criativas, entre outras:

Você veste uma jaqueta confortável forrada com sensores e motores semelhantes a músculos. Cada movimento de seu braço, mão e dedos é reproduzido em outro lugar, por mãos móveis e mecânicas. Leves, hábeis e fortes, essas mãos têm seus próprios sensores através dos quais você vê e sente o que está acontecendo. Usando este instrumento, você pode “trabalhar” em outra sala, em outra cidade, em outro país ou em outro planeta. Sua presença remota possui a força de um gigante ou a delicadeza de um cirurgião. Calor ou dor são traduzidos em sensação informativa, mas tolerável. Seu trabalho perigoso se torna seguro e agradável (MINSKY, 1980, tradução nossa).

Paul Virilio, um dos muitos autores que utilizou o termo telepresença, na época, em seu livro “O espaço crítico” relaciona a distância produzida por esse tipo de presença com a superficialidade, considerando-a uma presença sem profundidade, intermitente em intervalos de tempo e espaço e que “alcança uma flutuação das aparências” (1993, p. 103). O autor ressalta o desdobramento do “aqui e agora” nas

“proximidades espacial e temporal” em horizontes que classifica como “aparente” e “trans-aparente” e coloca os ecrãs como “uma espécie de janela temporal”, fragmentando o tempo em tempo da presença física e tempo da presença virtual. Expressando o seguinte questionamento:

Como viver verdadeiramente se o aqui não o é mais e se é tudo agora? Como sobreviver amanhã à fusão/confusão instantânea de uma realidade que se tornou ubiqüitária se decompondo em dois tempos igualmente reais: o tempo da presença aqui e agora e aquele de uma telepresença à distância, para além do horizonte das aparências sensíveis? (VIRILIO, 1993, p. 103).

O termo telepresença foi utilizado por vários autores da época e gradualmente foi sendo trocada apenas pelo termo presença. O ator canadense Sebastian Xavier Samur, fala dessa transição e a dimensão alcançada pela expressão presença em relação aos meios tecnológicos:

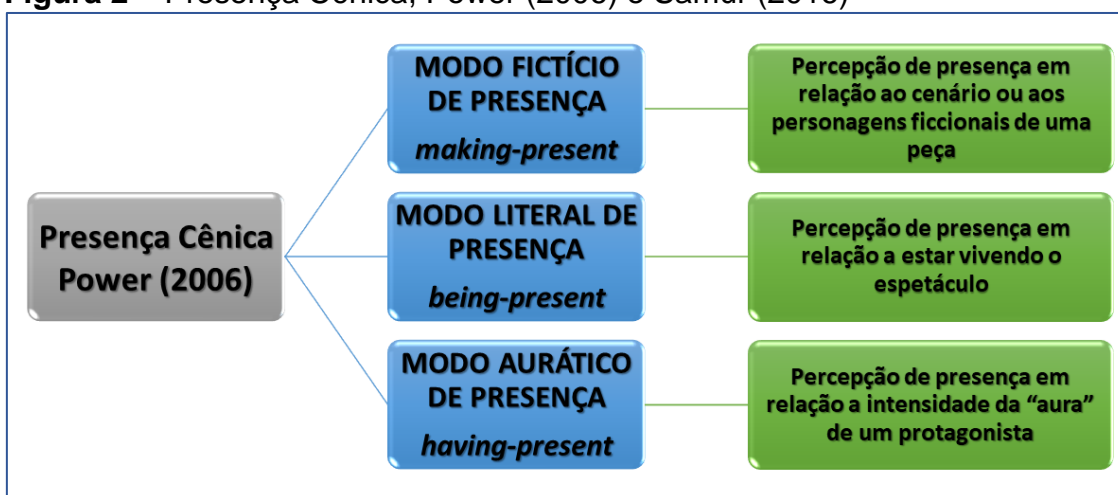
O termo continuou a ser usado, mas a simplificação presença também começou a ser empregada para abranger outras experiências tecnológicas, que não necessariamente envolviam tarefas remotas. O termo presença é usado na atualidade para descrever experiências com tecnologias, que variam desde robôs e máquinas ativados remotamente até mídia social, videogames e realidade virtual. Cada tecnologia permite que se habite um ambiente virtual de uma maneira diferente (SAMUR, 2016, p. 244).

Já a definição de presença virtual, por alguns estudiosos da computação, é muito próxima das definições de presença de ator no campo da presença cênica. O dramaturgo e professor de teatro americano Bert Olen States em seu livro *Great reckonings in little rooms: on the phenomenology of theatre* (1985, p. 154) não conecta a intimidade criada entre os espectadores e o espetáculo no teatro ao fato de estar imerso no mundo criado por ele, mas sim por estar presente nele (apud POWER, 2006, p. 2). Vários teóricos que tratam a temática da presença do ator, do espectador e do ser humano no mundo físico e virtual, relacionam o estar presente com algo interno, ligado ao âmago do ser. Conectam presença a percepção de estar com sua atenção e seu corpo no local, na cena, no ambiente físico ou virtual, como algo que está sendo vivenciado de forma integral. Carlos Simioni (20-- ) na descrição de seu curso sobre a presença do ator, salienta que “presença diz respeito a algo íntimo, uma pulsação que transpassa e percorre toda a ação cênica”. O pesquisador da área de computação, com foco em imersão digital, Jason Jerald (2015 p. 46,

tradução nossa) a define como “uma sensação de ‘estar lá’, dentro de um espaço, mesmo quando fisicamente localizado em um lugar diferente”. O autor descreve a presença virtual como estado psicológico e fisiológico interno do usuário da tecnologia, “uma forma de comunicação visceral”, que é compreendida quando vivenciada. Compara a dificuldade em encontrar palavras para definir presença com a complexidade dos conceitos sobre consciência.

O professor de Artes Cênicas e escritor Cormac Power (2006, p. 235, 236) ao analisar a percepção de presença, diz que ela não está relacionada com um momento de espaço e tempo invariável, mas enfatiza o seu potencial de imprecisão. Salienta que a presença teatral é um dos fatores que moldam essa experiência e que pela manipulação da presença é possível, tornar presente a ilusão teatral. Power (2006, p. 13, tradução nossa) passa a maior parte de sua tese discutindo o que ele descreve como “os três principais 'modos de presença' no teatro”. São eles o “*making-present*” que ele também chama de “modo fictício de presença”, “*having-present*” ou “modo aurático de presença” e o “*being-present*” também denominado “modo literal de presença” representados na Figura 2.

**Figura 2** – Presença Cênica, Power (2006) e Samur (2016)



Fonte: Elaborada pela autora.

Samur (2016, p. 243) explorando esses mesmos modos de presença, numa obra de 2008 de Power, descreve o primeiro modo relacionando-o com “grau em que o espectador se sente presente em relação ao cenário ou aos personagens ficticiais de uma peça”; o segundo com a percepção do espectador em relação a intensidade da presença do ator, ligando a diretores que “buscam aprimorar a

presença ou a aura do ator aos olhos do espectador”; e na terceira retrata o espectador como “testemunha de um evento ao vivo”, detalha afirmando que:

A consciência da plateia, tanto em relação ao performer como em relação a si mesma, é intensificada não pelo enredo de uma peça ou das técnicas utilizadas pelo performer, mas por um contexto específico que é por ele concebido. Tal situação é bem ilustrada ao considerar-se performances duracionais de artistas como Marina Abramović ou Chris Burden, em que a plateia toma consciência da transformação gradual tanto de seus próprios corpos como dos performers. (Samur, 2016, p. 243).

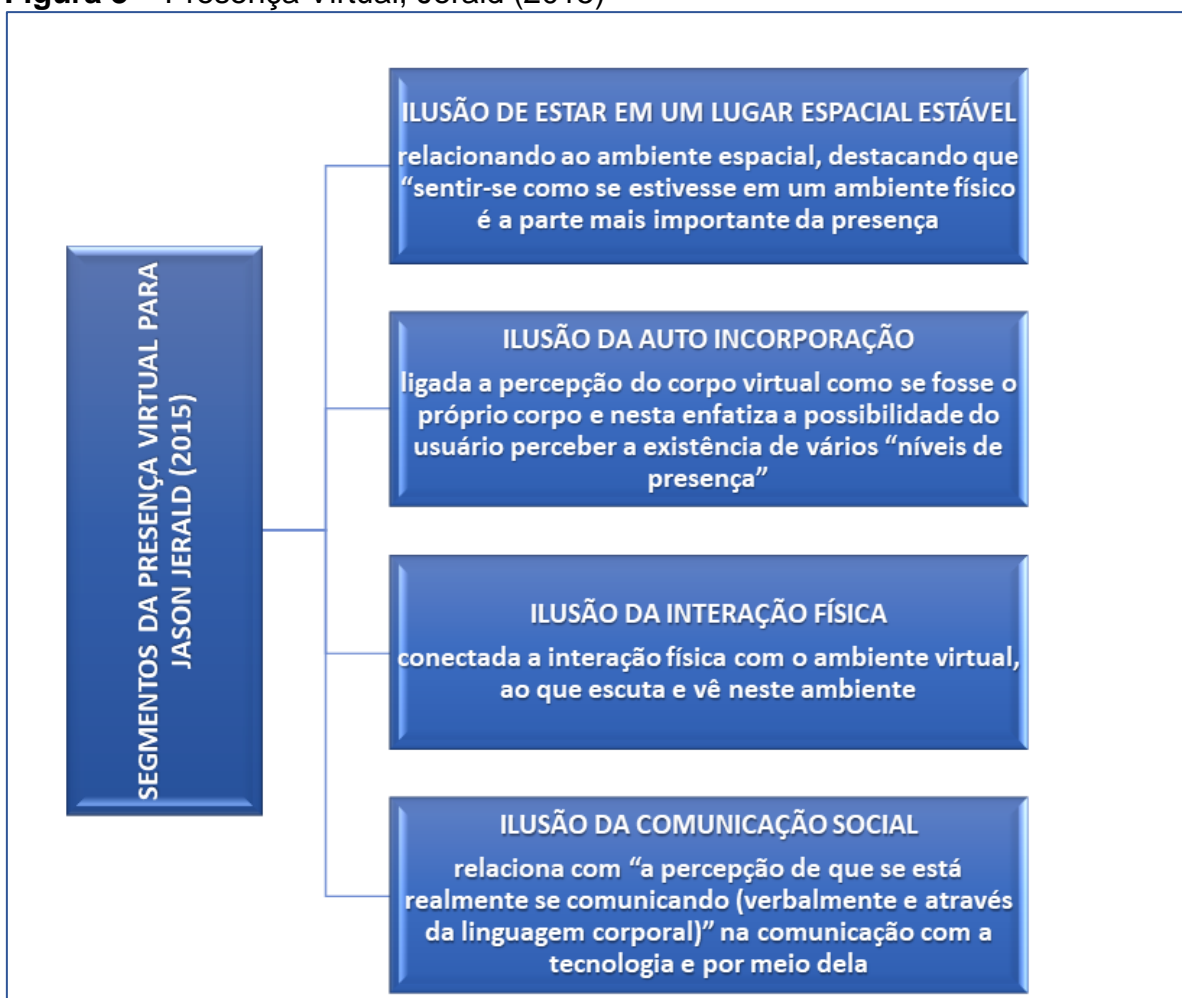
Tanto no teatro como no universo virtual tecnológico, a percepção da mediação, interfere na sensação de presença. Em seu livro *The VR Book: Human-Centered Design for Virtual Reality*, Jerald (2015) relaciona a presença virtual com a não percepção da intermediação tecnológica. Quanto mais presente a pessoa está, menos percebe os aparatos tecnológicos que permeiam essa relação com outras pessoas ou com o próprio ambiente virtual. O autor afirma que essa experiência de se perceber presente no virtual leva os usuários que utilizam essas tecnologias a considerar o ambiente virtual como um “lugar visitado ao invés de simplesmente algo percebido”. Inference sobre o fato de que quanto mais a presença se desloca para o virtual, quanto mais a pessoa se percebe imersa nesse universo “abstrato”, menos percebe o mundo físico, mais se desconecta dele, menos presente está nele. Nesse sentido ele define presença como:

uma consciência no momento de estar imerso em um mundo virtual enquanto tem amnésia ou agnosia temporárias do mundo real e do meio técnico da experiência. Quando presente, o usuário não atende e percebe a tecnologia, mas atende e percebe os objetos, eventos e personagens que a tecnologia representa (JERALD, 2015, p. 46, tradução nossa).

Jerald (2015) limita a presença virtual ao grau de imersão do usuário da tecnologia, no universo virtual produzido por ela. Ressalta que quanto maior a imersão oferecida pelas tecnologias que permitem o ingresso e permanência no virtual, maior será a possibilidade de um usuário estar presente ou se “sentir presente” nesse universo. Quando a imersão no virtual é orientada pela tecnologia ele a chama de “ilusão de presença”, justifica pelo fato dos estímulos serem “apenas uma forma de energia projetada em nossos receptores”, e estarem em universo com manipulações algorítmicas.

Para exemplificar sua tese, Jerald (2015, p.47, tradução nossa) divide essa presença em quatro segmentos de ilusões: a primeira denomina “ilusão de estar em um lugar espacial estável” relacionando ao ambiente espacial, destacando que “sentir-se como se estivesse em um ambiente físico é a parte mais importante da presença”; a segunda “ilusão da auto incorporação”, ligada a percepção do corpo virtual como se fosse o próprio corpo e nessa enfatiza a possibilidade do usuário perceber a existência de vários “níveis de presença”; a terceira “ilusão da interação física”, conectada a interação física com o ambiente virtual, ao que escuta e vê nesse ambiente; e a quarta “ilusão da comunicação social” ligada a comunicação social, que define como “presença social” e se relaciona com “a percepção de que se está realmente se comunicando (verbalmente e através da linguagem corporal)” na comunicação com a tecnologia e por meio dela.

**Figura 3** – Presença Virtual, Jerald (2015)



Fonte: Elaborada pela autora.

Por outro lado, os pesquisadores Willyans G. Coelho, doutor em Psicologia Social e Patrícia C. A. R. Tedesco doutora em Ciência da Computação relacionam a “presença social” à “percepção do indivíduo sobre a maneira como ele se sente na interação com os outros, na comunicação mediada por tecnologia” (COELHO; TEDESCO, 2017, p. 609).

As categorias estabelecidas por Jerald (2015) ao tratar da presença virtual e as de Power (2006) em relação a presença cênica, se interligam nas formas de estudo da percepção do ser, em relação a se sentir presente no espaço físico em que está acontecendo a cena teatral ou em uma reunião num ambiente virtual projetado para esse; ou no quanto é afetado pelos sons e imagens recebidos nesse ambiente; ou o quanto se percebe presente nesse ambiente, seja pela percepção de seu corpo virtual como se fosse seu corpo físico, ou por como esse corpo interage com os demais corpos, como demonstrado no Figura 3.

Figura 4 – Presença Virtual X Presença Cênica



**Fonte:** elaborado pela autora, com dados extraídos de Jerald (2015) e Power (2006).

Para os autores citados na figura acima, a mediação seja ela tecnológica ou cênica quando ignorada e, portanto, não percebida é instrumento chave para imersão no virtual e para que a percepção da presença virtual se aproxime da física, por meio da percepção do espaço, corpo, ambiente e das interações com as

demais presenças envolvidas. Elas têm uma convergência com as características da presença física descrita por Gumbrecht, ao defini-la como experiência, vivência.

Conforme Jerald (2015, p. 47) para se sentir presente no virtual, os sentidos da pessoa precisam estar de tal forma imersos nesse ambiente, a ponto de considerá-lo como se fosse o universo físico; e a percepção do seu corpo virtual como se fosse o próprio corpo físico, a ponto de conseguir interagir com outros corpos virtuais como se a presença fosse física.

Essa experiência dos usuários, das tecnologias de acesso e permanência no virtual, de se perceberem fisicamente nele, nos aponta para uma busca de integralidade, ligada as definições de presença. Ideia reforçada por Samur (2016, p. 243) que relaciona esse desejo de “estar aqui e agora” com o desejo de presença. Essa sede de totalidade de corpo, consciência, atenção e tudo que há no ser reunidos em um só lugar, descrita como “estar presente” ou “se perceber presente” por inteiro e não apenas com resquícios da presença, alude para o ser humano fragmentado dessa era, como mencionado por autores, das mais diferentes áreas, que tem suas investigações focadas na contemporaneidade e nas suas vertentes e conexões temáticas.

É possível ver isso na argumentação da multiplicidade de presentes que vive o ser-humano do tempo atual apresentada por Baitello Jr. (2014); na sua coexistência no tempo presente e em outros tempos e espaços destacadas no amplo presente definido por Gumbrecht (2015) ou ainda no ser humano apresentado como incompleto, segmentado em suas informações algorítmicas espalhadas pela rede mundial de computadores descrito pelo professor e escritor André Lemos (2018, p. 50-53). Em seu livro “Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação”, Lemos (2018) fala da impossibilidade de reconstrução desse ser digital por suas expressões individuais de subjetividade. O professor e filósofo Christoph Türcke em entrevista dada ao Jornal da Unicamp fala de uma das formas que acontece essa fragmentação:

a distração concentrada é resultado de um regime de atenção que penetra no mais profundo interior da pessoa, decompondo-a, causando, por conseguinte, estados psíquicos de desassossego e inquietação. Trata-se de um novo tipo de sofrimento psicossomático que não mais se manifesta diretamente. (TÜRCKE, 2010)

O processo gerador do que esse pensador alemão denominou “distração concentrada”, pode ser atribuído à publicidade midiática, visto que ela utiliza as TICs dos dias atuais para invadir “esfera privada, distraindo as pessoas totalmente”, tornando-se assim uma verdadeira “metralhadora audiovisual”, como afirma nessa entrevista concedida ao Jornal da Unicamp em 2010.

Independentemente da forma que essa fragmentação seja abordada pelos diversos autores, as TICs e a mobilidade obtida na comunicação a partir delas (permitindo essa convivência midiática nos espaços públicos e privados), sempre estão entrelaçadas como fios numa trama de tecido de suas teorias e argumentos. Elas, com o (in)divíduos que as criaram, programaram e as utilizam, são apresentadas como corresponsáveis pelo aumento da ocupação dos espaços virtuais como território paralelo de presença, pela coexistência desse no tempo presente e em outros tempos e espaços. Consequentemente, exigem a resposta imediata desse ser e sua "onipresença", e se torna agente ativo na fragmentação do mesmo e roubando-lhe de forma consentida, o direito da ausência, do espaço e do silêncio.

A ausência passou a ser do corpo físico, pretensão já expressa na descrição feita por Gumbrecht (1999, p. 91) acerca da ilustração, feita em 1926, do militar que controla um avião de ataque, sentado confortavelmente em sua poltrona. Nela também podemos ver o desejo da segurança, comodidade, conveniência e a utilidade da ausência do corpo no local da ação e de ter ferramentas para estender a presença e percepções do corpo.

#### **4.1 PRESENÇA DO CORPO**

A comunicação faz parte da integralidade do corpo humano, desde sua existência. O corpo é reflexo de identidade sobre o prisma de vários autores, das mais diversas áreas. Não só por suas digitais, ou características que hoje permitem o reconhecimento facial nas entradas dos prédios e nos aplicativos nos *smartphones* e *tablets*, mas pelas cicatrizes internas e externas que possui. Algumas conquistadas e outras tatuadas nele, de forma visível ou invisível ao longo de sua trajetória de vida.

O corpo é possuidor de um sistema sensorial que capta, processa e interpreta os cheiros, sabores e demais dados externos por meio do toque, da reação a esse, do olhar, da escuta, e das mais diversas formas de percepção e significação do mundo. Esse, diante de uma ameaça, decide se vai abaixar a cabeça se sucumbir

a ela ou erguê-la em enfrentamento, ou ainda virar para o lado ignorando o que está a sua frente. O corpo moldado ou reinventado as exigências desse mundo. Detentor de cheiro, gosto, percepções, vontades, produtor de sons, imagens e memórias. Ele escreve e faz história, perceptíveis ou não.

O filósofo e escritor Terry Eagleton (1998, p. 72) é um dos autores que apresenta a integração da identidade e do corpo do ser humano na atualidade. Esse ser “integral” que ao mesmo tempo aponta, pela etimologia da palavra, algo inteiro, também traz em si o conceito que é integrado por partes que não são separadas. Assim como é possível analisar os pés, olhos, ouvidos fazendo parte do corpo, também é possível analisar a natureza física e virtual dele, sem cair em nenhum tipo de dualismo. Com o objetivo de encontrar pontos de convergência e divergência, trazendo reflexões que possam enriquecer o trabalho, elencamos para esse estudo autores que olham apenas para o todo e outros que analisam as partes.

Pensando o corpo como esse mecanismo composto, Gabriel Honoré Marcel (apud MARCONDES FILHO, 2016, p. 33) define-o como seu “outro”, como a primeira forma de mistério que envolve o ser humano. Marcondes Filho, complementa o pensamento de Marcel defendendo esse “outro” como o mistério de cada ser estar encarnado em um corpo. Ele classifica uma parte perceptível pelos sentidos, visível, concreta, material e outra invisível, abstrata e subjetiva.

Baitello Jr. (2014, p. 79-80) define corpo como “entidade múltipla e complexa por excelência”. Destaca que o “corpo material é puro espírito” e o seu maior obstáculo é sua materialidade. Na sua visão, o corpo enquanto ser vivo e concreto é ação, é energia e “por ser movimento é tempo e memória”. Cada corpo traz sua história, sua genética, suas crenças, seus desejos, preferências, lembranças e sonhos impregnados em si. Muitas emoções e experiências vividas formam o corpo. Ao mesmo tempo, ele é temporário. Por essa razão o autor apresenta a materialidade como barreira. A partir disso, poderíamos subdividir em múltiplas definições de corpo, apesar de não optarmos por tal divisão.

Elegeu-se, para o presente trabalho a denominação “corpo físico” o que Baitello Jr. (2014) chama de “material”, a parte que Marcondes Filho (2016) classifica como parte visível e concreta do corpo; e “corpo virtual” o que esse autor classificou como: invisível, abstrata e subjetiva e que pesquisadores, ligados à área de computação, Romero Tori, Marcelo da Silva Hounsell e Claudio Kirner (2018) denominam “imaterial”. E chamaremos simplesmente de “corpo” a completude:

materialidade, movimento, gesto, linguagem, presença, expressão criativa. Esse contexto mais amplo foi classificado por Santin (2003, p. 10) como a corporeidade do ser humano.

#### **4.1.1 A presença física do corpo**

O corpo foi discutido como forma de expressão política e fundamental nas questões que envolvem comunicação, discurso e ideologia em todo o século XX. Em 1972, o professor e jornalista Harry Pross o define como mídia primária, como ressalta Menezes (2016, p. 28-30). Ao esmiuçar o conceito de Pross, o autor afirma que “os meios primários são criados pelo próprio corpo (gestos, odores, sons...) sem necessidade de outros aparatos”. Dentro do mesmo conceito cita a mídia secundária, e dá como exemplo os impressos e as pinturas rupestres; a terciária, já mencionada no capítulo 1, “quando os corpos envolvidos no processo comunicativo utilizam aparatos eletrônicos”.

Toda comunicação começa e termina no corpo, afirmam Menezes (2016, p. 28) e Baitello Jr. (2014, p. 84), ao considerar o pensamento de Pross sobre o corpo como produtor/receptor da comunicação. Seja como ele como mídia primária ou, nos extremos das mídias secundárias e terciárias. Menezes (2016, p. 29) mergulha nesse conceito afirmando que isso implicaria na “possibilidade de vermos como o corpo se derrama, tal como a água ocupa espaços, pelas diferentes capilaridades da comunicação”.

Presman (2015), como médico, enfatiza as várias formas de comunicação do corpo que transcende as palavras:

O corpo é o modem que utiliza a mente para se comunicar com outra, e é um modem multimídia: pode utilizar um ou mais recursos ao mesmo tempo. Pode ser através da linguagem, mas também através de gestos, lágrimas, carícias, risadas, gemidos, choros, golpes, estertores, palpitações, secreções, respirações ofegantes, e a lista continua. (Presman, 2015, 177)

Marcondes Filho (2005) ao tratar do papel do corpo na comunicação, aborda seus sentidos, destacando a pele como elo entre o ser humano e o mundo ao seu redor:

A pele é uma linguagem. Por ela comunicamo-nos sem precisar trocar palavras. Quando toco outra pessoa, ela sente se estou querendo ser carinhoso, afetivo, repreensivo, se estou querendo-a sexualmente, se estou apenas querendo chamar sua atenção para alguma coisa. Eu

não preciso falar. Nossas peles em contato falam entre si. Quando aperto a mão de alguém, não sinto apenas a força interna de seu caráter ou sua fraqueza, percebo também pelo toque da pele outras tantas informações a mais sobre o seu ser (MARCONDES FILHO, 2005, p. 37).

Um corpo, mesmo em silêncio de gestos, é capaz de indicar se outro pode se aproximar ou deve se afastar dele, ou ainda se isso lhe é indiferente. O corpo que se aproxima tem, em seus sentidos e percepções, a capacidade de decifrar a mensagem que é emitida pelo outro corpo. Estabelece-se dessa maneira, uma das formas primárias e essenciais de comunicação. Esse é o entender do antropólogo e sociólogo inglês Gregory Bateson (2000, p. 379) que define comunicação como as expressões do corpo dos seres humanos. O autor destaca que o corpo de maneira inconsciente e involuntária se comunica, mesmo quando as palavras contradizem a revelação do corpo tentando esconder um sentimento, pensamento ou emoção. Na aparente contradição entre intenção e gesto o corpo muitas vezes revela o não dito.

O psicólogo americano Paul Ekman (2011, p. 19-33) que tem investigado as emoções com enfoque nas expressões e na fisiologia das emoções, em pessoas das mais diferentes faixas etárias em diversas nações desde o final dos anos 1950, em seu livro, com título original *Emotions Revealed*, nos fala da universalidade da linguagem corporal nas mais diversas culturas que investigou. Resultado inesperado para ele, “Margaret Mead, Gregory Bateson, Edward Hall, Ray Birdwhistell e Charles Osgood”, pois obteve o oposto do que supunham. Consideravam que “as expressões e os gestos eram socialmente aprendidos e culturalmente variáveis”. Na mesma época o psicólogo Carroll Ellis Izard, fez uma pesquisa semelhante em outras nações, orientado pelo teórico da personalidade Silvan Solomon Tomkins, e “obteve os mesmos resultados”. Não apenas eles, mas o próprio Charles Darwin já afirmava isso mais de cem anos antes.

Gregory Bateson (2000) apresenta uma variedade de exemplos sobre como os seres humanos se comunicam e qualifica o corpo como analógico e digital quando afirma que “a linguagem é digital e a cinética e a paralinguística são analógicas” (BATESON, 2000, p. 378, tradução nossa). Na perspectiva analógica inclui os gestos, as expressões faciais, a respiração, o ritmo, tom, volume de voz e outras características que sobrepujam a fala e as mais diversas maneiras que o corpo utiliza para se comunicar. Ou seja, as expressões do que Pross classificou como mídia primária. Na perspectiva digital insere as palavras, a linguagem escrita, as formas de

comunicação sem a presença do corpo físico de quem as produziu, as expressões da mídia secundária e terciária.

Bateson (2000) entende a linguagem sem a presença de corpo físico como apenas sinais, pois a completude da comunicação interpessoal acontece quando as palavras não contradizem o que o corpo fala. Gisele Onuki e Cristiane Wosniak (2019, p. 106-107) discorrem sobre os sentidos como algo que não é decifrável pela “linguagem racional”, mas que se relaciona a expressão e assimilação de uma experiência “pelo nível da intuição”. As autoras definem intuição como “níveis de sensação e percepção”. Apresentam sensação como um fenômeno psíquico advindo dos “estímulos externos e internos sobre os nossos órgãos dos sentidos” e a percepção como o fenômeno que contém em sua natureza a habilidade de interpretar os efeitos originários nas sensações. Destacam que o corpo é responsável por processar a condição humana por meio de seus sentidos e percepções.

Nessa mesma compreensão, em seu livro sobre a fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty (1999, p. 122) ressalta: “tenho consciência do mundo por meio de meu corpo”. É o corpo que traduz a presença do ser humano em relação a ser e estar no mundo. Com o corpo é possível sentir e expressar as mais variadas sensações e emoções e manifestar valores políticos, sociais, ideológicos. É pelo corpo e com suas marcas visíveis e invisíveis que acontece a comunicação, interação e o contato com o mundo exterior.

Embora Marcondes Filho (2005) chame a pele e o tato de linguagem, num livro que escreveu onze anos depois, diz que o corpo apenas emite sinais, como os animais, toda natureza e ambiente. Para Marcondes Filho (2016, p. 26-29), a comunicação só acontece se existir o inesperado, algo que confronte as certezas, que traga transformação na maneira de ver e pensar. Mas isso acontece por meio do corpo, como é possível ver em seus exemplos sobre o tema, cita o movimento corporal de um soldado que reage diferente de todos os outros e chama isso de comunicação. Esse exemplo demonstra quão amplo e antagônico pode ser o conceito das formas de comunicação do corpo.

Para Flusser (2007, p. 89) a comunicação humana baseia-se em “símbolos organizados em códigos” sejam eles na forma de códigos escritos, falados ou corporais. A junção da codificação expressa pelo corpo, fluindo em colaboração com os códigos da linguagem falada, tem um papel relevante para a sua interpretação. As palavras são reforçadas e/ou contraditas de acordo com a expressão corporal. Um

discurso pode ganhar diferentes conotações, caso o corpo emita códigos que o afirmem ou o desabonem.

Entretanto, estamos num tempo em que o corpo físico está cada vez menos presente nas relações e conseqüentemente os sinais e percepções dele fora de grande parte do processo comunicacional. Processo que segundo Coelho e Tedesco (2017, p. 611) quando mediado pelas TICs, provoca “perda significativa da linguagem corporal subjacente ao ato de interagir, como o olhar, a expressão facial, a postura, os gestos, entre outros elementos”. Mas que ao mesmo tempo dá acesso a pessoas e lugares que seria impossível ao corpo físico transitar em um curto espaço de tempo e a um custo monetário tão baixo.

#### **4.1.2 A presença virtual e híbrida do corpo**

Uma das definições de virtual para Lévy (2000, p. 47) advinda de sua origem etimológica é:

aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão). [...] Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real [...]. Para usar um exemplo fora da esfera técnica, uma palavra é uma entidade virtual (LÉVY, 2000, p. 47).

Para gerar uma imagem em qualquer aparato tecnológico é necessário codificá-lo, seja digitalizando-o ou criando através de algum *software*. Nesse raciocínio o autor chama de virtual “um conjunto de códigos digitais” por ser “um potencial de imagens” (LÉVY, 2000, p. 48). Ainda nesse entendimento sobre o virtual em relação as TICs, considerou-se também a definição de Tori, Hounsell e Kirner (2018, p. 14) afirma que o virtual “se refere a ambientes ou elementos que são sintetizados por meio de dispositivos digitais e que podem ser replicados de forma imaterial”.

Na atualidade, as relações sem a presença do corpo físico entraram num movimento crescente e os ecrãs, as “telas” que são “fios” (HOUAISS, 2009, p. 1822) em sua origem etimológica, conectam os seres humanos por meio dessa teia mundial de TICs. Com isso, a interação “presencial” é cada vez mais dispensável, pois estamos em um tempo que não existe tempo a perder, e no qual as ameaças de

contágio com novas cepas de vírus se tornam cada dia mais constantes e acabam por tornar perigosa a aproximação dos corpos. Assim, a tecnologia revela-se cada vez mais essencial na vida cotidiana, funcionando tão conectada ao (in)divíduo que se assemelha a um membro do próprio corpo. Um exemplo disso são os *smartphones*. Eles estão presentes em quase todas as tarefas diárias, do trabalho, estudo, lazer, ao namoro e demais relacionamentos. Estão nas mãos ou são levados por todos os cômodos da casa na vida privada e acompanham o ser dessa era nas ruas, praças, escritórios, cinemas, supermercados, metrô, aeroportos, academias, restaurantes, bibliotecas e por onde quer que ele vá em sua vida pública.

Os *smartphones* se tornaram uma peça tão fundamental que para muitos parece impossível viver sem eles. É como se o aparelho fizesse parte de si, parte do seu corpo. Criando assim um hibridismo entre ser humano e tecnologia. Essa união se tornou tão forte, a ponto do medo da ausência da parte tecnológica gerar novos tipos transtornos mentais. Um deles é nomofobia, que segundo Cleber Bianchessi (2020, p. 21,40), sua nomenclatura é derivada da junção da expressão em inglês “no-mobile” e da palavra “phobia” de origem grega que indica um medo exagerado. No caso, um pavor extremo de ficar sem o telefone móvel, os atuais *smartphones*. Um medo que gera ansiedade e intensa perturbação apenas pela possibilidade de ter seu *smartphone* roubado, perdido ou em um local que não seja possível conexão com a internet, ou com a energia elétrica para carregá-lo. O *smartphone* é tratado como se fosse um órgão vital de seu corpo.

Similarmente, tem-se a FoMO, “*Fear of missing out*” que em português é o medo de ficar de fora ou de perder algo. Esse transtorno foi definido pelo psiquiatra Jon D. Elhai e os psicólogos Haibo Yang e Christian Montag (2021, p. 203, tradução nossa), como “apreensão de que os outros estão tendo experiências gratificantes, das quais se está ausente”. Além do “desejo persistente de permanecer conectado com as pessoas em sua rede social”. Sob esse último aspecto, comparam a características do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). É assim classificada por consumir grande parte do tempo diário da pessoa com as verificações as redes sociais, de forma obsessiva e compulsiva, afetando negativamente sua rotina, comprometendo seu desempenho em várias áreas e escravizado seus pensamentos por esse comportamento que é seguido de ansiedade e mal-estar.

Ao se levar em consideração a fusão do corpo com os meios de comunicação, que hoje envolvem além dos aparatos eletrônicos com seus programas

de funções definidas, um outro ser eletrônico com capacidade de tomar decisões, as chamadas inteligências artificiais, vemos um ser mais sofisticado que o vislumbrado por McLuhan (2014, p. 64) no final dos anos 1960. Nessa ocasião, introduziu o conceito dos meios de comunicação como extensão do ser humano, um prolongamento do corpo, uma "extensão de nós mesmos sob forma tecnológica". Porém, esse ser da década 2020, trata os seus *smartphones* como parte inseparável de seu corpo, não sendo mais possível saber qual das partes depende da outra, qual parte comanda a outra. Pois além do seu poder de decisão, carrega consigo as inteligências artificiais dos *softwares* que analisam seu comportamento e interesses para conduzi-lo a lugares, produtos e assuntos de seu interesse ou para gerar desejos por produtos que nem sequer sabia que existiam.

Como consequência desse enxerto tecnológico McLuhan (2014) destaca o "fechamento dos sentidos" e um deslocamento na percepção, mesmo não situando o local para onde é deslocada e quais formas tem essa nova percepção. Já Pierre Lévy (2000), apresenta o ser dessa era com seus sentidos potencializados pelos meios de comunicação. Um hibridismo que permite ao corpo virtual se deslocar para o outro lado do globo terrestre num instante, sem que o corpo físico necessite se mover um milímetro para isso. Possibilitando tanto aos donos de empresas controlarem seus negócios de qualquer parte do planeta, como aos estudiosos de diversas áreas se reunirem para buscarem soluções juntos para problemas mundiais, ou simplesmente para amigos e famílias manterem contato com entes que estão distantes, entre tantas outras facilidades criadas pela tecnologia. Em consonância a visão de Lévy (2000) em relação aos sentidos potencializados na sua conexão com a tecnologia, Tori e Kirner (2006) retratam uma ampliação na intensidade da percepção, enfatizam que as experiências no corpo virtual fazem com que os sentidos extrapolem as capacidades do corpo físico. Destacam que o corpo virtual pode ser:

[...] tão grande (a nível das galáxias) ou tão pequeno (a nível das estruturas atômicas) quanto se queira, viajando a velocidades muito superiores a da luz e aplicando forças descomunais. Ao mesmo tempo, pode-se ampliar a medida do tempo, para que as pessoas possam observar ocorrências muito rápidas em frações de segundos, implementando o conceito de câmera lenta, ou reduzir a medida do tempo, acelerando-o, para observar ocorrências e fenômenos muito lentos, que poderiam demorar séculos. (TORI; KIRNER, 2006, p. 3)

Várias mudanças aconteceram e estão acontecendo, em um período pequeno, em relação a imersão do corpo no ambiente virtual e seu hibridismo. O que torna urgente e necessário estudos a respeito do seu lugar e significado. Isso porque o corpo passa a tomar outras formas, adquirir outros significados e se reinventa através da comunicação digital. Inclusive o corpo físico e suas experiências comunicacionais e sensoriais. Esse ganho em termos de potencializar os sentidos e ampliar suas capacidades de percepção contrastam com o ser híbrido sentado atrás da tela. Apático, anestesiado em frente aos seus *smartphones* e aos demais aparatos tecnológicos, tendo seu movimento delegado aos *zaps* de tela e brevemente aos *zaps* do olhar, num estado de acomodação que Baitello Jr. (2014) chamou de “sedação” e que Baudrillard (1999, p. 149) descreve como corpo desprovido de tato e demais sentidos ao conceituá-lo, na interação digital, de “ectoplasma da tela”. Que tipos de mudança acontecem com a percepção humana em relação a sua localização espacial, estando seu corpo físico sentado na maior parte do tempo e o seu corpo virtual viajando para diferentes partes do universo? Baitello Jr. (2014) enfatiza supressão dessa percepção, classificando como perda da propriocepção.

No extremo oposto dessa visão estão as perspectivas de alguns seres híbridos, centro do estudo de Le Breton (2003, p. 127), que experimentam no mundo virtual “uma plenitude sensorial” e que enxergam o corpo físico como uma matéria que impede seu avanço, uma prisão da qual se sentem livres quando mergulhados nesse mundo imaterial onde não importa a idade, o sexo, a raça ou mesmo a forma material de seu corpo físico. E acrescenta: “as percepções são realmente sentidas, mesmo que o corpo da realidade virtual seja incorpóreo” (LE BRETON, 2003, p. 131). Também propõe reflexões sobre a análise de corpo híbrido pelo viés de alguns teóricos da robótica, do pensamento artificial (e poderiam ser acrescentados os teóricos do transhumanismo por similaridade de raciocínio como Marvin Minsky, o biólogo Julian Huxley, entre outros):

Seu corpo físico, comparado aos seus múltiplos corpos virtuais, não é senão uma prisão, uma necessidade antropológica que de bom grado ele dispensaria. O corpo eletrônico atinge a perfeição, imune à doença, à morte, à deficiência física. Ele representa o paraíso na terra, um mundo sem a espessura da carne, dando viravoltas no espaço e no tempo de maneira angelical, sem que o peso da matéria impeça seu avanço. Como água que se mistura à água, a carne eletrônica se dissolve em um universo de dados que nada pode deter. A net tornou-se a carne e o sistema nervoso dos que não podem mais passar sem ela e que sentem apenas desdém por seu antigo corpo, ao qual, no

entanto, sua pele permanece grudada (LE BRETON, 2003, p. 124).

Entretanto, esse sonho de imortalidade digital, essa “água que se mistura na água”, nada mais é do que nossas ações virtuais, materiais e híbridas sendo transformadas em informações a gerar hiperdocumentos que alimentam os algoritmos e demais *softwares* de vigilância, controle e manipulação.

André Lemos fala desse ser híbrido com as TICs que tem sua subjetividade forjada:

remetendo à relação entre comunicação e tecnologia: a do humano como um “ciborgue”, tanto pela implantação de próteses no corpo, como pela ação do acesso à informação a partir da ação dos meios e processos de comunicação. Objetos e mídias são produtores de subjetividade, pois afetam o corpo e a consciência. As mídias são produtos e/ou processos que nos permitem, na produção, processamento e transporte da informação, driblar constrangimentos do espaço e do tempo [...] (LEMOS, 2018, p. 34-35).

A tecnologia constitui o corpo dessa era à medida que esse se sente obrigado a estar conectado o tempo todo. Impulsionado pela inevitabilidade de responder as diversas maneiras que o aparelho exige a sua atenção, por meio de apelos sonoros e/ou visuais. Além de atender a “necessidade” de estar incansavelmente atualizado sobre tudo que acontece no universo. O ser desse tempo é parte integrante da tecnologia à medida que a alimenta com seus desejos, suas memórias, seus trajetos preferidos, suas preferências, escolhas e demais dados de sua existência e ao mesmo tempo se alimenta dela, dos dados e sugestões oferecidas pela máquina, pela inteligência artificial programada para aprender e se transformar de acordo com os dados recebidos, se tornando cada dia mais personalizada para cada ser que a compõe.

Gumbrecht (2015, p. 13) comenta que “para maioria das pessoas o cotidiano decorre como fusão da consciência com o software”. Essa fusão se faz a partir de vestígios deixados por cada pessoa enquanto fornece seus dados espontaneamente, conscientemente ou não para as Tecnologias de Informação e Comunicação geradora de um enorme banco de dados. Vestígios esses que Lemos (2018, p. 35) define como “rastros voluntários” e “involuntários” comparando com o conceito de Marcel Proust a respeito das memórias voluntárias e involuntárias, equiparando a segunda a “memória digital”. Essa mescla de camadas entre corpo físico, virtual e as TICs se entrelaça por todo ser e o cérebro, aqui representado pela memória é um dos pontos fortes de contato como destaca o professor André Lemos:

Somos, em uma certa medida, ciborgues protéticos e interpretativos, já que existimos em relação híbrida com artefatos (cada vez mais caracterizados como tecnologias de comunicação e informação) e temos a nossa subjetividade e memória construídas de maneira também híbrida com as formas e conteúdos midiáticos. (LEMOS, 2018, p. 101).

O professor britânico David Morley, autor de vários livros sobre geografia cultural, globalização, audiência, tecnologia da mídia, utilização e influência das TICs na sociedade, trata da formação mediada da memória:

A este respeito, também poderíamos traçar um paralelo com a análise de Gaston Bachelard de como a estrutura material da casa fornece o «tecido» sobre os quais vão sendo tramadas as memórias da infância, mas agora, talvez devêssemos ampliar a analogia e pensar como esse «tecido» tem uma estrutura mediada e material. (MORLEY, 2008, p. 128, tradução nossa).

O questionamento que Morley (2008) faz sobre como são tecidas as memórias, numa trama de “estrutura mediada e material”, reverbera nesse tempo em que o material e virtual são matéria prima para gerarem os fios, que só depois se tornarão tecidos na mente do ser humano dessa era. Suas memórias pessoais estão sendo formatadas no seu processo inicial de percepção do mundo. É aí que desenvolve seus pensamentos e suas capacidades de interação com os fenômenos, num território híbrido, mescla do território físico em que está seu corpo biológico/físico e do território virtual onde está mergulhada sua atenção, lugar em que suas percepções são adestradas pelos algoritmos de consumo, ensino, diversão e outros. Numa fusão tão grande dos dois universos, nos quais não é possível saber em qual deles está seu olhar, sua escuta, seu tato, e mesmo o seu paladar e olfato e exatamente como são acionados pelas imagens e sons do território virtual por onde passa.

#### **4.2 TERRITÓRIOS DE PRESENÇA**

Compreender as relações do ser humano com o meio físico e virtual em que vive nunca foi tarefa simples. Os termos espaço, lugar e território sempre estão imbricados na definição desses meios. A pesquisadora Maria Isabel Cunha (2008, p.185) diz que o “espaço se transforma em lugar quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados”. O Geógrafo Yi-Fu Tuan (2013, p.14, 219) afirma

que “cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar”. O autor distingue espaço de lugar num exemplo de esticar os braços e as pernas pelo espaço, na possibilidade de haver um lugar para isso.

O geógrafo Eduardo Marandola Jr.(2013, p.7-8) ao tratar o conceito de lugar para Yi-Fu Tuan define-o como “microcosmo que dá sentido ao sujeito”, numa junção dos conceitos de “lugar antropológico” com “*habitus* social” e com “casulo protetor psicológico”. Marandola Jr.(2013, p.10) considera impossível separar lugar e experiência. A presença, como vimos anteriormente, também está interligada a ela e a própria existência humana. Logo, por associação lógica, podemos dizer que lugar e presença também são indissociáveis no tear da experiência.

Mas o “lugar se torna território quando se explicitam os valores e dispositivos de poder de quem atribui os significados” (Cunha, 2008, p.185). O conceito de território é amplo e apresenta muitas tendências mesmo dentro de uma mesma área do conhecimento. Ainda que aqui não tenhamos a pretensão de entrar nesse embate e nem na abrangência desse conceito, por não ser o foco principal dessa pesquisa, faz-se necessário elencar algumas definições que foram tomadas como base. Uma delas foi a utilizada pelos filósofos Félix Guattari e Suely Rolnik (1996, p. 323) na qual descrevem fronteiras que podem delimitar ou articular os territórios “aos outros existentes e aos fluxos cósmicos” e o associam a apropriação, a uma “subjetivação fechada sobre si mesma”. Os autores definem território como conjunto de “representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”. Também há de se levar em consideração a delimitação destacada pelos pesquisadores sobre o tema na área da geografia Arthur Breno Stürmer e Benhur Pinós da Costa (2017, p. 54) quando declaram que as pessoas de forma isolada ou em grupos formam territórios, usando o espaço e dele tomando posse, separando-se por fronteiras e fixando limites. Acrescentamos aqui um dos muitos conceitos abordados pelo geógrafo Rogerio Haesbaert (2021, p. 21) que apresenta o corpo como “território mínimo” de presença.

Nas mais diversas definições levantadas por esses autores, o território vai muito além dos seus limites e fronteiras de lugar de presença do corpo ou de ser o próprio corpo, sempre é fundamentado sobre as relações de poder que esse compreende. Seja esse um território físico/material de presença, virtual ou híbrido numa sobreposição das camadas existentes entre o universo físico e o virtual.

O professor de “geografia da Internet” no *Oxford Internet Institute*, Mark Graham (2010) chama essas camadas entre o físico e o virtual, de “palimpsestos” do lugar. Termo esse que, segundo Houaiss (2009, p. 1417), era usado para se referir aos papiros ou pergaminhos “cujo texto primitivo era raspado para dar lugar a outro”. Graham (2010, p. 422) utiliza essa terminologia correlacionando os vestígios que ficavam das inscrições antigas, misturadas a nova inscrição, em papiros que eram reutilizados muitas vezes, às “inúmeras camadas de qualquer lugar se reúnem em tempos e espaços específicos e têm influência sobre as características, interpretações e significados culturais, econômicos e políticos do lugar”. Resumindo o seu pensamento expresso em vários outros artigos e dos geógrafos como Nigel Thrift, Shaun French, Matthew Zook, Rob Kitchin e Martin Dodge afirma que com “o advento da Internet”, e podemos acrescentar as tecnologias ligadas a ela, as TICs, “uma dimensão inteiramente nova de camadas começou a ser adicionada ao palimpsesto de lugar”.

A Terra e os lugares digitais estão sendo construídos a um ritmo alucinante no ciberespaço. Esses lugares cibernéticos não são simples espelhos flutuantes e estáticos do mundo físico. Em vez disso, eles são frequentemente um componente do palimpsesto do lugar. A Terra virtual e as representações digitais de lugar são frequentemente caracterizadas por uma relação reflexiva com suas contrapartes físicas: elas são moldadas e, por sua vez, moldam o mundo físico (ZOOK; GRAHAM 2007 apud GRAHAM, 2010, p. 423, tradução nossa).

O território virtual é descrito por Graham (2010, p. 422-433) como “uma dimensão alternativa fluida e maleável que influencia e é influenciada pelo mundo físico”, e que não está desconexa do território físico.

Em sua página pessoal na internet, Graham (2022) chama atenção para a questão das “pessoas e os lugares” serem “cada vez mais definidos e tornados visíveis não apenas por seus locais físicos e propriedades tradicionais, mas também por seus atributos virtuais e sombras digitais”. Sinaliza um mundo que valoriza o território virtual de uma empresa ou pessoa numa proporção que se aproxima ou ultrapassa o território físico. Paradoxalmente, o universo virtual que pode levar à visibilidade seres e territórios físicos que eram invisíveis, aparece como invisível ou como se não tivesse conectada a nenhum lugar físico em suas definições. Como se não existissem intermediários e como se a comunicação estivesse sendo feita de forma direta, no território do usuário desses meios digitais.

Mattelart (1999, p. 166 apud SANTAELLA, 2010, p. 50) chama essa comunicação de “fluxos invisíveis, imateriais que formam territórios abstratos”. Lévy (2000) quando define a virtualidade afirma que:

É virtual toda entidade "desterritorializada", capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. (LÉVY, 2000, p. 47)

Para Thrift e French (2002) “nossa atenção às espacialidades do *software* tem sido limitada porque somos treinados para não o ver, para ignorar sua presença nos interstícios de nossas vidas e processos sociais devido à sua ausência em nosso campo de visão” (apud SHELTON, 2015, p. 93, tradução nossa). Os mesmos antolhos colocados sobre a percepção do usuário, que o impede de ver a existência dos donos do *software*, o torna incapaz de perceber que “seus” dados não trafegam apenas no território “abstrato”, destacado por Mattelart, mas têm sido direcionados para territórios com localizações geográficas bem específicas.

Matthew Zook enfatiza que a

economia da era informação está longe de estar ‘sem lugar’, e a produção de conhecimento está, na realidade, enraizada em lugares muito particulares, o que constitui um ‘meio de inovação’ geográfico específico” (apud MORLEY, 2008, p. 125, tradução nossa).

Esses territórios virtuais, construídos de forma digital, também ocupam um território físico a que Morley (2017, p. 28, tradução nossa) chama de “infraestruturas fisicamente localizadas”. Essas são estruturas tecnológicas que controlam os dados no nosso planeta. São formadas por computadores e discos rígidos de empresas criadoras de enormes bancos de dados, gerenciados por algoritmos com a função de catalogar cada indivíduo com vários hipertextos utilizados de forma diversa e imperceptível, aos olhos dos usuários dessa tecnologia. Portanto, esses territórios considerados incorpóreos, na contemporaneidade, podem ser decifrados como “um conjunto de geografias ‘secundárias’ ou ‘a sombra’ como enfatiza Morley (2008, p. 124, tradução nossa).

Dessa maneira, a presença está situada no território físico em que está o seu corpo físico, no território virtual por onde seu corpo virtual navega e no território físico que armazena os rastros dela e tantas outras camadas não vistas e que como as citadas, também são componentes do palimpsesto territorial.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

O critério de seleção dos entrevistados foi não ter ou ter pouca vivência com a presença virtual em relação as TICs antes da pandemia e que em função dela foram obrigados a adquirir equipamentos, ou utilizar os de familiares para continuar suas atividades cotidianas em meio a elas. Para tanto, a investigação sobre a experiência em relação às presenças física e virtual, foram feitas com adolescentes, estudantes de escola estadual, que mesmo pertencentes a essa geração considerada nativa digital, não tinham muito contato com as TICs antes da pandemia, em função do baixo poder aquisitivo familiar. Porém, tiveram a necessidade de utilizá-las para continuar participando das aulas, durante a pandemia de Covid-19, realizadas por meio da plataforma de videoconferência *Google Meet*.

Atualmente voltaram para as aulas de maneira física na escola, vivenciando a realidade com a qual estavam acostumados antes da pandemia. O que possibilitou, assim, levantar também os dados da experiência da presença física antes e depois de terem tido uma vivência maior da presença imersa no mundo virtual por meio das TICs, uma vez que, durante a pandemia, as aulas aconteceram de forma online. Diariamente, quatro horas e trinta minutos conectados virtualmente para as aulas, mais o tempo que precisavam se manter conectados para fazer outras atividades como tarefas e trabalhos com os colegas, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação para isso.

A escolha dos alunos e professora foi feita, primeiramente, a partir do seguinte critério: escolher turmas e docente que não tivessem intimidade com as TICs até a pandemia. Num segundo momento entramos em contato com vários professores de algumas escolas públicas e ouvimos as suas vivências com os estudantes em suas aulas de maneira física e virtual. Foram selecionadas duas turmas consideradas as mais díspares na participação física e online, segundo a professora delas, que também foi entrevistada. Uma era a mais participativa de forma física e a outra era o inverso, muito participativa no virtual. Outra característica que as diferia eram as notas. Os alunos de uma tinham as notas muito superiores aos da outra que antes da pandemia era considerada pelos professores da escola como uma turma “problema”, como relatou a professora quando salientou as diferenças entre as turmas:

*A Turma 1 eu dei aula antes da pandemia e era muito boa, era*

*excepcional, eram alunos interessados. Em relação a notas eram excelentes, sempre foi. 90% da turma tinha nota bem alta em todas as disciplinas. No conselho de classe eles eram sempre elogiados. Na pandemia deu uma caída, mas ainda entre as turmas da escola era uma que tinha participação de número de estudantes. Eles participavam via chat, faziam as atividades. Não tanto como no presencial, eles eram melhores no presencial. [...].*

*A Turma 2 eu não conhecia, meu primeiro contato com eles foi virtualmente em 2020. Eu via os alunos dessa turma passarem no corredor, eu ouvia só o barulho deles mesmo em sala de aula. Era uma turma considerada indisciplinada total. Tinham fama de terríveis. Desde que tive o primeiro contato com eles virtualmente foi apaixonante, maravilhoso. [...]. Tinham uns sete alunos que possibilitavam levar a aula por um outro caminho. Eles criavam uma situação. E até teve aluno que falou: “professora, nós não somos assim no presencial, a gente é muito ruim, a gente é bagunceiro. Ninguém aguenta nossa turma”. Eu falei: “aqui tá maravilhoso”. Quando voltou a aula eu queria saber quem eram eles. Quando eu voltei para escola e eu queria encontrar as pessoas que eu me relacionei virtualmente e até hoje eu fico procurando e não encontro mais [...]. (P., Apêndice 9)*

Em ambas as turmas foi comunicado a voluntariedade da pesquisa.

Na T1 cinco alunos não quiseram participar enquanto na T2 todos os que foram na aula nesse dia participaram. No total, como dito anteriormente, foram 48 alunos que responderam às perguntas, vinte e quatro de cada turma, sendo que 14 de cada turma se identificaram como pertencentes ao gênero masculino e 10 ao gênero feminino. Desse modo, quanto ao gênero, o universo da pesquisa é formado por 28 pessoas do gênero masculino e 20 do feminino. Em relação a idade, os adolescentes tinham de 15 a 18 anos, sendo a maioria de 44 alunos (91,7%) na faixa entre 16 e 17 anos, como apresentado na tabela (Tabela 1) abaixo:

**Tabela 1** – Quantificação da idade dos alunos por turma

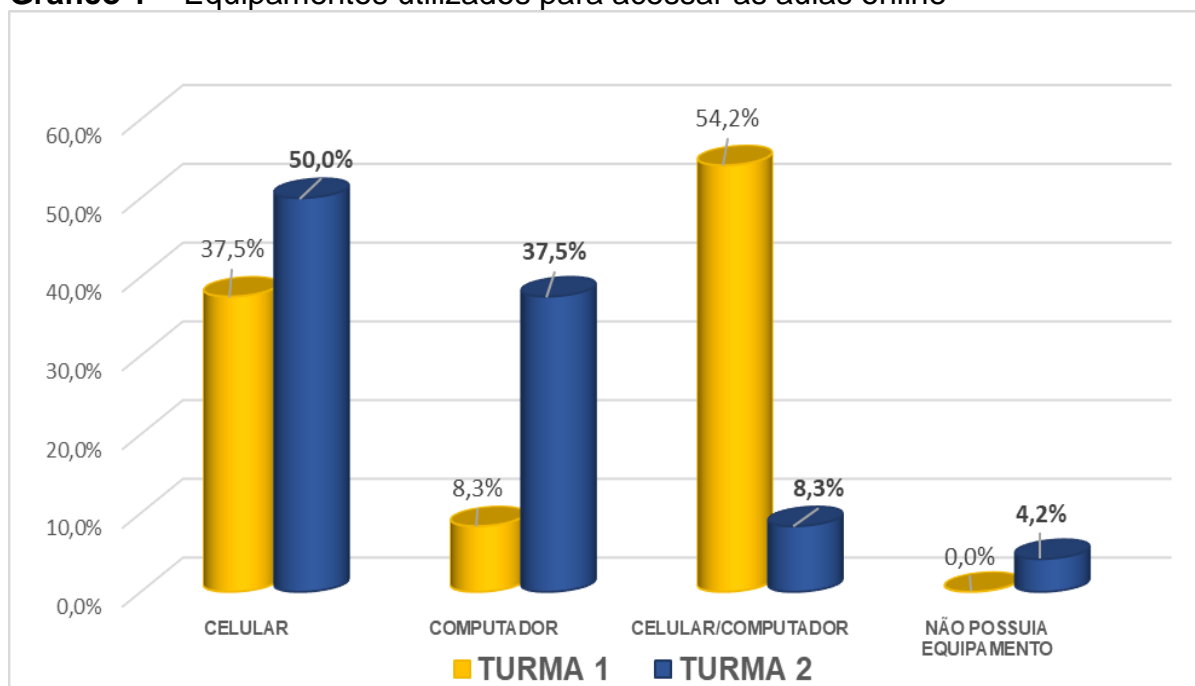
IDADE	T1	T2	TOTAL	%TOTAL
15 anos	1	2	3	6,3%
16 anos	15	11	26	54,2%
17 anos	8	10	18	37,5%
18 anos	0	1	1	2,0%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Na pergunta 1: “Qual equipamento possuía para acessar as aulas de forma online? (Se possuía mais de um, assinale os dois ou mais)”, na qual as opções de resposta eram “( ) Celular ( ) Computador ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_” (Apêndice 1), foi possível avaliar o contato com as TICs desses alunos. Da T2, vinte

e um alunos, representando 87,5% dela, possuíam apenas um dos equipamentos, sendo que 50% da turma só possuía celular (Gráfico 1) e um dos alunos nem conseguiu acompanhar as aulas online por não ter equipamento algum e mesmo hoje ainda não possui nem mesmo celular.

**Gráfico 1** – Equipamentos utilizados para acessar as aulas online



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a maioria da T1 possuísse os dois equipamentos (54,2%), ainda grande parte da turma (45,8%) refere ter apenas um. Mesmo dos que possuem os dois dispositivos muitos relataram a necessidade de compartilhar o celular ou computador com outros membros da família. Informação que expressa o pequeno contato que a maioria tinha com as TICs antes da pandemia, pois vários relataram utilizar celulares pertencentes aos pais. Cerca de trinta por cento (29,2%) da T2 e 20,1% da T1 compartilhou o equipamento durante quase todo ano de 2020 e o primeiro semestre de 2021. Sem contar os que adquiriram equipamento por causa das aulas online, não tendo contato com os mesmos antes disso. No total dos 48 alunos, apenas 15 possuíam os dois equipamentos (dos quais apenas dois desses eram da T2), enquanto mais que o dobro desses (33 alunos), não possuía ou possuía apenas um deles (Tabela 2).

**Tabela 2 – Qual equipamento possuía para acessar as aulas de forma online?**

<b>1-EQUIPAMENTO UTILIZADO</b>	<b>T1</b>	<b>T 2</b>	<b>%T 1</b>	<b>%T2</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%TOTAL</b>
CELULAR	9	12	37,5%	50,0%	21	43,8%
COMPUTADOR	2	9	8,3%	37,5%	11	22,9%
CELULAR/COMPUTADOR	13	2	54,2%	8,3%	15	31,3%
NÃO POSSUI EQUIPAMENTO	0	1	0,0%	4,2%	1	2,1%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora.

É relevante ressaltar que alguns dos que responderam possuir algum tipo de equipamento, na verdade não eram seus. Entretanto utilizavam equipamentos emprestados, necessitando ir às casas de outras pessoas para poderem fazer as aulas conforme o relatado da professora:

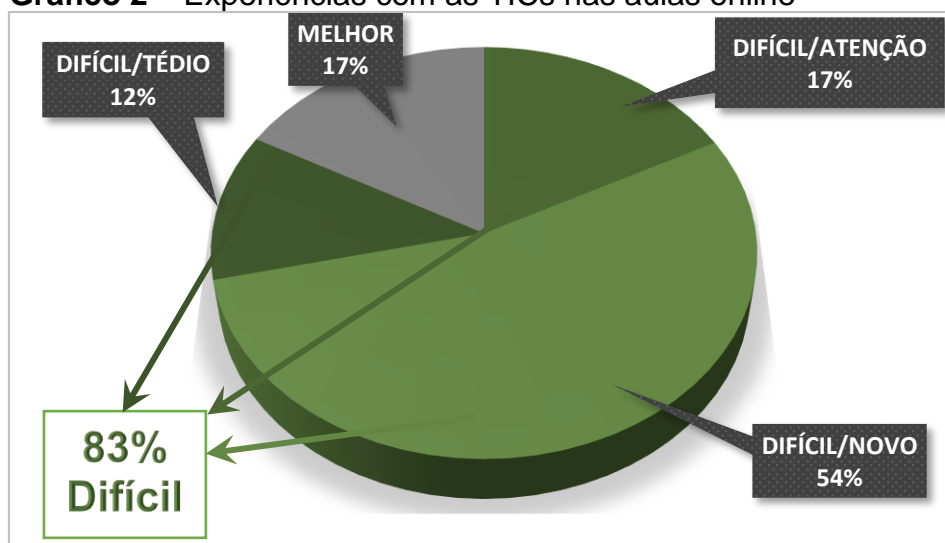
*Pouquíssimos já tinham computador em casa. Lembro de um aluno que falou na sala virtual: “estou aqui, mas aqui é a casa do meu tio. Eu venho aqui fazer as aulas”. Mas nem todo mundo fala, né?! E às vezes era um celular pra família toda. Era comum terem que compartilhar o celular. Já vi um irmão ao lado do outro. Tinha uns que era de manhã e à tarde e teve caso que era no mesmo horário, mesmo turno. Alguns revezavam com os irmãos: “você fica nas primeiras aulas, você fica nas últimas”. E os computadores e celulares que eles possuíam eram bem arcaicos. [...] (P, Apêndice 9)*

Na pergunta 5 do questionário indagávamos: “Conte como foi essa experiência em relação ao equipamento que precisava ter para acessar as aulas, seja um celular, computador ou outro?” (Apêndice 1), obtivemos respostas significativas para análise por apenas 72,9% dos alunos, os outros 14,6% deixaram essa questão em branco e 12,5% se posicionaram de maneira neutra com resposta como: “Normal” (1L), “Utilizava normalmente” (1M), “Normal, apenas rotineira” (2E) e outras semelhantes a essas.

As respostas em que haviam narrativas da experiência foram divididas em quatro categorias: Melhor, para as respostas que classificavam como melhor estar presente de forma virtual nas aulas do que de forma física; Difícil/Atenção, as que apontavam como dificuldade com a presença virtual o não conseguir prestar atenção e se distraírem muito facilmente com elementos do ambiente físico em que estavam; Difícil/Novo, para as respostas que expressavam dificuldade por esses alunos terem adquirido o equipamento recentemente, para as aulas e Difícil/Tédio, as que indicaram dificuldade com a presença virtual por se sentirem entediados durante as aulas.

Tomando como referência a observação inicial de que, para muitos deles, o relacionamento com as TICs ser novo e não terem experiência com a presença virtual por meio delas, tinham uma expectativa de resposta que foi confirmada. Dos que relataram suas experiências, 83% expressaram dificuldades na participação virtual utilizando as TICs e 17% consideravam melhor estarem presente de forma virtual do que estar presente fisicamente na escola, conforme expresso no Gráfico 2 abaixo:

**Gráfico 2 – Experiências com as TICs nas aulas online**



Fonte: Elaborado pela autora.

O objetivo principal dessa pergunta foi avaliar a relação dos adolescentes com as TICs. O que ficou claro na categoria Difícil/Novo que teve mais respostas enquadradas, em ambas as turmas, sendo 47,1% da T1 e 61,1% da T2 (Tabela 3), foi a comprovação de que a maioria dos entrevistados tinha pouca ou nenhuma experiência com as TICs em função de não possuir dispositivo para isso anteriormente ou ter equipamento com uma qualidade que não o estimulava a tal.

**Tabela 3 – Experiências com as TICs nas aulas online**

EXPERIÊNCIA	%T 1	%T2	T1-T2
DIFÍCIL/ATENÇÃO	23,5%	11,1%	17,3%
DIFÍCIL/NOVO	47,1%	61,1%	54,1%
DIFÍCIL/TÉDIO	17,6%	5,6%	11,6%
MELHOR	11,8%	22,2%	17,0%

Fonte: Elaborada pela autora.

As respostas pertencentes a esse grupo eram expressas de forma semelhantes a essas: “Não gostei, meu celular não suportava muito por causa da

*memória” (2B); “Minha experiência foi horrível, pois meus equipamentos eram horríveis” (2C); “A minha experiência com o equipamento foi ruim por eu ter que dividir o celular” (2R); “Tive muita dificuldade, pois em alguns momentos tinha que compartilhar com meus irmãos o computador” (2X); “Foi extremamente difícil para mim utilizar o celular para assistir as aulas, pois o celular sempre acabava a bateria antes das aulas terminarem, então eu precisava utilizá-lo enquanto carregava. O que estragou a bateria do meu celular. sem contar que eu tinha que esperar ele carregar completamente para fazer as atividades no classroom” (2U); “Ganhei computador. Dificuldade adaptação conversas colegas e professores” (1A); “Não foi muito boa, sempre precisava contar com a internet que as vezes falhava, e o computador dava problemas e o celular travava” (1K); “Foi um pouco difícil por não poder tirar as dúvidas com o professor e não sabia como perguntar usando o celular” (1V).*

As outras categorias que apontavam dificuldade seja de prestar atenção (17,3%) ou por se sentir entediado (12%) e mesmo os que sinalizavam preferir as aulas online (17,0%) serviram para observar a relação do aluno com o lugar em que estava fisicamente e virtualmente. Na categoria Difícil/Atenção foram classificadas respostas como: *“Ruim, porque eu sentia que não conseguia prestar atenção e aprender as matérias, e isso me frustrava bastante” (2L); “Ruim, porque acabava me distraindo” (2H); “Ruim, não conseguia prestar atenção igual era no presencial” (1I); “Horrível, a atenção ficou negativada e a confiança na minha mente diminuiu, porque qualquer resposta tem que olhar na internet, só pra garantir” (1X); “Para as aulas é péssimo pois não dá pra prestar atenção” (1T). E respostas como: “Difícil, muitas vezes acabava sendo algo entediante” (1G); “Foi uma experiência chata e cansativa” (1H); “Foi horrível. dormia nas aulas” (2K), foram incluídas na categoria Difícil/Tédio.*

Foram incorporadas à categoria Melhor a respostas: *“Mais confortável, pois podia fazer em qualquer lugar” (1D); “Foi bom conseguia fazer várias coisas enquanto assistia a aula” (1E); “Ahhh pra mim foi melhor virtualmente” (2T).*

## **5.2 PLANO DE ANÁLISE**

Para elaboração do plano de análise, uma das etapas foi a criação de um quadro (Quadro 2) em que relacionamos as perguntas feitas no questionário e na entrevista (Apêndices 1, 2 e 3) com as questões iniciais que motivaram a pesquisa,

apresentadas na introdução desse trabalho. Em seguida, passamos para fase do cruzamento dos dados. Os resultados obtidos na pesquisa empírica possuíam relação direta com a argumentação dos autores da pesquisa bibliográfica. Reproduzimos abaixo o quadro criado fazendo a associação das perguntas feitas nas entrevistas com as questões-chave da pesquisa:

**Quadro 2 – Questões iniciais da pesquisa X perguntas entrevista e questionário**

<b>Questões da pesquisa</b>	<b>Perguntas feitas no questionário e entrevista</b>
O que é estar presente em um lugar?	12) O que para você significa estar presente em um lugar? 13) Para você qual a diferença de estar presente online ou de forma física em um lugar? 14) Utilizando o Google Meet o que faz você se sentir presente na aula online? 22) Existe algum aplicativo de bate-papo, jogo ou outro que te faça sentir a presença virtual igual ou mais presente que de forma física? Se existe, qual?
Existe alguma diferença entre estar presente de maneira física ou de maneira virtual em um evento? Qual o lugar e o significado do corpo na era digital?	9) O que você percebeu de positivo e negativo em seu relacionamento com os demais colegas de sala pelo fato das aulas serem online? 13) Para você qual a diferença de estar presente online ou de forma física em um lugar? T1-T2-1) Como era o seu tempo antes, durante e depois da pandemia? (Em relação ao tempo que ficava nas aulas no Meet e as realizadas na escola) T1-T2-3) Quais os pontos positivos no relacionamento virtual através de qualquer aplicativo? T1-T2-4) E os pontos positivos na presença física? E os pontos positivos na presença física? 18) Você se incomoda de abrir a câmera? Por quê? 21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?
Quais modificações serão produzidas nos sentidos humanos na sua relação com a tecnologia e na integração dessa ao corpo humano? Qual a relação do tempo com a mobilidade na comunicação e no acesso à informação?	6) Como percebeu o tempo livre com as aulas online? 7) Você percebe uma necessidade de checar o celular para ver se tem recados com que frequência? 8) Percebe que o tempo que fica no celular depois que começou a pandemia... Por quê? 21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?
Qual a relação da presença com corpo e território?	14) Utilizando o Google Meet o que faz você se sentir presente na aula online? 15) Os sons das casas dos outros alunos interferem na sua percepção de presença na aula? 21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?

### 5.3 O QUE É ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?

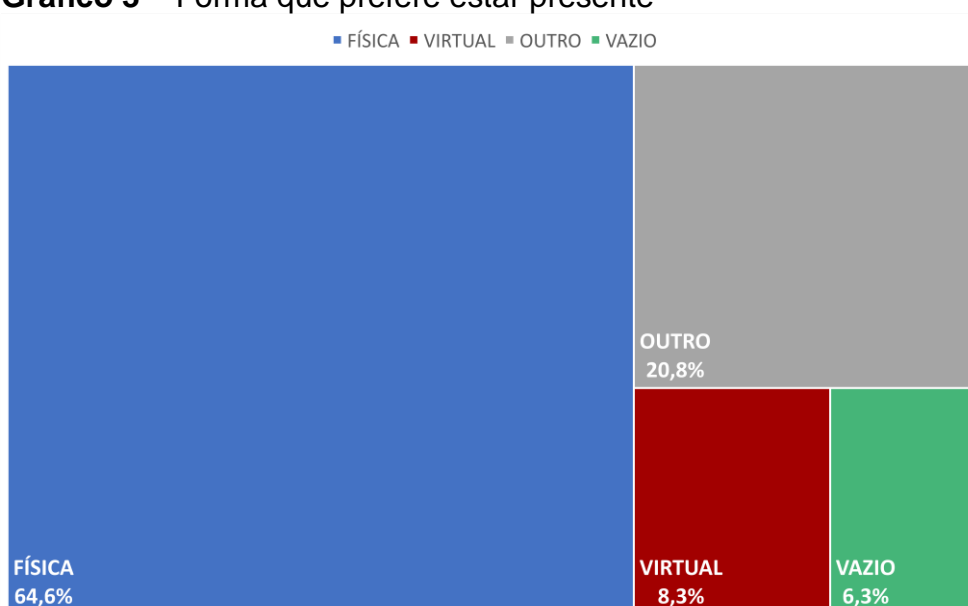
Nas perguntas 12 e 13 (Apêndice 1) houve algumas respostas que se enquadraram na definição de Gumbrecht (2015) que afirma não existir presença sem proximidade dos corpos, sem toque. E seu conceito de presença está associado ao próprio conceito de existência e de experiência. Nas respostas de alguns alunos à questão 12 (Quadro 3) sobre o significado de presença as respostas foram:

**Quadro 3** – Presença X existência X experiência

ADOLESCENTE	12) O QUE PARA VOCÊ SIGNIFICA ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?
1S	É SUA EXISTÊNCIA ALI, SEJA OUTROS SABENDO OU APENAS VOCÊ PRESENTE NO LOCAL.
2C	MELHOR QUALIDADE NA EXPERIÊNCIA.

Como foi possível constatar em outras respostas, por exemplo a questão 13 (Apêndice 1) sobre a diferença de estar presente de forma virtual ou de física em um lugar, expressou exatamente um dos conceitos sobre presença de Gumbrecht, “*não existe ‘presença online’*” (2E). Outros, embora não tenham respondido exatamente dessa forma, expressaram preferir estarem presente nas aulas de forma física, o que representou 64,6% dos adolescentes contra apenas 8,3% que responderam preferir estar presentes de forma virtual (Gráfico 3).

**Gráfico 3** – Forma que prefere estar presente

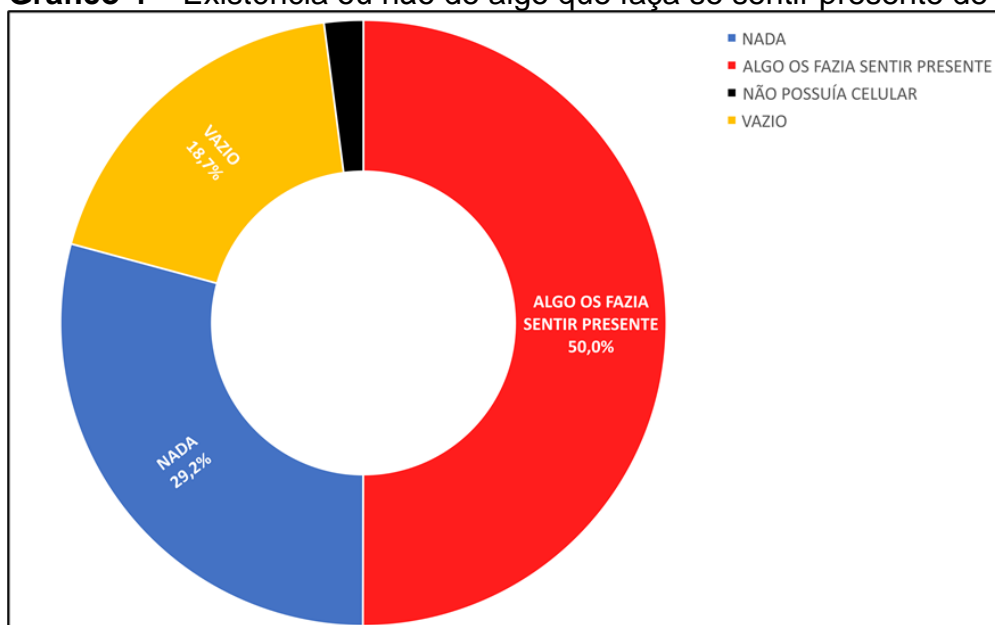


**Fonte:** Elaborado pela autora.

As respostas foram significativas, porque a questão não era sobre qual gostavam mais, mas sobre a diferença entre sua percepção acerca dos dois tipos de presença. Apareceram respostas que apontavam para preferência de uma das formas de presença. Um dos adolescentes inclusive, utiliza a palavra presente para dizer a respeito da presença física e que se sente mais vivo nela: "*Online não estudo, não sinto necessidade e vontade. Não saio da minha zona de conforto. Presente me sinto mais 'vivo' pode se dizer*" (1S). Esse conceito de que presença é apenas de maneira física está tão entranhado até os dias atuais, que para as reuniões, aulas e encontros com esse nível de presença, o termo popularmente empregado é "presencial", sendo o mesmo que vários adolescentes utilizaram em suas respostas, indicando essa camada como única forma de presença. Como é possível exemplificar em duas, de muitas outras respostas semelhantes: "*Online eu não me sinto completa, presencial é melhor*" (2B); "*Que online você não tem o toque físico e presencialmente tem, e também pra mim precisa ter toque para estar presente e ter comunicação real no lugar*" (2F).

Na arguição sobre a questão "14) Utilizando o Google Meet o que faz você se sentir presente na aula online?", 14 adolescentes (29,2%) expressaram que nada era capaz de fazê-los sentirem-se presentes na aula de forma online. Em oposição a 50% das respostas que apontaram para algo que os faziam se sentir presentes na aula online (Gráfico 4).

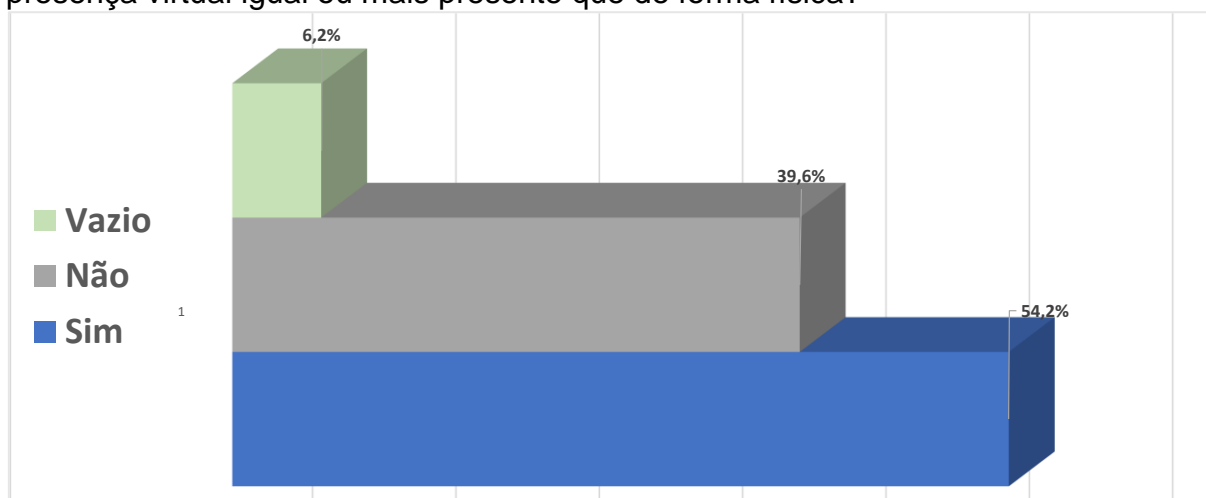
**Gráfico 4** – Existência ou não de algo que faça se sentir presente de forma virtual



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora apenas alguns alunos expressassem preferir a aula de forma virtual a física (Gráfico 3), na questão 13 (Apêndice 1), mais da metade dos adolescentes entrevistados indicaram aplicativos que os fazem perceber a presença virtual de forma similar ou superior a presença física (Gráfico 5) na resposta da pergunta 22 (Apêndice 1).

**Gráfico 5** – Existe algum aplicativo de bate-papo, jogo ou outro que te faça sentir a presença virtual igual ou mais presente que de forma física?



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa questão, as respostas apontam que suas percepções os fazem sentir tão ou mais presentes de forma virtual do que de forma física a partir de aplicativos, pois 54,2% dos entrevistados indicaram algum tipo de aplicativo. Para esses – 26 adolescentes (54,2%) – quando estão em algum tipo de aplicativo seja jogo, chat ou outro, sentem que a presença virtual é equivalente ou superior à presença física. Em contrapartida, 19 adolescentes (39,5%) expressaram descrédito na possibilidade de existir aplicativo capaz de os levar a se sentirem presentes no virtual como se percebem de maneira física, enquanto 6,2% (3 alunos) não responderam (Gráfico 5).

Consideramos as respostas que explicavam ser um aplicativo de bate-papo com vídeo, voz, escrita ou que citavam os aplicativos WhatsApp e Discord como CHAT, e os aplicativos que citavam nome de jogos diversos como JOGOS e os que citavam ambos como CHAT/JOGOS. O que escolheu o aplicativo Instagram foi classificado como REDE SOCIAL e na categoria METAVERSO o que deu exatamente essa resposta (Tabela 4).

**Tabela 4 – Presença virtual equivalente ou superior a presença física**

22) Existe algum aplicativo de bate-papo, jogo ou outro que te faça sentir a presença virtual igual ou mais presente que de forma física? Se existe, qual?	Nº de adolescentes	%TOTAL
NÃO	19	39,5%
CHAT	15	31,3%
JOGOS	4	8,3%
CHAT/JOGOS	5	10,4%
METAVERSO	1	2,1%
REDE SOCIAL	1	2,1%
VAZIO	3	6,3%
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

É interessante como a maior parte dos adolescentes do grupo entrevistado, mesmo sendo novos nesse universo virtual, se percebe tão ou mais presente no virtual que de forma física. A aparente contradição acaba por demonstrar que mesmo em aparelhos precários ainda é possível a imersão a ponto desse nível de percepção de presença. Um dos alunos expressou isso quando questionado sobre o significado de presença (questão 12, Apêndice 1) e a descreveu como uma “bolha confortável” em sua resposta “*Sentir o lugar, as pessoas. conseguir me conectar e de fato estar junto. Podendo esquecer de tudo que está fora daquela bolha confortável*” (2L).

Certos adolescentes nessa questão conectaram presença à atenção em suas definições. Mas uma plenitude de atenção ligada a própria essência do ser, como é possível observar nas respostas do quadro abaixo (Quadro 4):

**Quadro 4 – Presença conectada a atenção**

12) O QUE PARA VOCÊ SIGNIFICA ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?	
<b>1A</b>	ESTAR LÁ, QUERER ESTAR, PRESTAR ATENÇÃO E PARTICIPAR COMO FOR POSSÍVEL.
<b>1M</b>	FOCO TOTAL SEM DISTRAÇÕES E MELHOR COMUNICAÇÃO.
<b>1T</b>	ESTAR COMPROMETIDO NAS COISAS, ESTAR LÁ ATENTO, COMPLETAMENTE CONECTADO COM O QUE ESTÁ VIVENDO.
<b>1X</b>	NÃO TER NADA TIRANDO SUA ATENÇÃO, ESTAR ATENTO AO QUE ESTÁ ACONTECENDO.
<b>2S</b>	SE CONECTAR COM AS PESSOAS DO AMBIENTE DANDO E RECEBENDO ATENÇÃO E PODER SER QUEM VOCÊ É DE VERDADE, É UM SENTIMENTO DE LIBERDADE.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas definições de presença se encontram diretamente relacionadas com as abordagens de Simioni (20--) de presença como “algo íntimo, uma pulsação” ou mesmo com a descrição feita dela por Jerald (2015) em que a apresenta como uma maneira de se comunicar íntima, profunda.

As demais respostas, tanto a questão 12 sobre o significado de presença, como a 14 sobre o que faz com que o aluno se sinta presente na aula virtual tiveram respostas que se encaixaram nas categorias criadas por Power (2006) quando categorizou presença cênica e nas de Jerald (2015) para distinguir camadas da presença virtual em relação as TICs. Alguns enfatizaram a percepção do lugar como o ponto mais importante da presença (Quadro 5) se enquadrando na camada que Jerald (2015) denominou “ilusão de estar em um lugar espacial estável” ou a que Power (2006) denominou “making-present” ou “modo fictício de presença”.

**Quadro 5 – Presença conectada ao lugar x modo fictício de presença**

<b>12) O QUE PARA VOCÊ SIGNIFICA ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?</b>	
<b>1C</b>	É SENTIR QUE ESTÁ ALI, NO LUGAR, VENDO, SENTINDO AS COISAS.
<b>1F</b>	PODER SENTIR O LUGAR, PERCEBER QUE ESTÁ LÁ MESMO QUE ONLINE.
<b>1H</b>	É SE SENTIR PRESENTE DE CORPO E ALMA E SE SENTIR BEM ALI
<b>1Q</b>	SENTIR QUE ESTÁ ALI NO LOCAL
<b>2H</b>	SENTIR QUE ESTÁ FAZENDO PARTE DAQUELE LUGAR
<b>2K</b>	SE SENTIR NO LOCAL, SEJA FÍSICA OU ONLINE.
<b>2Q</b>	ESTAR CONECTADO NO AMBIENTE, MESMO DE FORMA NÃO FÍSICA.
<b>2X</b>	DEPENDE DO PONTO DE VISTA, PODER TANTO ESTAR PRESENTE FISICAMENTE COMO POR UMA CHAMADA DE VÍDEO, MAS SENTINDO COMO QUE ESTANDO NO LUGAR.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Outros, por sua vez, salientam a interação social como foco da percepção de presença (Quadro 6). Essa forma definida Coelho e Tedesco (2017, 616) como “presença social”, quando a percepção de presença está relacionada com a interação e participação sua e das outras pessoas num relacionamento mediado pelas TICs. Alinhada também a definição da “presença social” de Jerald (2015), uma percepção que a interação acontece mesmo sem a relação corpo a corpo. A qual o autor classifica como “ilusão da comunicação social”. E pelas características da percepção da comunicação com as outras pessoas no virtual acontecer como se estivessem se relacionando de maneira física se alinham com a categorização “modo fictício de presença” de Power (2006), conforme é possível observar nas características das respostas abaixo:

**Quadro 6 – Presença - Interação Social x modo fictício de presença, questão 12**

<b>12) O QUE PARA VOCÊ SIGNIFICA ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?</b>	
<b>1J</b>	VER A PESSOA, INTERAGIR.
<b>1K</b>	É ESTAR PRESENTE NÃO SÓ DE FORMA FÍSICA. MAS PARA ESCUTAR, FALAR, BASICAMENTE INTERAGIR COM OS OUTROS.
<b>1L</b>	CONSEGUIR TER CONTATO COM AS PESSOAS.
<b>1W</b>	ESTAR INTERAGINDO DE ALGUMA FORMA COM AS PESSOAS.
<b>2A</b>	PARTICIPAR, COOPERAR, CONVERSAR, OUVIR, AJUDAR.
<b>2B</b>	TER INTERAÇÃO, DEBATES.
<b>2G</b>	ESTAR EM UM LUGAR INTERAGINDO, COMUNICANDO E DIVIDINDO CONHECIMENTO.
<b>2N</b>	SENTIR A PESSOA, ENTENDER O PENSAMENTO, O QUE ESTÁ SE PASSANDO.
<b>2O</b>	O CONTATO FÍSICO OU REMOTO COM AS PESSOAS COM OS PROFESSORES ETC.
<b>2P</b>	A MELHOR COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO COM AS PESSOAS AO MEU REDOR.

Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas à questão 14 (Quadro 7) também retratam a mesma categoria, evidenciando a interação social como ponto principal da presença para esses adolescentes.

**Quadro 7 – Presença - Interação Social x modo fictício de presença, questão 14**

<b>14) UTILIZANDO O GOOGLE MEET O QUE FAZ VOCÊ SE SENTIR PRESENTE NA AULA ONLINE?</b>	
<b>1A</b>	TENTAR SEMPRE FALAR E RESPONDER.
<b>1C</b>	OLHAR O PROFESSOR E VER OS OUTROS ALUNOS PRESENTES NO APLICATIVO.
<b>1J</b>	QUANDO O PROFESSOR DÁ UMA AULA NA QUAL NÓS PARTICIPAMOS E NÃO SÓ OUVIMOS.
<b>1R</b>	PARTICIPAR DA AULA.
<b>1W</b>	A INTERAÇÃO COM OS PROFESSORES E COLEGAS.
<b>2B</b>	A INTERAÇÃO.
<b>2C</b>	DIALOGAR DURANTE O MEET.
<b>2G</b>	A PROJEÇÃO E A INTERAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ALUNOS.
<b>2H</b>	AS BRINCADEIRAS NO CHAT.
<b>2M</b>	UMA AULA INTERATIVA.
<b>2O</b>	OS COLEGAS INTERAGINDO.
<b>2P</b>	INTERAGIR COM OS OUTROS ALUNOS.
<b>2Q</b>	ME COMUNICAR COM OS ALUNOS E PROFESSORES.
<b>2T</b>	DIALOGANDO.
<b>2V</b>	INTERAGIR COM AS PESSOAS.

Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns adolescentes embora destaquem o relacionamento social como essência da presença, por isso também caracterizando a camada de “ilusão da comunicação social” de Jerald (2015), especificam o tipo de interação focado no professor. Colocam-no como protagonista da cena (Quadro 8), e delegam a ele a

responsabilidade por gerar nos alunos a sensação de presença nas aulas virtuais. Isso faz com que sejam incluídos no “modo aurático de presença” de Power (2006) quando a “aura” de um ator é o foco da presença.

**Quadro 8 – Presença conectada ao professor x modo aurático de presença**

14) UTILIZANDO O GOOGLE MEET O QUE FAZ VOCÊ SE SENTIR PRESENTE NA AULA ONLINE?	
<b>1B</b>	O ESFORÇO DO PROFESSOR EM DAR AULA AJUDA.
<b>1H</b>	OS PROFESSORES TRABALHANDO BEM COMO TRABALHAM NA SALA.
<b>1M</b>	A VOZ DA PROFESSORA.
<b>1N</b>	A INTERAÇÃO COM O PROFESSOR.
<b>1O</b>	PROFESSORES SE ESFORÇANDO PARA FAZER AS AULAS
<b>1S</b>	SÓ SE FOR MATÉRIA OU AULA QUE O PROFESSOR FAZ SER INTERESSANTE.
<b>1T</b>	O PROFESSOR.
<b>2A</b>	A PRÓPRIA MATÉRIA EM SLIDES, O PROFESSOR E A VOZ DELE.
<b>2G</b>	A PROJEÇÃO E A INTERAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ALUNOS

Fonte: Elaborado pela autora.

Outros, por sua vez, colocam-se como referência principal da presença como se seu corpo fosse sua presença (Quadro 9). Esses se alinham ao que Power (2006) denominou “*being-present*”, o “modo literal de presença”. Ou ao que Jerald (2015) chamou de “ilusão da auto incorporação”, no caso, da própria presença.

**Quadro 9 – Presença conectada a si x modo literal de presença**

12) O QUE PARA VOCÊ SIGNIFICA ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR?	
<b>1N</b>	É SE FAZER PRESENTE, FAZER COM QUE SUA PRESENÇA SEJA NOTADA
<b>1R</b>	MINHA PRESENÇA
<b>1U</b>	MARCAR PRESENÇA
<b>2M</b>	ESTAR ALI E TER PRESENÇA

Fonte: Elaborado pela autora.

Tais respostas apontam para diferentes percepções de presença, porém, de maneira geral, indicam o reconhecimento da presença tanto física como virtual conectadas de alguma forma ao corpo vivo de um ser humano. A partir dessa constatação partimos para a análise desse corpo vivo na percepção desses adolescentes. É o que fazemos na subseção seguinte.

**5.4 EXISTE ALGUMA DIFERENÇA ENTRE ESTAR PRESENTE DE MANEIRA FÍSICA OU DE MANEIRA VIRTUAL EM UM EVENTO? QUAL O LUGAR E O SIGNIFICADO DO CORPO NA ERA DIGITAL?**

Essas duas perguntas foram agrupadas pelo fato do corpo estar intrinsecamente ligado à presença e por ter o seu significado nessa era conectado às formas de estar presente nesse mundo. Para investigar sobre essas questões

utilizamos as perguntas 9, 13, 18 e 21 do questionário (Apêndice 1) e 1, 3 e 4 da entrevista conforme detalhado no plano de análise (Quadro 2).

Tanto as respostas dadas à pergunta 13 (Apêndice 1) do questionário, quanto a pergunta 3 da entrevista (Apêndice 7 e 8) demonstram diferenças ligadas ao corpo físico, ao toque, gestos, expressões, e demais aspectos da linguagem corporal. Características que Ekman (2011) e Bateson (2000) investigaram e elencaram como essenciais na comunicação humana. Alguns adolescentes alegam que no virtual faltam elementos que só com o corpo físico é possível expressar. Confirmando a afirmação de Coelho e Tedesco (2017) na qual existe perda do “olhar, a expressão facial, a postura, os gestos, entre outros elementos” (COELHO; TEDESCO, 2017, p. 611) quando a comunicação é mediada pelas TICs.

Alguns adolescentes apresentam o sentimento de incompletude no virtual, como se a falta do tato, dos gestos tornasse a presença superficial, com uma interação rasa e como se a plenitude da presença só fosse possível de maneira física: *“Online eu não me sinto completa, presencial é melhor”* (2B); *“Que online você não tem o toque físico e presencialmente tem, e também pra mim precisa ter toque para estar presente e ter comunicação real no lugar”* (2F); *“De forma física a presença é maior e mais significativa”* (2G); *“No online é mais superficial”* (2H); *“Online é muito superficial e física é muito mais real”* (2L); *“Online eu não consigo me comunicar de maneira completa e de forma física sim”* (2O); *“Online não consigo me expressar como queria e física tenho mais facilidade”* (2P); *“Presencialmente é melhor, você se sente presente estando no lugar”* (2S); *“Você interage melhor com as pessoas quando estão de forma física no mesmo lugar”* (1G); *“Que online eu não ligava e não fazia ideia do que estava acontecendo. Agora fisicamente, sim”* (1I); *“Presencial significa que realmente você está lá. online não (não é a mesma coisa)”* (1K); *“No online ninguém está realmente presente, pode só ficar lá aberto e a pessoas fazendo outra coisa”* (1X), como é possível observar nessas respostas e em outras semelhantes a essas dadas a pergunta 13 do questionário (Apêndice 1) e nas falas a pergunta 4 da entrevista (Apêndices 7 e 8):

#### **T1-4) E os pontos positivos na presença física?**

Fala 20 (M) *Você se sente vivo, presente na relação.*

Fala 21 (M) *Eu estou olhando aqui pro meu amigo, é muito mais... a gente se sente melhor. Fica mais simples, mais direta, sem muita frescura, sem WhatsApp, sem nada.*

Fala 22 (F). *É mais fácil a comunicação porque você está vendo.*

Fala 23 (M) *Pessoalmente é mais expressivo.*

Fala 24 (M) *Na presença física eu me sinto mais acompanhado, eu não me sinto sozinho. (confirmações e concordância dos outros colegas da sala)*

#### **T2-4) E os pontos positivos na presença física?**

Fala 13 (M) – *Percebo. Eu estou ficando grandão. O shape fala por mim.*

Fala 14 (M) – *na comunicação não verbal a gente tem outra base pra se expressar. Na internet a gente não se vê. Pode ser “a mesma frase”, mas se vendo, usando a comunicação não verbal fica mais fácil de se expressar.*

(Apêndice 7 e 8)

Um desses alunos (T2-Fala 13), um adolescente alto e de porte atlético, com a musculatura grande e definida foi o que mencionou, em tom jocoso, que a definição do seu corpo, seu “*shape*”, falava por ele. Demonstrando que com seu desenvolvimento físico, começou a perceber o quanto o seu corpo produzia impacto na forma em que os outros colegas reagiam diante dele. Em muitos casos o inverso também é verdadeiro, uma aparência fraca ou considerada “feia” pode produzir uma reação desagradável de rejeição ou indiferença. Para esse e outros casos em que há problemas em relação à autoestima ou timidez, o virtual facilita a comunicação e a relação corpo a corpo é mais difícil. Como é possível perceber nas palavras de uma adolescente da T2 em resposta à questão 9 (Apêndice 1), analisando os pontos positivos e negativos da aula online (Quadro 10):

**Quadro 10** – Presença física e virtual X timidez

ADOLESCENTE	PONTO POSITIVO Gerou intimidade	PONTO NEGATIVO Gerou isolamento
2U	SEMPRE FUI MUITO TÍMIDA, ENTÃO FOI MAIS FÁCIL CONVERSAR COM AS PESSOAS PELA INTERNET.	QUANDO AS AULAS PRESENCIAIS VOLTARAM A MINHA TIMIDEZ TINHA PIORADO E EU FIQUEI COM VERGONHA DE CONVERSAR COM OS MEUS COLEGAS PESSOALMENTE.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Ao analisar as respostas à indagação contida na questão “18) Você se incomoda de abrir a câmera? Por quê?” foi possível observar quantos tem problemas com autoimagem. Dos 48 adolescentes, 38 (79,2%) responderam se incomodar de abrir a câmera e desses 30 justificaram por medo em relação a timidez ou a aparência, enquanto 8 expressaram se sentirem invadidos em sua privacidade. E apenas 8 responderam não se incomodar. Um deles não respondeu e o outro não participou das aulas virtuais por não possuir dispositivo para acessá-las. Abaixo, no

Quadro 11, selecionamos alguns exemplos que demonstram timidez ou problemas com a autoimagem:

**Quadro 11 – Timidez e/ou autoimagem negativa**

<b>18) Você se incomoda de abrir a câmera? Por quê?</b>	
<b>1D</b>	SIM. MEDO DE SER JULGADO PELOS MEUS COLEGAS
<b>1G</b>	SIM, POR MAIS QUE A MAIORIA DOS ALUNOS ME CONHECESSEM PESSOALMENTE, EU ME SENTIA INSEGURO QUANTO A MINHA APARÊNCIA.
<b>1R</b>	SIM, VERGONHA
<b>1S</b>	SOU FEIO DEMAIS. ALÉM DO QUE MINHA CASA NÃO TEM SUPORTE PARA ISSO (POBREZA :/)
<b>1V</b>	SIM. VERGONHA.
<b>2G</b>	SIM, POIS SOU TÍMIDO
<b>2I</b>	SIM, INSEGURANÇA.
<b>2J</b>	SIM, TENHO VERGONHA.
<b>2M</b>	SIM, DEMAIS. SOU MUITO INSEGURA COMIGO MESMA.
<b>2O</b>	UM POUCO. PORQUE EU TENHO VERGONHA.
<b>2P</b>	SIM, PORQUE TENHO VERGONHA.
<b>2S</b>	SIM. TENHO INSEGURANÇA COM MEU ROSTO E POR ISSO NÃO ME SENTIA CONFORTÁVEL.
<b>2T</b>	SIM, PORQUE ME SINTO ESTRANHO E ENVERGONHADO.
<b>2V</b>	NÃO GOSTO DE ME MOSTRAR TENHO VERGONHA

Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui vale a pena ressaltar as respostas da pergunta 13 (Apêndice 1) de alguns que expressaram claramente a preferência pela aula virtual em detrimento da física: “*Online é mais fácil a interação*” (1D); “*No online ficamos mais à vontade pelo fato de estarmos em casa*” (1F); “*Online é muito mais confortável*” (2K); “*Depende do lugar. Estar presente de modo online é muito melhor do que no modo presencial*” (2X). Uma das vantagens apresentadas por esses adolescentes em relação às aulas virtuais foi a liberdade de falar, sem medo de consequências, enquanto nas aulas de forma física esse medo se manifesta de diversas formas como exemplificado no Quadro 11. Embora apareçam respostas nos questionários que expressem essa facilidade de escrever sem autocensura, foi nas entrevistas que isso ficou mais claro:

**T1-3) Quais os pontos positivos no relacionamento virtual através de qualquer aplicativo?**

Fala 17 (M) *No jogo tá todo mundo xingando todo mundo, no WhatsApp também é mais livre assim. Eu não vou chegar aqui e começar a xingar o Paulinho por exemplo. No online você não tem medo de falar uma coisa pros outro.*

**T2-3) Quais os pontos positivos no relacionamento virtual através de qualquer aplicativo?**

Fala 11 (F) – *no virtual as pessoas têm mais coragem de falar o que elas pensam, porque não vai ter ninguém ali.*

Fala 12 (F) – *a pessoa pode ser mais sincera no virtual, por isso tem muita gente que prefere. Dá pra falar sem encarar as consequências.*  
(Apêndice 7 e 8)

Outra diferença que evidenciaram foi o conforto de ficar em casa, não precisar levantar tão cedo, poder permanecer de pijama, não precisar sair da cama para ir a aula. Respostas que se alinham às características que Baitello Jr. (2014) classifica o ser humano dessa era. Um ser que se acostumou a ficar sentado, que vive sedado pelas TICs, e mais especificamente no caso desses, alguns deitados. Muitas respostas do questionário e da entrevista refletem isso. No Quadro 12 foram incluídas algumas dessas respostas para a pergunta 21 (Apêndice 1) sobre as outras coisas faziam enquanto participavam da aula virtual:

**Quadro 12** – Corpo deitado, sedado como classificou Baitello Jr. (2014)

<b>21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?</b>	
<b>1H</b>	DORMIA E TOMAVA CAFÉ.
<b>1I</b>	DORMIR E COMER, ME SENTIA MAIS PRESENTE QUANDO EU ESTAVA COMENDO.
<b>1K</b>	AS VEZES ANOTAVA O CONTEÚDO, MAS A MAIORIA DAS VEZES ACABAVA DORMINDO.
<b>1L</b>	DORMIA.
<b>1V</b>	FICAVA DEITADA.
<b>2C</b>	DURMO. EU NÃO PARTICIPAVA DURANTE ELAS.
<b>2F</b>	DORMIA.
<b>2K</b>	DORMIR.
<b>2M</b>	NADA. NORMALMENTE FICAVA EM MINHA CAMA.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse corpo acomodado ao universo confortável promovido pelo virtual revela-se também em algumas falas em retorno à questão 3 da entrevista:

**T2-3) Quais os pontos positivos no relacionamento virtual através de qualquer aplicativo?**

Fala 6 (M) – *Nas aulas virtuais era não vir para escola.*

Fala 7 (M) – *Poder dormir mais e ter mais tempo para fazer as coisas.*

Fala 8 (F) – *Eu tinha mais tempo, mas não fazia nada.*

Fala 9 (F) – *Eu tinha mais tempo, e ficava no celular o dia inteiro. Não fazia mais nada na minha vida.*

(Apêndice 8)

Outra característica que se sobressaiu em relação ao corpo foi o desejo de manter afastado de si as pessoas indesejadas. Na questão 3 da entrevista (Apêndice 7) um aluno expressa como ponto positivo do virtual poder deixar sem som (“*mutar*”) as pessoas que não deseja ouvir:

**T1-3) Quais os pontos positivos no relacionamento virtual através de qualquer aplicativo?**

Fala 19 (F) *no online você escolhe com que você quer conversar, no presencial não dá pra mutar ninguém.* (Apêndice 7)

No questionário em respostas à questão 9 (Apêndice 1) “O que você percebeu de positivo e negativo em seu relacionamento com os demais colegas de sala pelo fato das aulas serem online?”, os pontos positivos em sua maioria (33,3%) estavam na categoria que chamamos “Não encontrar quem me atrapalha” com respostas associadas ao fato de não terem que ver, ouvir e conviver com pessoas que não gostem ou que atrapalham aula.

**Quadro 13** – Pontos positivos da aula virtual: não precisar conviver com quem me atrapalha.

<b>1N</b>	MENOS INTERFERÊNCIA DOS OUTROS ALUNOS QUE ATRAPALHAM MINHA CONCENTRAÇÃO.
<b>2F</b>	QUE EU NÃO VIA A CARA DE CERTAS PESSOAS.
<b>2J</b>	NÃO TINHA QUE VER NINGUÉM E NEM SE ARRUMAR PARA IR AO COLÉGIO.
<b>2K</b>	FICAVAM MUTADO, ASSIM NÃO ESTRAGAVAM TUDO.
<b>2L</b>	NÃO PRECISAVA VER AS PESSOAS QUE NÃO GOSTO EM SALA DE AULA.
<b>2M</b>	NÃO VER ELES.
<b>2N</b>	NÃO TINHA QUE VER ELES.
<b>2P</b>	ME AFASTEI DE PESSOAS QUE ME FAZIAM MAL.
<b>2Q</b>	NÃO PRECISAVA VÊ-LOS, FACILIDADE EM EXPRESSAR OPINIÕES.
<b>X</b>	NÃO PRECISAVA VER ALGUNS COLEGAS QUE EU NÃO TINHA PROXIMIDADE.

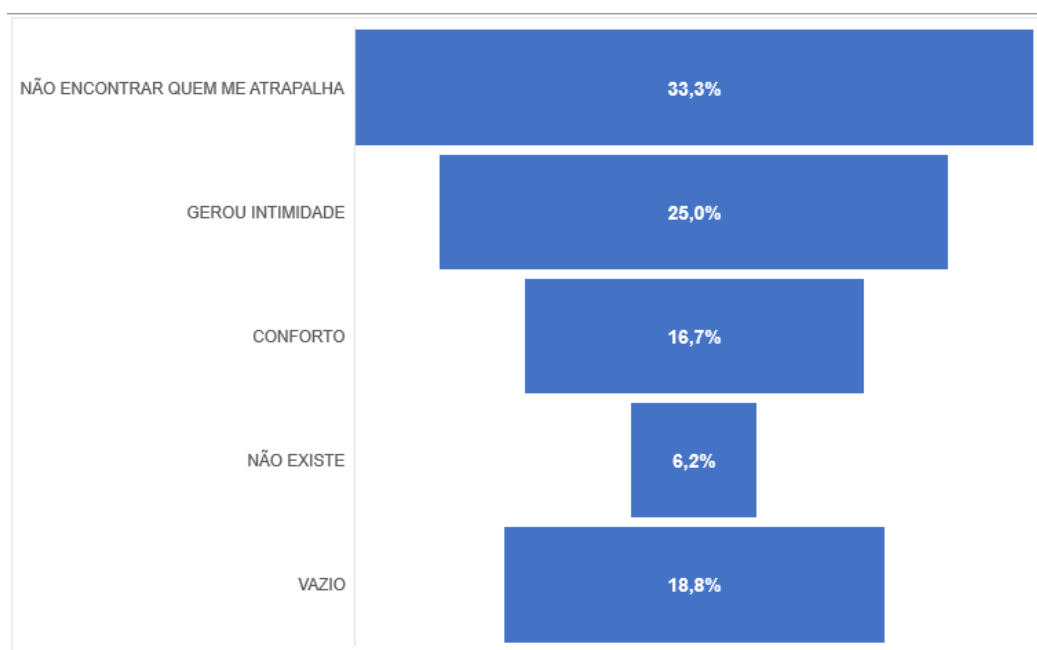
**Fonte:** Elaborado pela autora.

O fato da maior parte dos adolescentes apontarem como ponto positivo estarem livres de precisarem se relacionar fisicamente com pessoas que não querem conviver, demonstra o nível de incômodo essas pessoas produzem em suas vidas. A ponto de ser esse o primeiro ponto positivo a ser lembrado por grande parte dos alunos quando foram responder à questão.

Outros 25% da sala contou que foi positiva a intimidade desenvolvida nas conversas com os colegas por meio de aplicativos de bate-papo. Esses foram categorizados como “Gerou intimidade”. E 16,7% foi incluído na categoria “Conforto”, pois alegaram que o ponto positivo foi o conforto de ficar em casa, não precisar se

arrumar ou levantar cedo e poder ter mais tempo para fazer outras coisas durante as aulas. Os que não responderam essa questão ou qualquer outra sempre entraram na categoria “Vazio”. É possível deduzir que 10,5%, dos 18,8% que não responderam, consideraram não haver ponto positivo, pois foi essa a porcentagem de alunos que deixaram os pontos positivos em branco e escreveram os pontos negativos, unindo-se aos 6,2% que responderam explicitamente não existir ponto positivo. Como é o caso do aluno 1U que respondeu “*Não tem ponto positivo*”. Eles representam 16,7% que não percebem pontos positivos nos relacionamentos nas aulas virtuais, como é possível ver comparando os dados dos gráficos 6 e 7. Em outro foram respostas que não se enquadravam em nenhuma categoria, como “*A falta de presença cria um mistério ruim por trás de mim*”.

**Gráfico 6** – Pontos positivos nos relacionamentos nas aulas virtuais

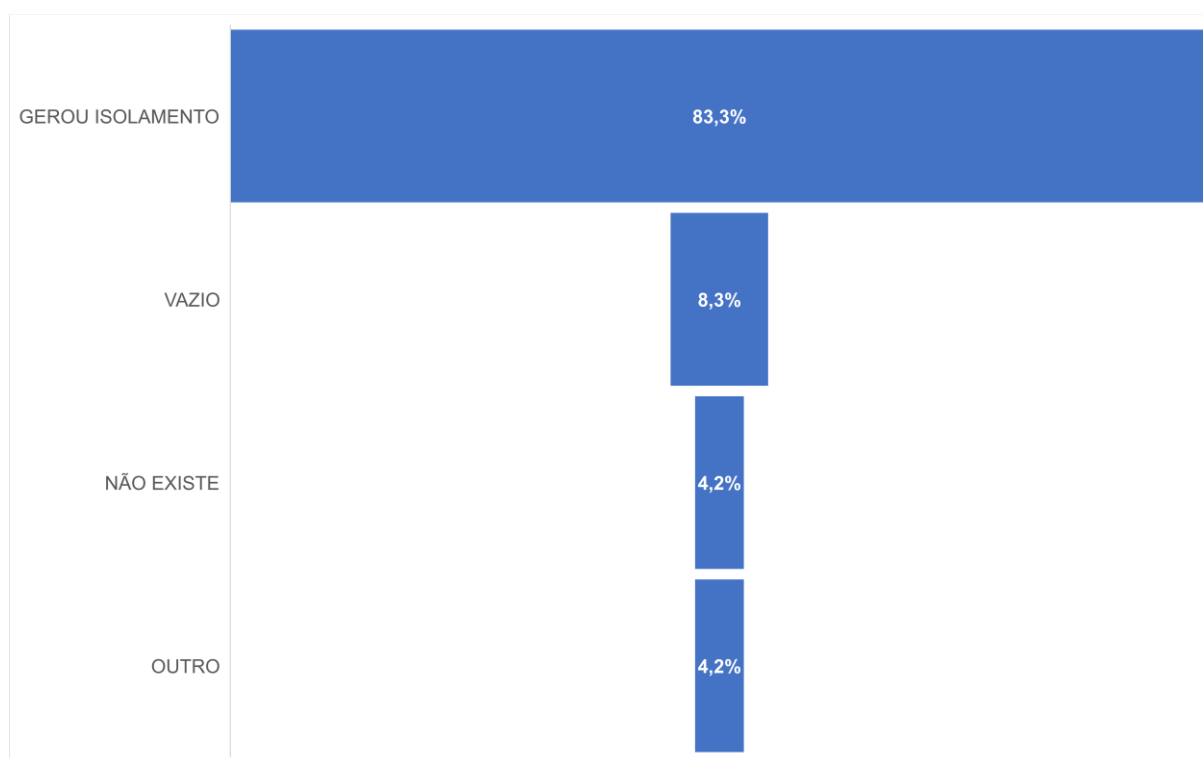


**Fonte:** Elaborado pela autora.

Os pontos negativos foram categorizados em “Gerou isolamento” respostas como: “*Distanciamento de muitos*” (1A), “*Má comunicação e no medo de ser julgado pelos meus colegas. Me isolei total*” (1D), “*Não tenho mais paciência para ficar com eles no mesmo lugar depois que acabou que voltaram as aulas presenciais*” (1E), “*Não havia contato direto, por isso nos afastamos*” (1F), “*Fiquei antissocial por me distanciar das pessoas nesse período*” (1H), “*Perder habilidades sociais por estar sempre longe*” (1O), “*Fiquei mais antissocial*” (1P), “*Parece que desaprendi a conversar*” (1Q), “*Fiquei mais afastado, comecei a interagir menos*” (1U), “*Dificuldade*”

*de interagir pessoalmente*” (1X), “*Não conversávamos tanto*” (2B), “*Senti o afastamento entre todos nós*” (2L), “*Comunicação mais fraca entre as pessoas (sobre sentimentos) não dava pra saber o que de fato aquela pessoa estava sentindo e dizer, acho que por isso muitas amizades se desfizeram*” (2S), “*Quando as aulas presenciais voltaram a minha timidez tinha piorado e eu fiquei com vergonha de conversar com os meus colegas pessoalmente*” (2U). Essa categoria que representou 83,3%. Desses, 25% tiveram suas respostas do ponto positivo categorizadas como “Não encontrar quem me atrapalha”.

**Gráfico 7** – Pontos negativos nos relacionamentos nas aulas virtuais



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Os adolescentes que apontaram como ponto positivo terem percebido, pelo fato das aulas terem sido virtuais, um desenvolvimento de algum tipo de intimidade em seus relacionamentos, afirmaram como ponto negativo, pelo fato das aulas terem sido virtuais, terem perdido a habilidade de se comunicar no relacionamento de forma física. Alegam que isso produziu isolamento. Parece antagônico a totalidade dos adolescentes que apontou uma aproximação em seus vínculos com os demais colegas como ponto positivo, descreverem o oposto, ter gerado afastamento, como ponto negativo. Mas a proximidade conquistada nas

conversas pelo celular, não conseguiu ser transposta para o relacionamento físico, como é possível observar em algumas respostas destacadas no Quadro 14:

**Quadro 14** – Simultaneidade na resposta sobre relacionamento em sala de aula – ponto positivo aproximação e negativo afastamento

9) O que você percebeu de positivo e negativo em seu relacionamento com os demais colegas de sala pelo fato das aulas serem online?		
ADOLESCENTE	PONTO POSITIVO Gerou intimidade	PONTO NEGATIVO Gerou isolamento
1E	FICAMOS MAIS PRÓXIMOS NO CELULAR DEPOIS QUE VOLTARAM AS AULAS PRESENCIAIS	NÃO TENHO MAIS PACIÊNCIA PARA FICAR COM ELES NO MESMO LUGAR DEPOIS QUE VOLTARAM AS AULAS PRESENCIAIS
1I	SE APROXIMAR MAIS	NÃO CONSEGUI SOCIALIZAR
1O	COM O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS FICAMOS MUITO MAIS PRÓXIMOS.	PERDER HABILIDADES SOCIAIS POR ESTAR SEMPRE LONGE
1P	FICAMOS MAIS PRÓXIMOS.	FIQUEI MAIS ANTISSOCIAL
1Q	CRIAMOS UMA CONEXÃO PELOS APPS	PARECE QUE DESAPRENDI A CONVERSAR
1X	SE FALAR SEMPRE	DIFICULDADE DE INTERAGIR PESSOALMENTE
2U	SEMPRE FUI MUITO TÍMIDA, ENTÃO FOI MAIS FÁCIL CONVERSAR COM AS PESSOAS PELA INTERNET.	QUANDO AS AULAS PRESENCIAIS VOLTARAM A MINHA TIMIDEZ TINHA PIORADO E EU FIQUEI COM VERGONHA DE CONVERSAR COM OS MEUS COLEGAS PESSOALMENTE.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

As respostas do questionário que foram reafirmadas pelas falas em resposta a questão 1 da entrevista (Apêndice 7 e 8), apontam para os efeitos percebidos pelos adolescentes entrevistados por terem tido um período de encontros apenas virtuais, em função da pandemia. Eles expõem uma percepção de falta de profundidade na presença virtual destacada por Virilio (1993, p. 103) quando retrata a presença virtual como uma aparência que flutua, numa realidade ubiqüitária, fragmentada no “tempo da presença aqui e agora” e no tempo localizado na distância permitida pela virtualidade. Distância, tempo e fragmentação que fez desaprender

como se comunicar utilizando o corpo físico, que aumentou os medos e inseguranças característicos da adolescência.

### **1) COMO ERA O SEU TEMPO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA? (EM RELAÇÃO AO TEMPO QUE FICAVA NAS AULAS NO MEET E AS REALIZADAS NA ESCOLA)**

#### **Turma 1**

Fala 7 (M) *muita diferença no comportamento.*

Fala 8 (F) *Pra mim ficou bem mais bagunçado e cansativo. Parece que a gente desaprendeu a conversar com as pessoas (concordância dos demais alunos).*

Fala 9 (F) *a gente desaprendeu ter contato social.*

Fala 12 (M) *a gente mudou um pouco, fico reparando assim. Antes da pandemia eu era de um jeito e agora eu tô diferente.*

Fala 13 (F) *a pandemia mudou muito as relações que a gente tem com amigo. E como você liga pra escola, como você liga para o seu amigo diminuiu, porque diminuiu o contato, então diminuiu suas referências. E agora você fica filtrando demais, não é mais tão chegado pra conversar.*

Fala 14 (M) *eu percebi que agora eu estou muito mais no celular, estou muito mais contido, eu estou pouco se fodendo o que está acontecendo em volta assim. A gente fica avaliando qual relacionamento vai querer manter.*

Fala 15 (F) *eu na pandemia eu desaprendi a desenvolver relacionamento. Agora parece que eu preciso aprender ter esses contatos com as pessoas.*

#### **Turma 2**

Muitas vozes – *É bem diferente.*

Fala 1 (M) – *Mudou tudo. Não vínhamos para escola, agora a gente vem e mesmo antes quando vínhamos é diferente de agora. Mesmo vendo o rosto das pessoas é diferente.*

Fala 2 (F) – *Nós tivemos que aprender a socializar novamente depois da pandemia. Aprender a conversar e ver a pessoa e entender. O Online era uma presença superficial*

Fala 3 (M) – *Antes da pandemia o pessoal era mais conectado. Depois da pandemia todos ficaram mais isolados, é mais difícil você se relacionar com a pessoa presencialmente, todo mundo tá mais conectado no celular.*

Fala 4 (M) – *No online a gente aprendeu se relacionar muito mais pelo celular do que fisicamente, aí é difícil socializar.*

(Apêndices 7 e 8)

Embora tenham tido sensação de proximidade nas conversas ao alcance das mãos, em seus *smartphones* na intimidade de suas casas, tiveram dificuldade de se expressar, e de voltar a lidar com os mais variados modos de comunicação do corpo apresentado por Bateson (2000) e como expôs claramente um dos adolescentes no ponto negativo da questão 9 (Apêndice 1): “*Comunicação mais fraca entre as pessoas (sobre sentimentos) não dava pra saber o que de fato aquela*

*peessoa estava sentindo e dizer, acho que por isso muitas amizades se desfizeram”* (2S) ou na T2-Fala 4 (M) – *“No online a gente aprendeu se relacionar muito mais pelo celular do que fisicamente, aí é difícil socializar”* (Apêndice 8).

### **5.5 QUAIS MODIFICAÇÕES SERÃO PRODUZIDAS NOS SENTIDOS HUMANOS NA SUA RELAÇÃO COM A TECNOLOGIA E NA INTEGRAÇÃO DESSA AO CORPO HUMANO? QUAL A RELAÇÃO DO TEMPO COM A MOBILIDADE NA COMUNICAÇÃO E NO ACESSO À INFORMAÇÃO?**

Esse ser humano que a cada dia, tem aprendido a se comunicar de forma virtual e que tem apresentado dificuldades em se relacionar de forma física, como reflete o adolescente supramencionado, tem seu tempo cada vez mais ocupado pela utilização das TICs. No questionário, a pergunta 6 (Apêndice 1) sobre a percepção do tempo livre após as aulas terem passados para o modo virtual, isso é, de terem aumentado o tempo de utilização das TICs no seu dia a dia agora incluindo o tempo das aulas, 22 adolescentes (45,8%) responderam que mesmo percebendo que tinham mais tempo livre, conseguiam fazer menos coisas e 7 (14,6%) deles perceberam seu tempo mais ocupado (Tabela 5).

**Tabela 5 – Tempo livre durante as aulas virtuais**

6) Como percebeu o tempo livre com as aulas online?	TOTAL	%TOTAL
Ficou a mesma coisa que quando tinha aula de forma física	3	6,3%
Percebi que mesmo tendo mais tempo, fazia menos coisas	22	45,8%
Tinha mais tempo livre, aproveitei melhor o tempo	16	33,3%
Tinha menos tempo livre	7	14,6%
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora.

A maioria dos adolescentes executava outras atividades virtuais mesmo durante o tempo que estavam conectados participando das aulas (Tabela 6). As respostas da pergunta 21 (Apêndice 1) sobre atividades que faziam enquanto durante as aulas virtuais foram classificados como FÍSICO os que faziam outras atividades no território físico em que estavam: *“Dormia e tomava café”* (1H); *“Costurava, adiantando meus projetos de vestidos”* (2A); *“Lavava a louça e as vezes arrumava meu quarto. Me vejo mais presente nas distrações”* (2P).

Por outro lado, denominamos VIRTUAL atividades que eram executadas no virtual como: “Jogar videogame e assistir Youtube” (1M); “Em outros aplicativos” (1R); “Jogo ou assisto anime” (1T); “Ligação com as amigas, era todo dia das 7h ao meio-dia, fazíamos as atividades também, mas conversávamos muito sobre as outras coisas” (1X); “Às vezes estava presente em jogos e instagram” (2J); “Jogo LOL e outros jogos” (2N); “Eu jogava e ouvia música. me sentia mais presente no jogo” (2Q); “Às vezes jogava ou via vídeos e parecia mais interessante que a aula” (1S). E os adolescentes que executavam atividades no físico e no virtual, denominamos esses ambientes de MISTOS, por exemplo: “Mexo no celular, desenho, brinco com minha gata” (1W); “Comia e lia fanfic” (2H); “Comia, pintava a unha e mexia no Twitter e no Discord” (2L). Conforme vemos na Tabela 6 se somarmos os dados do ambiente VIRTUAL e do MISTO, teremos 28 adolescentes (58,3%) que além de estarem virtualmente participando na aula, ainda ocupavam seu tempo com outras atividades no virtual.

**Tabela 6** – Atividades que faz durante as aulas virtuais

21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?	TOTAL	%TOTAL
FÍSICO	14	29,2%
VIRTUAL	16	33,3%
MISTO	12	25,0%
NÃO POSSUÍA ACESSO AS AULAS	1	2,1%
VAZIO	5	10,4%
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora.

A frequência do uso do celular é uma preocupação de vários estudiosos dos transtornos psiquiátricos causados por ela. Como a FoMO e da nomofobia mencionadas no capítulo 4 (4.1.2). Elhai, Yang e Montag (2021, p. 205) relacionam diretamente as frequentes interrupções trazidas pelas notificações dos aplicativos e o uso excessivo dos *smartphones* a FoMO.

Quando questionados sobre a frequência de uso do *smartphone* para checar recados, na questão 7 do questionário (Apêndice 1) a maior parte dos adolescentes 37,5% respondeu a opção “5 min ou menos” (Tabela 7) e somada essa opção as outras que são iguais ou inferiores a 30 minutos totalizam 36 adolescentes (75%) que percebe essa frequência.

**Tabela 7 – Frequência que tem necessidade de checar o *smartphone***

7) Você percebe uma necessidade de checar o celular para ver se tem recados com que frequência:	TOTAL	%TOTAL
5 min ou menos	18	37,5%
entre 6min e 15min	4	8,3%
entre 16min e 30min	14	29,2%
entre 31min e 59min	4	8,3%
entre 1h e 4h	5	10,4%
mais de 4h	2	4,2%
Não possuo celular	1	2,1%
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Trinta e nove adolescentes (81,3%) responderam que aumentou o tempo que fica no *smartphone* depois que começaram as aulas virtuais (que foram simultâneas à pandemia) representados na Tabela 8.

**Tabela 8 – Tempo no celular após a pandemia/aula virtual**

8) Percebe que o tempo que fica no celular depois que começou a pandemia	TOTAL	%TOTAL
AUMENTOU	39	81,3%
DIMINUIU	1	2,1%
CONTINUOU IGUAL	7	14,5%
NÃO POSSUO CELULAR	1	2,1%
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>100,0%</b>

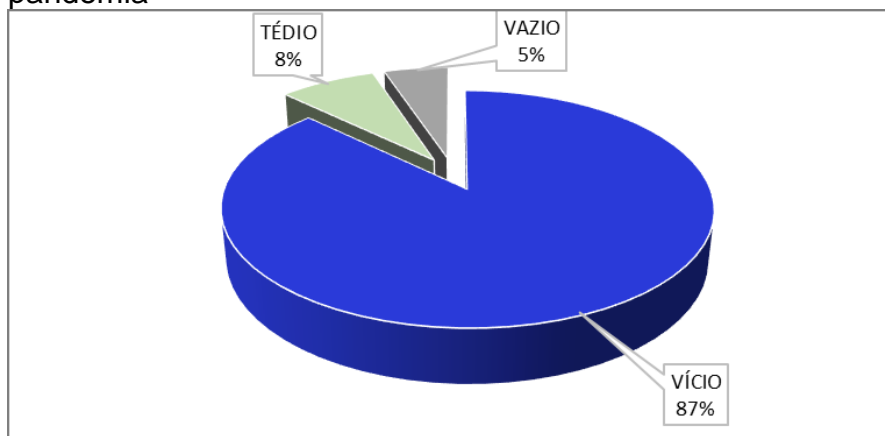
**Fonte:** Elaborada pela autora.

Nessa mesma questão quando perguntado o motivo, 34 adolescentes, 87,2% (Gráfico 8) dos 39 que relataram ter aumentado seu tempo no celular depois da pandemia, apontaram como causa o fato de terem se apegado ao dispositivo ou se tornado dependentes dele, ou ainda expressaram claramente estarem viciados no uso do *smartfone*, como é possível observar em algumas dessas respostas:

**Quadro 15** – Adolescentes que apontaram terem ficado dependentes do celular como motivo do aumento do uso.

<b>1A</b>	O CELULAR SE TORNOU A FORMA MAIS EFICIENTE DE NÃO FICAR PRESA NO "MUNDO DE CASA", AÍ VICIEI.
<b>1B</b>	PORQUE TUDO QUE PRECISAVA FAZER ESTAVA NO CELULAR, COMO ESTUDAR, ME DISTRAIR, CONVERSAR COM OS AMIGOS, ME COMUNICAR COM A ESCOLA. AÍ ACOSTUMEI.
<b>1D</b>	VICIEI EM JOGOS.
<b>1F</b>	SINTO QUE ME APEGUEI MAIS AO APARELHO.
<b>1G</b>	ACREDITO QUE PELO FATO DE TER USADO O CELULAR A TODO MOMENTO DAS AULAS, ACABEI DESENVOLVENDO UM APEGO MAIOR AO CELULAR.
<b>1H</b>	FIQUEI MAIS REFÉM DAS TECNOLOGIAS POR NÃO TER NADA MAIS INTERESSANTE PRA FAZER.
<b>1J</b>	PORQUE O FATO DE EU TER QUE FAZER TUDO PELO CELULAR A MINHA MENTE SE ACOSTUMOU A VIVER E RESOLVER AS COISAS ONLINE.
<b>1K</b>	ACHO QUE COMO TIVEMOS QUE COMEÇAR USAR PARA TUDO (AULA EXEMPLO) O QUE FEZ COM QUE VICIEI
<b>1O</b>	FIQUEI PRESA EM TODAS AS ATIVIDADES LIGADAS AO CELULAR, SEM TER PARA ONDE FUGIR
<b>1P</b>	TODOS FICARAM REFÉNS DAS TECNOLOGIAS.
<b>1R</b>	POR CAUSA DO VÍCIO
<b>1S</b>	FICAVA EM CASA E NÃO TINHA MUITO O QUE FAZER ALÉM DE USÁ-LO, VICIEI.
<b>1U</b>	POR TER PARADO DE SAIR OU REALIZAR OUTRAS ATIVIDADES, FIQUEI MAIS TEMPO NO APARELHO
<b>1W</b>	MAIS APLICATIVOS DISPONÍVEIS A CADA DIA
<b>1X</b>	PORQUE QUALQUER COISA PEGO O CELULAR
<b>2B</b>	PORQUE NA LEVADA DA PANDEMIA EU NÃO TINHA NADA PRA FAZER NO RESTO DO DIA, AGORA EU TENHO MAIS FICO MAIS NO CELULAR
<b>2H</b>	PORQUE COMO FIQUEI RECLUSA EM CASA FAZIA A MAIORIA DAS COISAS PELO CELULAR DAÍ VICIEI.
<b>2I</b>	PELA NECESSIDADE E TEDIO, LOGO AUMENTANDO A DEPENDÊNCIA ONLINE.
<b>2K</b>	PORQUE A AULA ERA NO CELULAR E CRIEI DEPENDÊNCIA.
<b>2L</b>	ACABOU QUE PARA TER CONTATO COM AS PESSOAS, PRECISAVA SER ONLINE, ACREDITO QUE ASSIM, A DEPENDÊNCIA AUMENTOU.
<b>2M</b>	PORQUE EU NÃO TINHA NADA PARA FAZER, ENTÃO GASTAVA MEU TEMPO NO CELULAR E FIQUEI VICIADO.
<b>2N</b>	NÃO TINHA NADA PRA FAZER E VIREI DEPENDENTE DO CELULAR PRA FAZER TUDO.
<b>2P</b>	PERCEBI QUE COMECEI A TER NECESSIDADE DE USAR O CELULAR TODOS OS MOMENTOS DO DIA
<b>2R</b>	POR EU TER QUE USAR O CELULAR POR 4 HORAS PARA VER AS AULAS, MESMO ELE SEM TER BATERIA.
<b>2S</b>	COMO COMEÇAMOS A USAR ATÉ PARA ACOMPANHAR AS AULAS O TEMPO COM A CARA NAS TELAS, SE INICIANDO UM VÍCIO.
<b>2V</b>	VICIEI

**Gráfico 8** – Razão pelo aumento de tempo no *smartphone* depois que começou a pandemia



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Muitas são as razões pelas quais a dependência dos *smartphones* vem se estabelecendo, como esses adolescentes discorreram nos textos que estão no Quadro 15. Alguns culpam o tempo que precisaram estar conectados para as aulas, outros, o grande número de aplicativos novos a cada dia. Nesse sentido Bianchessi (2020) nos apresenta mais alguns:

[...] O aumento de aplicabilidades ou funções a eles atribuídas dissemina sua dependência e influência nas relações sociais por meio do lazer, das mensagens de texto sem custo, taxas reduzidas para chamadas telefônicas a qualquer lugar do planeta e a facilidade ou disponibilidade para acessar o uso da internet em telefones celulares. Com isso, é possível descrever alguns sintomas mais característicos da dependência tecnológica, como o seu uso excessivo, facilidade e baixo custo para fazer chamadas e mensagens; problemas interpessoais associados ao uso incontrolável; interferência nas atividades escolares ou acadêmicas ou atividades ocupacionais; uso necessário para obter maior satisfação [...]; necessidade urgente de usar um aparelho telefônico num curto espaço de tempo desde que usou na última vez, bem como alterações emocionais quando seu uso é dificultado ou impedido; [...] incapacidade de estagnar ou parar o comportamento viciante (BIANCHESSI, 2020, p.46)

Esse vício está diretamente associado a visão, audição e ao tato. O tato que está conectado ao cérebro e a percepção de posse, como afirmam as professoras de marketing Malaika Brengman, Kim Willems e Helena Van Kerrebroeck (2019 apud JORGE, 2022, p.27) quando afirmam que “tocar num produto pode aumentar o sentimento de propriedade sobre o mesmo”. As fisioterapeuta e psicóloga Maria Goretti Fernandes e Izabela Souza Silva (2021, p.10), respectivamente, destacam que as partes superiores do córtex, os lobos parietais, que são responsáveis pelo tato também são responsáveis informações sinestésicas. Assim,

podemos entender um pouco da sinestesia envolvida no tato, possibilitando deslizar as pontas dos dedos tocando os sonhos e objetos de desejo na tela dos *smartphones*.

Presman (2015) explica a razão do tato ser “o mais estendido dos sentidos” discorrendo a respeito da sinestesia e da existência de vários outros sentidos que ainda nem tem denominação:

Ainda hoje são ensinados os cinco sentidos do ser humano: olfato, visão, audição, tato e paladar. Há muito tempo sabemos que essa é uma classificação inexata e incompleta, mas pouco ou nada fizemos para mudar isso.

Às vezes, nós, os seres humanos, repetimos erros sem sentido. A verdade é que o número de sentidos é bem superior a cinco e seus limites são difusos ou se superpõem. Os casos mais extremos são as pessoas com sinestesia, que podem ouvir cores, ver sons e tocar gostos. No entanto, em alguma medida, todos nós temos sinestesia, como se demonstra no teste de Wolfgang Köhler de 1929. Nele, pede-se às pessoas que digam, entre a figura de uma estrela cheia de pontas e outra de extremidades arredondadas (mais semelhante a uma flor), qual se chama Boubá e qual se chama Kiki.

Entre os entrevistados, 97% dão o nome de Kiki à estrela de pontas, e o nome de Boubá à outra. Trata-se de um comportamento inconsciente que influencia nossa percepção no momento de “ver sons”. Essa clássica lista de cinco sentidos esquece, entre outras coisas, a nossa capacidade de perceber o equilíbrio, a posição das diferentes partes do corpo, os movimentos, a dor de dentes ou a dor de um amor não correspondido. A maioria desses “novos sentidos” se encontra direta ou indiretamente associada ao sentido do tato. (PRESMAN, 2015, p. 177)

Se os sentidos ligados às TICs podem interferir em seres humanos maduros, quanto mais na adolescência sendo esse, um período de muitas mudanças, numa transição da infância para fase adulta. As professoras na área de educação Thayse O. Silva e Lebiã T. G. Silva (2017, p. 89) comentam que nessa faixa etária essas pessoas passam “por um conflito interno” e lembram que é justificado por nessa fase ocorrem transformações biológicas e mudanças nas estruturas psicológicas e sociais. Salientam as transformações comportamentais produzidas pelo uso excessivo das TICs por adolescentes e que o “acesso fácil e irracional às tecnologias pode acarretar uma dependência digital” (SILVA; SILVA, 2017, p. 91)

Para as autoras os adolescentes são mais suscetíveis ao vício na utilização das TICs e, portanto, “a tecnologia torna-se um fator de isolamento social, que compromete a capacidade de socialização dos adolescentes” (SILVA; SILVA, 2017, p. 91) o que reflete as narrativas feitas pelos adolescentes entrevistados registrada nos quadros 14 e 15.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do nome da presente seção sugerir, consideramos estar bem longe de tecer considerações finais sobre o tema presença. Tanto que os principais autores, de diversas áreas, cujo trabalho tem enfoque na presença, embora pareçam se opor entre si em suas abordagens, apenas navegam em prismas diferentes da abordagem do tema. E acenam para a possibilidade que a discussão em torno do assunto não está fechada. Tanto que, em suas perspectivas, cada um ressalta elementos importantes a respeito da presença que precisam ser agrupados, visualizados para ampliar a visão do todo.

Por outro lado, quando debruçamos nos resultados da pesquisa empírica, em busca de um possível significado de estar presente em um lugar, encontramos as mais diversas respostas. E essas correspondiam com as argumentações encontradas na pesquisa bibliográfica para a mesma questão.

Alguns adolescentes ao associarem presença à atenção, “*ao foco total*” (1M), a estar “*completamente conectado com o que está vivendo*” (1T), ou ainda ao relacionarem presença à “*sua existência ali*” (1S), exibem o mesmo prisma destacado por Gumbrecht (2010, p.169) quando discorre sobre o “estado perfeito de presença”. Também confirmaram a maneira como Jerald (2015 p. 46) descreve presença ligando-a a maneira intensa de se comunicar.

Outros vincularam presença com a percepção de lugar. Lugar esse abordado os conceitos de Cunha (2008), Tuan (2013), Marandola Jr.(2013), Haesbaert (2021), Thrift e French (2002), entre outros examinados no item 4.2.

Ainda em relação aos resultados obtidos, especialmente na pesquisa empírica, é relevante ressaltar que surgiram definições de presença se referindo ao lugar como foco principal da presença. Como: presença é “*poder sentir o lugar, perceber que está lá mesmo que online*” (1F). Essa e outras, são percepções próximas da perspectiva de Jerald (2015, p. 46, tradução nossa) que define presença como “uma sensação de ‘estar lá’, dentro de um espaço, mesmo quando fisicamente localizado em um lugar diferente”. Conceito que o autor caracteriza como um segmento da presença que ele intitula “ilusão de estar em um lugar espacial estável” (JERALD, 2015, p. 46, tradução nossa). Nesse segmento de presença destaca que “sentir-se como se estivesse em um ambiente físico é a parte mais importante da presença” (JERALD, 2015, p.47, tradução nossa). Descrições que também aparecem

nas definições de presença dos adolescentes, como na que afirma que presença é “*estar conectado no ambiente, mesmo de forma não física*” (2Q).

Alguns adolescentes destacaram a interação das pessoas em sala de aula, como foco da presença. Denominada “presença social” por Coelho e Tedesco (2017) e Jerald (2015). Situação que se evidencia quando destacam que o que os faz se sentirem presentes é além da sensação de estarem interagindo, perceberem a interação de colegas e professor (Quadros 6 e 7). O que podemos inferir ser a camada de presença que Jerald nomeia “ilusão da comunicação social” (JERALD, 2015, p. 46, tradução nossa).

Ainda corroborando o pensamento de Jerald (2015) alguns adolescentes referem que a sua sensação de presença depende da ação do professor. Embora possa se encaixar também no segmento de presença intitulado “ilusão da comunicação social” de Jerald (2015), está muito mais focada na “aura” do professor, sendo esse o responsável por fazê-lo se sentir presente, seja por meio dos slides que apresenta ou pela forma que atua. O que torna o foco principal não a interação simplesmente, mas o professor, quando esse é colocado como protagonista da cena, tornando-se muito próxima da definição de Power (2006) de “modo aurático de presença” que é quando a percepção de presença está relacionada a “aura” de um ator.

No entanto, para outros adolescentes a percepção de presença está diretamente relacionada consigo mesmo. Respostas que se situam na forma epistemologicamente definida como “aurática”, sendo eles o ator principal dessa “aura” acerca da referência da presença (Quadro 9). Tais argumentações também estariam alinhadas com a definição de Power (2006) do “modo literal de presença” ou “being-present”, quando a percepção de presença está conectada a estar vivenciando o “estar presente” (Figura 2). Aspectos que não se distanciam muito da definição Gumbrecht (2010) de presença conectada a existência do ser.

Quando se procurou confrontar as diferenças entre presença física e virtual alguns adolescentes sinalizaram no virtual a percepção da ausência de expressões do corpo, toque, cheiro e outros elementos, que se tem na presença corpo a corpo, produzindo na virtualidade uma presença superficial. Abordagem também empregada por Virilio (1993) quando analisa a distância do virtual como produtora de uma presença rasa, aparente.

Ainda em relação as diferenças entre a presença física e a virtual alguns apontaram a aparência do corpo, produzindo diferença. Um deles apontou para o efeito positivo gerado pela presença física do seu corpo e vários apontaram para as facilidades no virtual em poder se comunicar sem precisar se expor. Alguns justificavam a facilidade do virtual pela timidez e outros por poderem se expressar livremente sem ter medo das consequências físicas de sua fala. Como Silva e Silva (2017) afirmam, a adolescência é um tempo de muita turbulência e conflitos e no caso dos adolescentes investigados não foi diferente, pois destacavam vantagens na presença virtual que apontavam aproximação nas conversas por meio das TICs e desvantagens que indicavam para afastamento e aumento das dificuldades de se relacionarem de forma física, produzidas pelo tempo excessivo nos relacionamentos de forma virtual.

Silva e Silva (2017) destacam que o envolvimento excessivo com as TICs na adolescência compromete sua capacidade de socialização e pode produzir “dependência digital”. Ambas puderam ser observadas na pesquisa empírica em que 71% dos adolescentes apontaram algum tipo de dependência do dispositivo. Alguns denominaram “vício” essa imprescindibilidade de estar conectado às TICs, tendo que checar o *smartphone* a todo momento. As palavras dependência e vício trazem uma conotação de necessidade do consumo contínuo e repetido das TICs, a ponto de não conseguir viver sem toda essa tecnologia ligada aos *smartphones*. A maior parte dos adolescentes afirmou acessar o *smartphone* a cada “5 min ou menos” demonstrando o uso excessivo e a necessidade de se manter conectado ao aparelho. Constituindo assim as TICs como uma expansão do seu corpo, num hibridismo descrito por McLuhan (2014), Lévy (2014), Tori e Kirner (2006) entre outros.

Porém, esse corpo que para Baitello Jr. (2014) se apresenta como inerte e sedado em frente as TICs, também aparece na pesquisa empírica quando alguns adolescentes afirmam a vantagem do virtual pelo conforto de não precisar tirar o pijama ou sair da cama para fazerem as aulas, ou ainda vários que alegam poder ficar dormindo durante o período das aulas.

As respostas das questões a respeito da diferença entre estar presente de maneira física ou de maneira virtual e sobre o lugar e o significado do corpo na era digital tratadas de forma separada na pesquisa bibliográfica, acabaram se interligando na pesquisa empírica. Pois quando os adolescentes elencaram as diferenças entre a presença física e a virtual apontaram para a ausência do corpo

físico e suas expressões como uma importante distinção. Confirmando a alegação de Coelho e Tedesco (2017) sobre haver perda das expressões do corpo no relacionamento virtual por meio das TICs. Características essas que Ekman (2011) e Bateson (2000) afirmaram ser essenciais para comunicação.

O questionamento a respeito dos sentidos humanos nessa fusão com as TICs nos conduziu as investigações de Silva (2021) e Presman (2015) sobre a sinestesia dos sentidos, o prolongamento do tato e sua relação de posse no acesso aos dados pelo toque e deslizar de dedos nos *smartphones* dos seres híbridos dessa era.

A hipótese inicial dessa pesquisa em relação a existência da presença virtual por meio das TICs, na pesquisa bibliográfica foi exemplificada pelos estudos de Jerald (2015), que embora denomine as camadas da presença virtual de ilusão de presença, as classifica como percepção de estar presente no lugar, estar interagindo com o ambiente e com outras pessoas virtualmente e ainda percebendo seu corpo virtual como se fosse o físico. Embora existam referências bibliográficas como Gumbrecht (2010) e percepções na pesquisa empírica que neguem a existência da presença virtual por seu distanciamento, não há como negar a percepção de 54,2% dos adolescentes que na pesquisa empírica afirmaram sentirem a presença virtual de forma equivalente ou superior à presença física utilizando as TICs.

E mesmo a professora que afirmou não se sentir totalmente presente no virtual, quando perguntada sobre a turma que mais interagiu no virtual e que não interage nas aulas de forma física respondeu que com eles se sentia mais presente de maneira virtual que física:

**9) Qual a diferença de estar presente de maneira física e virtual?**

*Não me sinto totalmente presente no virtual.*

**E com a Turma 2?**

*Me sinto! Me sinto mais presente no virtual que no físico com eles. Que louco! Não sei explicar isso!*

(P, Apêndice 9)

Esse conflito entre as respostas expõe como a presença, se mostra diretamente conectada à experiência e à própria existência do ser. Portanto, quando esse ser se conecta ao virtual, leva sua presença consigo, considerando que esse não pode separar-se de si mesmo. Por essa razão, é possível se perceber presente nas

atividades e relacionamentos que são desenvolvidas no virtual, porque sua essência o acompanha. E existir é estar presente. Virtualmente ou fisicamente.

## REFERÊNCIAS

- ANATEL, Agência Nacional de Telecomunicações. Edital nº 1/2021. 27 set. 2021. Disponível em: [https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_documento\\_consulta\\_externa.php?eEP-wqk1skrd8hSlk5Z3rN4EVg9uLJqrLYJw\\_9INcO6OyRD8iqL9S9Xn8pP7\\_7nZL7eBIQWeOiWAZmPzrP88GsKp4NawWkp9n0q\\_6bMePRxnAsc5z5FRrIZQdkKAChw](https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?eEP-wqk1skrd8hSlk5Z3rN4EVg9uLJqrLYJw_9INcO6OyRD8iqL9S9Xn8pP7_7nZL7eBIQWeOiWAZmPzrP88GsKp4NawWkp9n0q_6bMePRxnAsc5z5FRrIZQdkKAChw). Acesso em: 07 nov. 2021.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. 3 ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000. (1ed. 1972)
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. 1ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- BIANCHESSI, Cleber. **Nomofobia e a dependência tecnológica do estudante**. 1ed. Curitiba: Bagai, 2020.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BRENGMAN, Malaika; WILLEMS, Kim; KERREBROECK, Helena Van. Can't Touch this: the impact of augmented reality versus touch and non-touch interfaces on perceived ownership. **Virtual Reality**, Springer-Verlag, Berlin, v. 23, n.3, p. 269–280, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10055-018-0335-6>. Acesso em: 17 out 2022.
- COELHO, Willyans Garcia; TEDESCO, Patricia Cabral de Azevedo Restelli. A percepção do outro no ambiente virtual de aprendizagem: presença social e suas implicações para educação a distância. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22 n. 70, p. 609-624, jul./set. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017227031>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 603-610, set./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193912>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- CUNHA, Maria Isabel. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, RS, v.12, n.3, p.182-186, set./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5324>. Acesso em: 15 set. 2022.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.
- FONSECA JR, Wilson Corrêa. Análise do Conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 280-304.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

EKMAN, PAUL. **A linguagem das emoções**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ELHAI, Jon D.; YANG, Haibo; MONTAG, Christian. Fear of missing out (FOMO): overview, theoretical underpinnings, and literature review on relations with severity of negative affectivity and problematic technology use. **Brazilian Journal of Psychiatry**, Rio de Janeiro, v.43, n.2, p. 203-209, mar/abr, 2021. Disponível em: <https://www.bjp.org.br/details/1998/en-US>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ERICSSON. **10 Hot Consumer Trends 2030**. Disponível em: <https://www.ericsson.com/en/reports-and-papers/consumerlab/reports/10-hot-consumer-trends-2030>. 2022. Acesso em: 12 jan. 2022

FERNANDES, Maria Goretti; SILVA, Izabela Souza; SANTOS, Paloma Daniele de Oliveira ; LIMA, Paulo Autran Leite. A neurociência. *In*: FERNANDES, Maria Goretti; SILVA, Izabela Souza (Org.). **Insights sobre neuromarketing e neurociência**. Maceió: Hawking, 2021.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. 1ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GRAHAM, Mark. About me. Oxford, 23 abr. 2022. *In*: **Mark Graham**: Internet Geographer. Disponível em: <http://www.markgraham.space/about>. Acesso em: 25 abr. 2022.

GRAHAM, Mark. Neogeography and the palimpsests of place: web 2.0 and the construction of a virtual earth. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, Oxford, v. 101, n. 4, p. 422-436, set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9663.2009.00563.x>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Tradução de Ana Isabel Soares. 1ed. São Paulo: Unesp, 2015 (original Berlin: *Suhrkamp Verlag*).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. 1ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010 (original *Redwood City*: Stanford University Press, 2004).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999 (original 1997).

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonidade**: sobre o giro multi(territorial)/de(s)colonial na “América Latina”. 1 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JERALD, Jason. **The VR Book: Human-Centered Design for Virtual Reality**. 1 ed. Nova Iorque: Morgan & Claypool Publishers e ACM Books, 2015.

JOBS, Steve. **iPhone 1 - Steve Jobs**. MacWorld keynote in 2007. [São Francisco/Califórnia: s. n., 2007. 1 vídeo (79min.10). Disponível em: <https://youtu.be/VQKMoT-6XSg>. Acesso: 22 mai. 2017.

JORGE, Joana Sofia Ezequiel. **A influência do marketing sensorial em mobile commerce nas compras online de fast fashion**. 2022. Dissertação (Mestrado em Marketing Digital) – Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologia da Universidade Europeia, Lisboa, 2022. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/40528/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20M-MD%20-%20Joana%20Jorge.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

KLENK, Dominik. **Gegenwartsverlust” in der Kommunikationsgesellschaft: Anstöße zu einer dialogischen Ethik der (Massen)Kommunikation mit Martin Buber und zwei Gespräche mit Harry Pross**. Münster: Lit, 1998.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LE MOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2018.

LÉVY, Pierre. **Diálogos sobre Ciberdemocracia**. Palestra proferida 17 de março de 2014, no Centro Universitário Senac. 2014. Disponível em: [https://youtu.be/8EKm\\_Qsq8ck](https://youtu.be/8EKm_Qsq8ck). Acesso: 22 set 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio. *In*: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Teorias da Comunicação, hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Perca tempo: é no lento que a vida acontece**. São Paulo: Paulus, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 1ed. 18ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2014.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. 1ed. São Paulo: UNI, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICROSOFT. **Simon Cellular Phone/PDA**: Personal Digital Assistant. Microsoft, 2009. Disponível em: <https://www.microsoft.com/buxtoncollection/a/pdf/description%20SimonCellular-PDA.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MINSKY, Marvin Lee. Telepresence. **Omni magazine**, jun.1980. Disponível em: <https://web.media.mit.edu/~minsky/papers/Telepresence.html>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MORLEY, David. **Medios, modernidad y tecnologia**: Hacia una teoría interdisciplinaria de la cultura. Tradução de Margarita Polo. 1ed. Barcelona: Gedisa, 2008. Título original: Media, Modernity, Technology: The Geography of the New, 2007.

MOTA, Vitor Luiz Gomes; CARVALHO, Roberta; CORREA, Carina; DI RENNA, Roberto Brauer; MAGRI, Vanessa; FERREIRA, Tadeu; CASTELLANOS, Pedro; MATOS. Evolução da tecnologia de telefonia móvel e estudo e caracterização de um sistema móvel 5G de quinta geração. **Engevista**, v. 21, n.1, p. 154-175, fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/engevista/article/view/27028>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ONUJI, Gisele Miyoko; WOSNIAK, Cristiane. Linguagem, corpo, estética e experiência - (re)dimensionamento do sentido e da presença nas práticas comunicativas midiáticas. **Galaxia**, v. 41, n. 41, p. 101-113, mai/ago, 2019. São Paulo: PUC-SP – EDUC; 2019. disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/38611/28676>. Acesso em 07 jan. 2022.

PADHI, Prafulla Kumar; CHARRUA-SANTOS, Fernando. 6G Enabled Tactile Internet and Cognitive Internet of Healthcare Everything: Towards a Theoretical Framework. **Applied System Innovation**, v.4, n.66, p. 1-29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/asi4030066>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PAHO, Pan American Health Organization. Histórico da pandemia de COVID-19. 2021. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

POWER, Cormac. **Presence in play**: a critique of theories of presence in the theatre. Tese (PhD in Theatre Studies) – University of Glasgow, Glasgow, 2006. Disponível em: <https://theses.gla.ac.uk/>. Acesso em: 17 mar 2021.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**. v. 9, n. 5. West Yorkshire: MCB University Press, 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

PRESMAN, Carlos Gabriel. Anatomia do tato. **Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise**. Fepal. v.13, p. n. 2.p.174-179, 2015. Disponível em: <[http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Caliban\\_Vol13\\_No2\\_2015\\_-port\\_p174-179.pdf](http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Caliban_Vol13_No2_2015_-port_p174-179.pdf)>. Acesso em 25 out. 2021.

QUEIROZ, Leonardo Rossatto. iPhone, Android, e a consolidação da cultura do smartphone: o papel do iPhone e do Sistema Operacional Android como catalisadores da consolidação no mercado de smartphones em escala global. **Revista Tecnologia e Sociedade**. v. 14, n. 30, p. 47-70, jan./abr., 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts>>. Acesso: 10 jun. 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RUGGERI, Sabrina. Substancialidade e presença: acenos de Gumbrecht para o conceito heideggeriano de ser. **Kínesis**, Marília, v.7, n. 13, p. 117-132, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/issue/view/348>. Acesso em: 10 dez. 2021.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e Criticismo. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SAMUR, Sebastian Xavier. Uma comparação entre presença cênica e presença na realidade virtual. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 242-265, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266058902>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. 2ed. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação, 2010.

SANTIN, Silvino. **Educação física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, Leonardo Werner. Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 12 ago. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml#:~:text=A%20internet%20foi%20criada%20em,Departamento%20de%20Defesa%20norte%20americano>. Acesso em: 23 dez 2021.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.34 n.103, p.87-97, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009). Acesso em: 15 jul. 2022.

SIMIONI, Carlos. A presença do ator. *In*: **Lume Teatro - Núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais da Unicamp**. Campinas: [20--]. Disponível em: <http://www.lumeteatro.com.br/repertorio-de-cursos/repertorio-de-cursos/a-presenca-do-ator>. Acesso em: 11 jan. 2022.

STATISTA. Android. **Statistics & Facts**. mai. 2021. Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/876/android/>>. Acesso: 27 jul. 2021.

STÜBER, Gordon L. **Principles of Mobile Communication**. 2ed. Nova Iorque: Kluwer Academic Publishers, 2002.

STÜRMER, Arthur Breno; COSTA, Benhur Pinós. Território: aproximações a um conceito-chave da geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n.3, p. 50-60, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/26693/pdf>. Acesso: 20 jul. 2021.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TORI, Romero; HOUNSELL, Marcelo da Silva; KIRNER Claudio. Realidade Virtual. *In*: TORI, Romero; HOUNSELL, Marcelo da Silva (Org.). **Introdução a realidade virtual e aumentada**. Porto Alegre: SBC, 2018. p. 13-35.

TORI, Romero; KIRNER, Claudio. Fundamentos de Realidade Virtual. *In*: TORI, Romero; KIRNER, Claudio; SISCOOTTO, Robson (Ed.). **Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada**. Porto Alegre: SBC, 2006. p. 2-38.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Título original: *Space and place: the perspective of experience*, 1930. Londrina: Eduel, 2013.

TÜRCKE, Christoph. Sob a mira da metralhadora audiovisual: entrevista com Christoph Türcke. [Entrevista concedida a] Álvaro Kassab. **Jornal da Unicamp**. Campinas, ano 24, n. 477, 4 a 17 out. 2010. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/outubro2010/ju477\\_pag0607.php#](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2010/ju477_pag0607.php#). Acesso em: 15 fev. 2022.

VIRILIO, Paul. Paul Virilio: da política do pior ao melhor das utopias e à globalização do terror. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 8 n. 16, p. 07-18, dez. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.16.3134>. Acesso em: 31 jan. 2022.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. 1ed. Tradução de Paulo Roberto Pires. Título original: *L'espace critique*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993

VITKOWSKI, José Rogerio. Tecné: do projeto prometeico à modernidade fáustica. **Revista Dialectus**, Fortaleza, ano 10, n. 23, p. 156 – 177, mai./ago. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/71854>. Acesso: 04 jan. 2022.

ZOOK, Matthew; SHELTON, Taylor. The Geographies of the Internet. **Arquivo pessoal do autor**: Lexington, 2015. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, Second Edition, 2015, 90–94. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/220141951\\_The\\_Geographies\\_of\\_the\\_Internet](https://www.researchgate.net/publication/220141951_The_Geographies_of_the_Internet). Acesso: 22 jun. 2021.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO

Pesquisa “A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas TICs”.

IDADE: \_\_\_\_\_ GÊNERO: \_\_\_\_\_

1) Qual equipamento possuía para acessar as aulas de forma online? (Se possuía mais de um, assinale os dois ou mais)

Celular  Computador  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

2) Você já possuía esse equipamento quando as aulas começaram?  Sim  Não

3) Compartilhou o celular/computador com familiares ou amigos para assistir aulas?

Sim  Não

4) Quais aplicativos mais utilizava em seu celular e/ou computador antes da pandemia e quais utiliza hoje?

CELULAR		COMPUTADOR	
ANTES PANDEMIA	HOJE	ANTES PANDEMIA	HOJE

5) Conte como foi essa experiência em relação ao equipamento que precisava ter para acessar as aulas, seja um celular, computador ou outro?

6) Como percebeu o tempo livre com as aulas online?

Ficou a mesma coisa que quando tinha aula de forma física.

Percebi que mesmo tendo mais tempo, fazia menos coisas.

Tinha mais tempo livre, aproveitei melhor o tempo.

Tinha menos tempo livre.

7) Você percebe uma necessidade de checar o celular para ver se tem recados com que frequência:

5 min ou menos

entre 16min e 30 min

entre 1h e 4h

entre 6 e 15 min

entre 31min e 59 min

mais de 4h

8) Percebe que o tempo que fica no celular depois que começou a pandemia:

aumentou  diminuiu  continuou igual

Por quê? \_\_\_\_\_

9) O que você percebeu de positivo e negativo em seu relacionamento com os demais colegas de sala pelo fato das aulas serem online?

Positivo: \_\_\_\_\_

Negativo: \_\_\_\_\_

- 10) Existe diferença entre sua participação na aula online— e de forma física? Explique.
- 11) Você percebeu diferença entre a participação física e online de seus colegas? Se existir cite algumas diferenças.
- 12) O que para você significa estar presente em um lugar?
- 13) Para você qual a diferença de estar presente online ou de forma física em um lugar?
- 14) Utilizando o Google Meet o que faz você se sentir presente na aula online?
- 15) Os sons das casas dos outros alunos interferem na sua percepção de presença na aula?
- 16) Você se incomoda se o professor abre ou não a câmera? Por quê?
- 17) Você se incomoda se os outros alunos abrem ou não a câmera? Por quê?
- 18) Você se incomoda de abrir a câmera? Por quê?
- 19) Quando sua câmera estava fechada escolheu qual imagem para aparecer? Qual razão escolheu essa imagem?
- 20) Em algum momento conseguiu se perceber inteiramente imerso na aula, se desconectando do lugar físico em que estava? Conte.
- 21) Que outras coisas você faz enquanto participa na aula no Google Meet? Em qual delas se percebe mais presente?
- 22) Existe algum aplicativo de bate-papo, jogo ou outro que te faça sentir a presença virtual igual ou mais presente que de forma física? Se existe, qual?

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM ADOLESCENTES

### ENTREVISTA ALUNOS

1) COMO ERA O SEU TEMPO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA? (EM RELAÇÃO AO TEMPO QUE FICAVA NAS AULAS NO MEET E AS REALIZADAS NA ESCOLA)

2) PERCEBEM ALGUMA DIFERENÇA ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA EM RELAÇÃO A NÃO TER AULA ONLINE ANTES, TER DURANTE A PANDEMIA E VOLTAR AS AULAS NA ESCOLA DE MANEIRA FÍSICA AGORA?

3) QUAIS OS PONTOS POSITIVOS NO RELACIONAMENTO VIRTUAL ATRAVÉS DE QUALQUER APLICATIVO?

4) E OS PONTOS POSITIVOS NA PRESENÇA FÍSICA?

**APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORA**

- 1) Diferenças da “Turma 1” para “Turma 2”, antes, durante e depois da Pandemia de COVID-19?
- 2) Como foram as aulas, quando elas passaram a ser virtuais?
- 3) Qual a duração das aulas? Qual o tempo esses alunos costumavam ficar conectados?
- 4) Você prefere estar presente de forma virtual ou de forma física nas aulas? Por quê?
- 5) O que é estar presente virtualmente?
- 6) Comente como foi a experiência das aulas online para você?
- 7) Tem algum tipo de relacionamento que você acha melhor no virtual?
- 8) O que é presença para você?
- 9) Qual a diferença de estar presente de maneira física e virtual?
- 10) O que os alunos relataram para você sobre os computadores e celulares que possuíam ou tiveram que adquirir, forma que utilizaram?

## APÊNDICE 4 – TCLE PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa "A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas Tecnologias de Informação e Comunicação" sob responsabilidade da pesquisadora Josemary Galvão Costa. O estudo será realizado utilizando um questionário escrito, seguido de uma conversa sobre o tema da pesquisa para verificar os resultados obtidos por pesquisa bibliográfica em relação as experiências que os alunos do segundo ano do ensino médio regular, do Colégio em Londrina. Haverá um risco mínimo para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados expondo as tecnologias utilizada para acessar e participar das aulas, e será amparado pela pesquisadora que acompanhará todo processo e estará disponível para auxiliá-lo no que for necessário. Inclusive garantindo que não precisará responder qualquer pergunta que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações fornecidas por você e pelo(a) seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em autorizar seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) a participar da pesquisa. Você e seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que serão base para discussão e aprofundamento sobre a existência de um lugar de decisão em relação à presença, e dos benefícios de estar presente nos lugares que trazem crescimento, possibilitando uma escolha consciente do local de presença. E poderá haver benefícios, pois a discussão sobre o conceito de presença, pode levar o (a) estudante a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com sua atenção presente durante as aulas. Sejam estas presenciais ou online. Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia.

E conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata de pesquisa na área de humanas, Art.19. § 2º: "O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização".

Diante das explicações, se você concorda que seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) participe deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

#### Menor participante:

Nome: \_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_

#### Responsável(is)

Nome: \_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Assinatura - Responsável legal

Assinatura - Pesquisador(a) responsável

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador**

Nome Pesquisador(a): Josemary Galvão Costa	Cargo/Função: Mestranda em Comunicação
Instituição: Universidade Estadual de Londrina - UEL	
Endereço: Rodovia Celso Garcia Cid   PR 445 Km 380   Campus Universitário	
Telefone do Pesquisador: 43 99046-8075	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa	

## APÊNDICE 5 – TALE PARA ESTUDANTES QUE OS PAIS AUTORIZAREM PARTICIPAR



### Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)(menores com idade entre 12 a 17 anos)

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa "A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas Tecnologias de Informação e Comunicação" sob responsabilidade da pesquisadora Jocemary Garcia Costa. O estudo será realizado utilizando um questionário escrito, seguido de uma conversa sobre o tema da pesquisa para verificar os resultados obtidos por pesquisa bibliográfica em relação às experiências que os alunos do segundo ano do ensino médio regular, na cidade de Londrina-PR. Haverá um risco para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, porém não é necessário responder qualquer coisa que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder.

Os seus pais (ou responsáveis) autorizarão você a participar desta pesquisa, caso você deseje. Você não precisa se identificar e está livre para participar ou não. Caso inicialmente você deseje participar, mas posteriormente mude de ideia, você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Haverá um risco mínimo para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados usando as tecnologias utilizadas para acessar e participar das aulas, e será amparado(a) pela pesquisadora que acompanhará todo processo e estará disponível para auxiliá-lo(a) no que for necessário. Incluindo garantindo que não precisará responder qualquer pergunta que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Todas as informações fornecidas por você e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado(a) de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que serão úteis para discussão e aprofundamento sobre a existência de um lugar de decisão em relação à presença, e dos benefícios de estar presente nos lugares que trazem crescimento, possibilitando uma escolha consciente do local de presença. E poderá haver benefícios, pois a discussão sobre o conceito de presença, pode levar o (a) estudante a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com sua atenção presente durante as aulas. Sejam estas presenciais ou online. Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia. Seu nome não será utilizado e está livre para participar ou não, caso inicialmente você deseje participar, mas posteriormente mude de ideia, você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa.

Você não terá nenhum custo e poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

É conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata de pesquisa na área de humanas, Art.16. § 2º: "O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização".

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir:

Nome: \_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Participante

Pesquisador(a) responsável

**OGG: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador**

Nome Pesquisador(a): Jocemary Garcia Costa	Cargo/Função: Mestranda em Comunicação
Instituição: Universidade Estadual de Londrina - UEL	
Endereço: Rodovia Celso Garcia Cid   PR-465 Km 380   Campus Universitário	
Telefone do Pesquisador: 41 30448-9075	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa	

## APÊNDICE 6 – TCLE PARA PROFESSORA



### Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)/menores com idade entre 12 a 17 anos)

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa “A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas Tecnologias de Informação e Comunicação” sob responsabilidade da pesquisadora Josemary Galvão Costa. O estudo será realizado utilizando um questionário escrito, seguido de uma conversa sobre o tema da pesquisa para verificar os resultados obtidos por pesquisa bibliográfica em relação as experiências que você e os seus alunos do segundo ano do ensino médio regular, na cidade de Londrina-PR tiveram. Haverá um risco mínimo para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados expondo as tecnologias utilizada para acessar e participar das aulas, e será amparada pela pesquisadora que acompanhará todo processo e estará disponível para auxiliá-la no que for necessário. inclusive garantindo que não precisará responder qualquer pergunta que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Todas as informações fornecidas por você e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informada de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que serão base para discussão e aprofundamento sobre a existência de um lugar de decisão em relação à presença, e dos benefícios de estar presente nos lugares que trazem crescimento, possibilitando uma escolha consciente do local de presença. E poderá haver benefícios, pois a discussão sobre o conceito de presença, pode levar o (a) estudante a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com sua atenção presente durante as aulas. Sejam estas presenciais ou online. Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia. Seu nome não será utilizado e está livre para participar ou não, caso inicialmente você deseje participar, mas posteriormente mude de ideia, você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa.

Você não terá nenhum custo e poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações que serão base para discussão e aprofundamento sobre a existência de um lugar de decisão em relação à presença, e dos benefícios de estar presente nos lugares que trazem crescimento, possibilitando uma escolha consciente do local de presença.

E conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata de pesquisa na área de humanas, Art.19. § 2º: “O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização”. Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome: \_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Participante

Pesquisador(a) responsável

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador**

Nome Pesquisador(a): Josemary Galvão Costa	Cargo/Função: Mestranda em Comunicação
Instituição: Universidade Estadual de Londrina - UEL	
Endereço: Rodovia Celso Garcia Cid   PR 445 Km 380   Campus Universitário	
Telefone do Pesquisador: 43 99946-8075	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa	

## APÊNDICE 7 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA 1

### **T1-1) COMO ERA O SEU TEMPO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA? (EM RELAÇÃO AO TEMPO QUE FICAVA NAS AULAS NO MEET E AS REALIZADAS NA ESCOLA)**

Unfssono - diminuiu

Fala 1 (F) - O tempo livre diminuiu bastante não tinha um horário certo pra gente estudar, as vezes mandavam coisas de noite pra gente fazer de tarefa., as vezes de tarde.

Fala 2 (F) – a casa e a escola misturou, tinha que ficar intercalando.

Fala 3 (F) – pra mim o que mudou é que eu não saia mais de casa.

Fala 4 (F) o relacionamento com os amigos ficou ruim, porque a gente não tinha tanto assunto e nem se comunicava direito.

### **VOCÊS SE ENCONTRARAM DE FORMA FÍSICA DURANTE A PANDEMIA?**

Fala 5 (M) A gente não se encontrava. (várias vezes reafirmando a fala)

Fala 6 (F) a gente ficava em total isolamento

### **T1-2) PERCEBEM ALGUMA DIFERENÇA ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA EM RELAÇÃO A NÃO TER AULA ONLINE ANTES, TER DURANTE A PANDEMIA E VOLTAR AS AULAS NA ESCOLA DE MANEIRA FÍSICA AGORA?**

Fala de todos: sim, muita diferença

Fala (M): Sim. Bastante.

### **DIFERENÇA EM QUE?**

Fala 7 (M) muita diferença no comportamento.

Fala 8 (F) Pra mim ficou bem mais bagunçado e cansativo. Parece que a gente desaprendeu a conversar com as pessoas (concordância dos demais alunos).

Fala 9 (F) a gente desaprendeu ter contato social.

Fala 10 (F) também ficou cansativo porque agora a gente fica com medo, pensando “e se eu ficar doente?”.

Fala 11 (F) e durante a pandemia a gente ficava pensando tenho que me preocupar com a escola e também tenho que cuidar da casa.

Fala 12 (M) a gente mudou um pouco, fico reparando assim. Antes da pandemia eu era de um jeito e agora eu tô diferente.

Fala 13 (F) a pandemia mudou muito as relações que a gente tem com amigo. E como você liga pra escola, como você liga para o seu amigo diminuiu, porque diminuiu o contato, então diminuiu suas referências. E agora você fica filtrando demais, não é mais tão chegado pra conversar.

Fala 14 (M) eu percebi que agora eu estou muito mais no celular, estou muito mais contido, eu estou pouco se fodendo o que está acontecendo em volta assim. A gente fica avaliando qual relacionamento vai querer manter.

Fala 15 (F) eu na pandemia eu aprendi a desenvolver relacionamento. Agora parece que eu preciso aprender ter esses contatos com as pessoas.

Fala 16 (F) as pessoas que vem até você continua, agora o resto... as relações modificam.

### **T1-3) QUAIS OS PONTOS POSITIVOS NO RELACIONAMENTO VIRTUAL ATRAVÉS DE QUALQUER APLICATIVO?**

Fala 17 (M) no jogo tá todo mundo xingando todo mundo, no whatsapp também é mais livre assim. Eu não chegar aqui e começar a xingar o Paulinho por exemplo. No online você não tem medo de falar uma coisa pros outro.

Fala 18 (F) um ponto positivo é ter contato com quem está longe. Agora você consegue ter contato com quem está até do outro lado do mundo. Se você fizer questão você não perde contato com a outra pessoa.

Fala 19 (F) no online você escolhe com que você quer conversar, no presencial não dá pra mutar ninguém.

### **T1-4) E OS PONTOS POSITIVOS NA PRESENÇA FÍSICA?**

Fala 20 (M) Você se sente vivo, presente na relação.

Fala 21 (M) Eu estou olhando aqui pro meu amigo, é muito mais... a gente se sente melhor. Fica mais simples, mais direta, sem muita frescura, sem whatsapp, sem nada.

Fala 22 (F). É mais fácil a comunicação porque você está vendo

Fala 23 (M) Pessoalmente é mais expressivo.

Fala 24 (M) Na presença física eu me sinto mais acompanhado, eu não me sinto sozinho. (confirmações e concordância dos outros colegas da sala)

### **SÓ FAZENDO ESSA PERGUNTA DE FORMA GERAL ENTÃO: VOCÊS SE PERCEBEM MAIS ACOMPANHADOS NA PRESENÇA FÍSICA E A PERCEPÇÃO DE SOLIDÃO NO VIRTUAL?**

Fala da sala em uníssono: siiim

Fala 21 (M) Quando você está online é só você lá

## **APÊNDICE 8 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA TURMA 2**

### **T2-1 COMO ERA O SEU TEMPO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA? (EM RELAÇÃO AO TEMPO QUE FICAVA NAS AULAS NO MEET E AS REALIZADAS NA ESCOLA)**

MUITAS VOZES – É BEM DIFERENTE.

Fala 1 (M) – Mudou tudo. Não vínhamos para escola, agora a gente vem e mesmo antes quando vínhamos é diferente de agora. Mesmo vendo o rosto das pessoas é diferente.

Fala 2 (F) – Nós tivemos que aprender a socializar novamente depois da pandemia. Aprender a conversar e ver a pessoa e entender. O Online era uma presença superficial

Fala 3 (M) – Antes da pandemia o pessoal era mais conectado. Depois da pandemia todos ficaram mais isolados, é mais difícil você se relacionar com a pessoa presencialmente, todo mundo tá mais conectado no celular.

Fala 4 (M) – No online a gente aprendeu se relacionar muito mais pelo celular do que fisicamente, aí é difícil socializar.

Fala 5 (M) – Não existe presença online. Online é uma presença via satélite. Se um dia a internet cair não existe mais presença.

### **T2-2) PERCEBEM ALGUMA DIFERENÇA ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA EM RELAÇÃO A NÃO TER AULA ONLINE ANTES, TER DURANTE A PANDEMIA E VOLTAR AS AULAS NA ESCOLA DE MANEIRA FÍSICA AGORA?**

(não houve necessidade de fazer essa pergunta pois responderam na anterior.

### **T2-3) QUAIS OS PONTOS POSITIVOS NO RELACIONAMENTO VIRTUAL ATRAVÉS DE QUALQUER APLICATIVO?**

Fala 6 (M) – Nas aulas virtuais era não vir para escola.

Fala 7 (M) – Poder dormir mais e ter mais tempo para fazer as coisas.

Fala 8 (F) – eu tinha mais tempo, mas não fazia nada.

Fala 9 (F) – eu tinha mais tempo, e ficava no celular o dia inteiro. Não fazia mais nada na minha vida.

Fala 10 (F) – eu tinha mais tempo, mas fazia menos coisas.

Fala 11 (F) – no virtual as pessoas tem mais coragem de falar o que eles pensam, porque não vai ter ninguém ali.

Fala 12 (F) – a pessoa pode ser mais sincera no virtual, por isso tem muita gente que prefere. Dá pra falar sem encarar as consequências.

### **T2-4) E OS PONTOS POSITIVOS NA PRESENÇA FÍSICA?**

Fala 13 (M) – Percebo. Eu estou ficando grandão. O shape fala por mim.

Fala 14 (M) – na comunicação não verbal a gente tem outra base pra se expressar. Na internet a gente não se vê. Pode ser “a mesma frase”, mas se vendo, usando a comunicação não verbal fica mais fácil de se expressar.

## APÊNDICE 9 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM A PROFESSORA

### 1) Diferenças da “Turma 1” para “Turma 2”, antes, durante e depois da Pandemia de COVID-19?

A Turma 1 eu dei aula antes da pandemia e era muito boa, era excepcional, eram alunos interessados. Em relação a notas eram excelentes, sempre foi. 90% da turma tinha nota bem alta em todas as disciplinas. No conselho de classe eles eram sempre elogiados. Na pandemia deu uma caída, mas ainda entre as turmas da escola era uma que tinha participação de número de estudantes. Eles participavam via chat, faziam as atividades. Não tanto como no presencial, eles eram melhores no presencial. Agora que voltou no presencial embora eles tenham tido uma queda no desempenho em relação ao que eram antes da pandemia, ainda são bem melhores do que eram no virtual. Mas eram muito mais produtivos, em relação a estudo, intelectualidade, eram surpreendentes antes da pandemia.

A Turma 2 eu não conhecia, meu primeiro contato com eles foi virtualmente em 2020. Eu via os alunos dessa turma passarem no corredor, eu ouvia só o barulho deles mesmo em sala de aula. Era uma turma considerada indisciplinada total. Tinham fama de terríveis.

Desde que tive o primeiro contato com eles virtualmente foi apaixonante, maravilhoso. Tinha prazer de dar aula pra eles. Tinham uns sete alunos que possibilitavam levar a aula por um outro caminho. Eles criavam uma situação. E até teve aluno que falou: “professora, nós não somos assim no presencial, a gente é muito ruim, a gente é bagunceiro. Ninguém aguenta nossa turma”. Eu falei: “aqui tá maravilhoso”. Quando voltou a aula eu queria saber quem eram eles. Quando eu voltei para escola e eu queria encontrar as pessoas que eu me relacionei virtualmente e até hoje eu fico procurando e não encontro mais. Quando voltou para as aulas de forma presencial não foi bom, porque voltou as aulas tudo para o mesmo sistema, eu perdi todo esse laço que eu construí com eles. É muito triste.

A Turma 1 As pessoas que eu já conhecia antes da pandemia, o vínculo continuou quando as aulas voltaram a ser presencialmente.

A questão do virtual talvez seja eu. Eu tinha muita dificuldade, eu me esforçava bastante para poder dar as aulas.

### 2) Como foram as aulas, quando elas passaram a ser virtuais?

No ano de 2020 foi virtual o ano inteiro até o primeiro semestre de 2021. O segundo semestre de 2021 foi híbrido com alunos em sala e outros no virtual e no final do ano já estava todo mundo lá. E 2022 foi desde o início totalmente presencial. Aí começaram aparecer alunos com ansiedade, um monte de coisa que não tinha antes da pandemia. Alunos que começaram a sair chorando da sala de aula, não dessas turmas, mas teve tentativa de suicídio. Ninguém está olhando para eles, em nenhum momento, é só estatística, é só dados é só desempenho. Todo trimestre tem avaliação de desempenho, é só o que importa.

### 3) Qual a duração das aulas? Qual o tempo esses alunos costumavam ficar conectados?

As aulas eram das 7:30 até 11:55, com intervalo de 15 minutos (das 10h às 10h15).

### 4) Você prefere estar presente de forma virtual ou de forma física nas aulas? Por quê?

Física, total! Porque eu tenho contato. Olhar nos olhos de verdade. Consigo me aproximar da pessoa. Às vezes só com o olhar você consegue mostrar atenção e ele também. Mesmo a pessoa tá lá com a câmara, eu não consigo ver se está 100% comigo. De forma física eu consigo captar melhor isso. Eu consigo reconhecer mais facilmente, talvez por eu ser analógica, com bastante dificuldade com o virtual, eu tenho mais facilidade de ver as coisas no físico. Porque eu já fui criada assim. Consigo ver se ele está disperso, porque às vezes ele pode estar

com o corpo aqui, mas não estar presente aqui. Eu consigo ver e chamar: “ooo volta”. Não sei se eu consegui ver isso no virtual. Mesmo quando tinha câmara ligada, porque não parecia perto, parecia longe pra mim. Mesmo a pessoa ligadinha ali, parece que ela não está perto, parece que ela está longe de mim. Tem uma sensação de distanciamento. Me sinto distante.

**E tem alguma coisa positiva que você aprendeu nessa experiência virtual?**

Talvez a facilidade com a rapidez da mudança tecnológica na escola. Talvez se eu não tivesse passado por essa experiência eu estaria resistindo ao Educatron que hoje uso em sala de aula, estaria tendo muita dificuldade. Mesmo não gostando hoje eu consigo usar o Educatron. Acho que usar o meeting quebrou um pouco da minha barreira com as TICs.

**5) O que é estar presente virtualmente?**

Eu só sentia que os alunos estavam presentes quando eles estavam comigo, respondendo me fazendo pensar. Quantas vezes eles me fizeram pensar, não foi uma e nem duas dessa turma 2. Me fizeram pensar, como quando acontece em sala de aula quando eles levantam a mão e questionam e contribuem com a aula. Aconteceu muito com a turma 2 no virtual. Então quando eu me sentia presente, quando eles estavam comigo. Eu percebia que eu estava presente com eles.

**6) Comente como foi a experiência das aulas online para você?**

Foi muito sofrido. Eu fui obrigada a aprender usar o *Meet*, como também os colegas. Dois professores que tinham mais habilidade deram a mão para os professores que não sabiam. Foi uma situação de emergência, da noite pro dia a gente teve que aprender. Mesmo assim ficou aquela coisa meio engessada, diferente de sala de aula que dá para criar outras situações. Você estava lá no *Meet*, aí trazia as apresentações, mostrava os slides, colocava de ladinho ali, e não vi alguém que criou algo diferente. E para aprender aquilo ali foi muito doloroso pra mim.

**7) Tem algum tipo de relacionamento que você acha melhor no virtual?**

Claro. Com esses meus alunos da Turma 2. Queria eles de volta. Eu não tenho mais esses alunos.

Você preferia dar aula virtual pra Turma 2 do que de forma física?

Com certeza! Cem por cento! Não consigo, por mais que eu me esforço no físico, eu não consigo trazer de volta o que eu tinha. E era muito bom. Eu me lembro que era a última aula do dia a da Turma 2 e eu pensava, agora eu vou me deliciar.

**O que era tão divertido assim?**

Eu explicava uma matéria, daí a pessoa perguntava alguma coisa relacionada ao conteúdo, mas que te levava a outra situação que fazia parte do todo relacionado a disciplina que ministro. Essa pessoa não entendia como matéria, pra ela era apenas uma coisa corriqueira do dia a dia. E eu puxava aquilo e trazia e aprofundava aquilo dentro da matéria.

Eles não tinham medo de perguntar. Eles expunham os questionamentos deles. O que eles não fazem de forma física talvez por vergonha da turma. Eles falavam coisas que achavam bobagens e não eram bobagens. Eram reflexões profundas. Eles questionavam: “professora, mas e isso aqui?” e a gente ia por um outro caminho, abria, aprofundava e eles participavam e aí crescia o conhecimento, era lindo.

Eles não tinham medo de falar no virtual. Não abriam a câmara, não tinha foto deles, tinha só o nome.

De forma física eles não falam. Quando falam só falam bobagens não falam coisas profundas, de dentro, como era no virtual. No virtual a gente caminhava muito legal. Eles se abriam e deixavam o conhecimento entrar e crescer. No físico não. É só aquela aulinha que bate e volta, responde o que sabe. Mas não questiona.

**Você acha que em você não tinha diferença entre a forma que lidava com eles entre o virtual e o físico?**

Não sei. Talvez a mesma reação que eu tive, eles tiveram. Eu cheguei de máscara, já mostra um distanciamento. Você está lá na frente, as carteiras estão todas lá enfileiradas. Há uma barreira física no presencial. Há um distanciamento no físico. Talvez essa estrutura de escola do jeito que ela é, a disposição das carteiras na sala, é um jeito de bloquear.

Entre em sala de aula com medo da pandemia, fui forçada voltar para sala de aula. Tinha morrido muita gente por causa da pandemia naquele mês de julho. Eu estava em pânico, muitos professores não voltaram. Os alunos também de máscara. A forma como eu cheguei...

**Mas a Turma 1 você também chegou do mesmo jeito?**

É também cheguei, mas está tudo certo. Continuaram iguais. É que eu já conhecia eles. Será que é isso?...

Um exemplo do que aconteceu foi um dos alunos da Turma 2. Ele era um aluno novo, os outros alunos também não conheciam ele. No virtual ele questionava junto com os outros da sala. Participava das aulas, ele batia em questões profundas, os outros se envolviam no debate que tomavam rumos que possibilitavam evoluir no conhecimento. E ele demorou pra voltar pra aula de forma física. E toda turma tinha muita curiosidade de saber quem era esse cara. Quando ele chegou os meninos todos foram até ele. Mas ele se sentiu muito incomodado, com medo. Ele falou: "Professora, por que esse pessoal quer me conhecer? Que é isso?". Eu respondi: "Você é um cara legal, eles só querem te conhecer."

Ele não aceitou isso. Até hoje há problemas na turma em relação a ele, em relação aos professores. Ele virou um problema na sala de aula. Só fala coisas absurdas em sala de aula, só pra chocar. Eu tento defender ele para os outros professores e eles questionam: "e se ele não é aquela pessoa do virtual, se ele é essa pessoa aqui". Tenho pensado sobre isso.

**E a Turma 1 não tinha isso?**

Não tinha.

**8) O que é presença para você?**

Para mim presença é atenção. Posso estar com o corpo aqui e minha atenção não está aqui, eu não estou presente aqui. Tanto que é um exercício que eu faço com as pessoas, eu tento estar presente, é estar aqui com a pessoa naquele momento, cem por cento.

**9) Qual a diferença de estar presente de maneira física e virtual?**

Não me sinto totalmente presente no virtual.

**E com a Turma 2?**

Me sinto! Me sinto mais presente no virtual que no físico com eles. Que louco! Não sei explicar isso!

**10) O que os alunos relataram para você sobre os computadores e celulares que possuíam ou tiveram que adquirir, forma que utilizaram?**

Foi uma confusão isso. Uns tiveram que comprar. Teve aluno que no meio do processo parou de vir porque o celular pifou. E tinha que esperar a mãe poder comprar. Não tinha dinheiro. Pandemia. Escola pública não foi fácil assim não. Quebrava o computador e falavam: “Professora, quebrou o computador, perdi a avaliação, posso fazer depois?”. Muitos casos, muitos casos. Pouquíssimos já tinham computador em casa. Lembro de um aluno que falou na sala virtual: “estou aqui, mas aqui é a casa do meu tio. Eu venho aqui fazer as aulas”. Mas nem todo mundo fala, né?!

E às vezes era um celular pra família toda. Era comum terem que compartilhar o celular. Já vi um irmão ao lado do outro. Tinha uns que era de manhã e à tarde e teve caso que era no mesmo horário, mesmo turno. Alguns revezavam com os irmãos: “você fica nas primeiras aulas, você fica nas últimas”. E os computadores e celulares que eles possuíam eram bem arcaicos. Tinha o *Jamboard*, a direção era a gente inovar, usar coisas novas. Aprendi o tal do *Jamboard*. Toda feliz: “eu vou aplicar o *Jamboard*”, enviei o link pra poderem baixar e ninguém conseguia. Meu celular não aceita esse aplicativo. Era um aplicativo moderno e os celulares todos antigos não aceitavam. De uma turma de 30 que participavam das aulas só 3 alunos conseguiram baixar, então não deu pra usar. E olha que isso foi mais para o final do ano, eu demorei pra aprender mexer nisso.

Você ouvia o barulho na casa. Uma aluna excelente da Turma 1, quando ligava o microfone e era barulho, ruído, tinha criança chorando, a outra com o bebê no colo, era irmãozinho, essa era a realidade. O Governo queria que ficasse com a câmara e o microfone ligado. Eu não fiz isso com meus alunos.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO - LONDRINA****SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED****ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED****TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE**

Londrina, 19 de abril de 2022

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação NRE Londrina, está de acordo com a condução do projeto de pesquisa intitulado: “A relação entre presença física e virtual na era da mobilidade nas tecnologias de informação e comunicação”, a ser realizado pela pesquisadora Josemary Galvão Costa, RG: 3.584.845-2, com participação de professores e alunos matriculados em turmas do Ensino Médio, da rede estadual de ensino, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos, da Universidade

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão professores pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 406/2018 e o Protocolo de Biossegurança, indicado às escolas.

Da mesma forma, temos ciência que a pesquisadora somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do Parecer de Aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

Londrina 19 de abril, de 2022.

Vilze Vidotte Costa

Representante da CAA no NRE

Jéssica Elizabeth Gonçalves Pieri

Chefe do NRE de Londrina

## ANEXO 2 – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - PLATAFORMA BRASIL

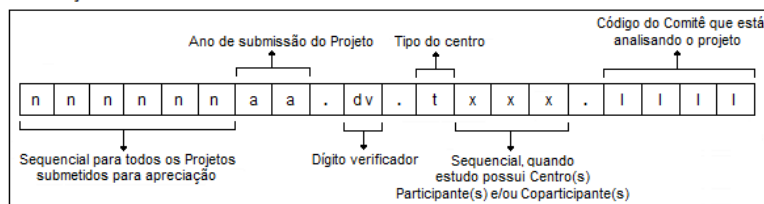
LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:									
Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
Pc	58979022.6.3001.5539	1	JOSEMARY GALVAO COSTA	5539 - Universidade Cesumar - UNICESUMAR		PO	POc	Aprovado	 
P	58979022.6.0000.5231	3	JOSEMARY GALVAO COSTA	5231 - Universidade Estadual de Londrina - UEL		PO	PO	Aprovado	 

### LEGENDA:

#### (\*) Tipo

P = Projeto de Centro Coordenador    Pp = Projeto de Centro Participante    Pc = Projeto de Centro Coparticipante

#### (\*) Formação do CAAE



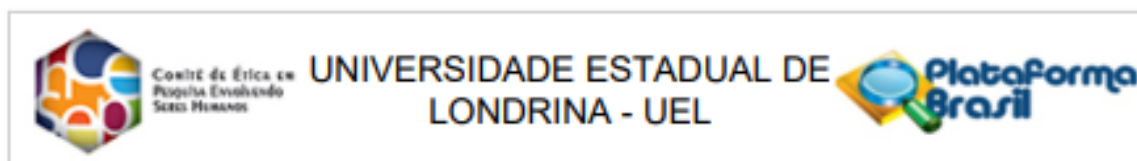
#### (\*) Origem / Última Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

#### (\*) Lista de Projetos de Pesquisa

- A exibição da ação  indica que existem uma ou mais emendas em fila, ou seja, que aguardam apreciação.

## ANEXO 3 – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CENTRO PARTICIPANTE – UEL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA FÍSICA E VIRTUAL NA ERA DA MOBILIDADE NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**Pesquisador:** JOSEMARY GALVAO COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 58979022.6.0000.5231

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Londrina - UEL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.556.296

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa proposta por discente do curso de Mestrado em Comunicação. As relações humanas e a percepção de tempo/espaço têm passado por transformações na sociedade pós-moderna. A conexão do corpo com o lugar chamado "aqui" e o tempo chamado "agora" tem se desmembrado em várias camadas reais/virtuais e isto tem gerado uma fragmentação no (in)divíduo, de tal forma, que as relações "sem corpo material" entraram num movimento crescente e os ecrãs passaram a ser elo entre os seres humanos, tornando a interação face a face cada dia mais "obsoleta" e a "multipresença" uma exigência inesgotável. E neste tempo questões como: qual o lugar e o significado do corpo na era digital?; qual a relação do tempo presente com a mobilidade na comunicação?; quais modificações serão produzidas nos sentidos humanos na sua relação com a tecnologia e sua função de extensão do homem?; precisam ser respondidas para que não sejamos devorados pela "urgência" da presença, pela escassez do tempo, pelo encurtamento dos espaços, pelo excesso de imagens e pela ocupação exacerbada do tempo presente. O método utilizado, para organizar a literatura sobre tecnologias de informação e comunicação, corpo e presença, foi pesquisa bibliográfica. Inicialmente, seguindo a proposta do projeto apresentado para ingresso no mestrado, as leituras foram nas esferas da comunicação, ciência da computação, antropologia, arte, geografia, sociologia e educação física. Posteriormente, com o propósito de confrontar pensamentos de diferentes áreas, agrupamos em conceitos que se aproximavam, e nos que divergiam. Neste processo optou-se por manter autores, principalmente,

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR

**Telefone:** (43)3371-5455

**Município:** LONDRINA

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



Centro de Ética em  
Pesquisa Envolvendo  
Seres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.556.296

ligados ao viés tecnológico e da comunicação por possuírem mais elementos tanto de conexão como de disparidade. Para isto foram investigados livros, artigos e materiais acadêmicos sobre os temas. Conforme a pesquisa foi avançando, constatou-se a necessidade de identificar como a "presença" e o "corpo", em relação as TICs, são percebidos por esta geração que é chamada de "nativos digitais". Pela complexidade do tema abordado, decidiu-se utilizar a entrevista em profundidade, uma técnica da pesquisa qualitativa que, segundo Duarte (2005, p.63), possibilita a identificação das "diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos". E que para o autor fornece "elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema". Para isto foi escolhido entrevistar uma professora de geografia e seus alunos do segundo ano do ensino médio regular, nascidos entre 2005 e 2007, portanto entre 15 e 17 anos, num total de 63 participantes, que possuam no seu currículo do ano de 2021, os conceitos de espaço geográfico e as relações sociais com ele, assuntos que estão imbricados no tema desta pesquisa. Elegemos duas turmas, uma que teve mais envolvimento nas aulas pela plataforma e outra que teve dificuldade em participar. A entrevista será feita em cada sala, com os alunos juntos e sua professora de geografia.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário:

Mostrar e confrontar as visões de estudiosos da comunicação, da ciência da computação, da geografia, da antropologia, da arte e da educação física a respeito das transformações ocorridas, a partir da mobilidade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), no conceito de presença física e virtual e sua relação com o local onde está o corpo.

E também relacionar estes dados com os resultados obtidos com as respostas das entrevistas feitas com estudantes do ensino médio e sua professora de geografia, que durante a Pandemia começaram utilizar as TICs..

Os objetivos secundários:

Identificar, descrever e analisar as convergências e divergências entre as visões dos pesquisadores das diferentes áreas de conhecimento sobre o objeto de estudo.

Cartografar os símbolos de presença, descritos na literatura analisada nas eras anteriores e na era atual, identificando se houve transformação significativa e quais foram.

Confrontar as relações presenciais e de forma virtual mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Entrevistar alunos que no ano de 2021 tiveram aulas por meio das TICs e em 2022 voltaram as

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

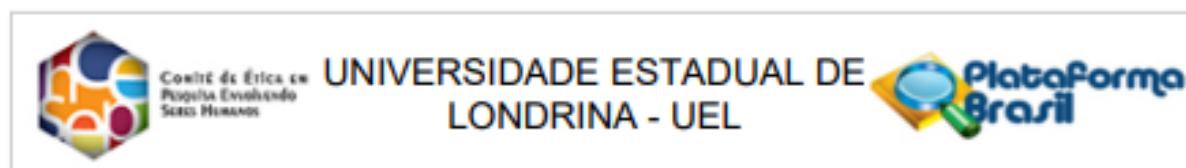
**CEP:** 86.057-970

**UF:** PR

**Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**E-mail:** cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.556.296

aulas presenciais.

Investigar sobre sua relação com a presença física e virtual durante as aulas.

Conectar e discutir as áreas que tiveram maior convergência na literatura, cruzando as respostas e levantamento feito pelos alunos.

Dar um retorno a escola que permitiu a pesquisa, professora e alunos entrevistados. Por meio de cópia da pesquisa e uma palestra oferecida a instituição.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Haverá um risco mínimo para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados expondo as tecnologias utilizada para acessar e participar das aulas, e será amparado pela pesquisadora que acompanhará todo processo e estará disponível para auxiliá-lo no que for necessário. Inclusive garantindo que não precisará responder qualquer pergunta que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder.

**Benefícios:** A discussão sobre o conceito de presença, pode levar o aluno a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com sua atenção presente durante as aulas. Sejam estas presenciais ou online. Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante para a área de conhecimento.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto devidamente assinada e carimbada pela coordenação da Pós Strictu-Senso

Cronograma apresentado está adequado, coleta de dados com docentes e discentes de 08/08/2022 a 12/08/2022.

Orçamento e financiamento: orçamento apresentado e financiamento próprio.

TCLEs: Está na forma de convite, a linguagem é acessível, os riscos e benefícios foram apresentados.

Instrumento de coleta de dados foi apresentado em anexo no Projeto Brochura

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências

<b>Endereço:</b> LABESC - Sala 14	<b>CEP:</b> 86.057-970
<b>Bairro:</b> Campus Universitário	
<b>UF:</b> PR <b>Município:</b> LONDRINA	
<b>Telefone:</b> (43)3371-5455	<b>E-mail:</b> cep268@uel.br



Comitê de Ética em  
Pesquisas Envolvendo  
Seres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.596.298

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresentá-lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1924250.pdf	13/07/2022 16:27:02		Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_responsaveis_adolesc_JUL22.pdf	13/07/2022 16:24:29	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Outros	Autorizacao_diretora_assinada.pdf	01/07/2022 15:57:49	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Centro de Ética em  
Pesquisa Científica  
UEL - Londrina

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.598.298

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tele_estudantes_adolescentes_jun22.pdf	21/06/2022 13:08:46	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tele_professora_jun22.pdf	21/06/2022 13:08:32	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_JOSEMARY_GALVAO_JUN_2022.pdf	21/06/2022 13:04:10	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	SOLICITACAO_PESQUISADOR.pdf	24/05/2022 20:50:47	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_assinada_Plataforma_Brasil.pdf	24/05/2022 19:45:04	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

LONDRINA, 01 de Agosto de 2022

Assinado por:

Adriana Lourenço Soares Russo  
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep208@uel.br

## ANEXO 4 – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CENTRO COPARTICIPANTE – UNICESUMAR

UNIVERSIDADE CESUMAR -  
UNICESUMAR



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A RELAÇÃO ENTRE PRESENÇA FÍSICA E VIRTUAL NA ERA DA MOBILIDADE NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**Pesquisador:** JOSEMARY GALVAO COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 58979022.6.3001.5539

**Instituição Proponente:** PARANA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.590.722

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa é qualitativa. O projeto apresentado está vinculado ao Mestrado em Comunicação, da Universidade Estadual de Londrina. A Instituição proponente é a Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Participam do estudo professores e alunos do segundo ano do Ensino Médio regular do Colégio Estadual Nilo Peçanha, em Londrina. Será realizada análise de conteúdo para interpretação dos dados.

#### Objetivo da Pesquisa:

Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Haverá um risco para saúde emocional caracterizado por constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, portanto não é necessário responder qualquer coisa que possa lhe causar desconforto e que não se sinta bem em responder.

os resultados fornecerão informações que serão base para discussão e aprofundamento sobre a existência de um lugar de decisão em relação à presença, e dos benefícios de estar presente nos lugares que trazem crescimento, possibilitando uma escolha consciente do local de presença. A

**Endereço:** Avenida Guedner, 1610 - Bloco 11 - 5º piso

**Bairro:** Jardim Aclimação

**CEP:** 87.050-390

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3027-6360

**E-mail:** cep@unicesumar.edu.br

Continuação do Parecer: 5.590.722

discussão sobre o conceito de presença, pode levar o (a) estudante a questionar a importância de estar presente, não apenas de forma física, mas com sua atenção presente durante as aulas. Sejam estas presenciais ou online. Despertar a professora e aluno sobre os benefícios de estar presente em todas as atividades de seu dia.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto factível com temática relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os Termos de apresentação obrigatória estão adequados.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Favorável à aprovação. Ao CEP para deliberação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_responsaveis_adolesc_JUL22.pdf	13/07/2022 16:24:29	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Outros	Autorizacao_diretora_assinada.pdf	01/07/2022 15:57:49	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_estudantes_adolescentes_jun22.pdf	21/06/2022 13:06:46	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_professora_jun22.pdf	21/06/2022 13:06:32	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_JOSEMARY_GALVAO_JUN_2022.pdf	21/06/2022 13:04:10	JOSEMARY GALVAO COSTA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

Endereço: Avenida Guedner, 1610 - Bloco 11 - 5º piso

Bairro: Jardim Aclimação

CEP: 87.050-390

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3027-6360

E-mail: cep@unicesumar.edu.br

UNIVERSIDADE CESUMAR -  
UNICESUMAR



Continuação do Parecer: 5.598.732

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MARINGÁ, 18 de Agosto de 2022

---

**Assinado por:**

**Sonia Maria Marques Gomes Bertolini**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Guedes, 1510 - Bloco 11 - 5º piso

**Bairro:** Jardim Aclimação

**CEP:** 87.050-390

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3027-8360

**E-mail:** [cep@unicesumar.edu.br](mailto:cep@unicesumar.edu.br)